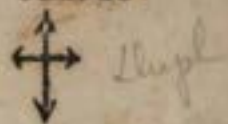


1749



SUGESTÃO DESAFORADA... aparentemente!

So é que realmente a II Guerra Mundial nos ensinou algo (os repub-
licanos s-democrateiros s' sabem aprender apanhando, atesta-o a experiên-
cia!), precisamos estar preparados nesta grave conjuntura do mundo (nova
guerra possível a qualquer momento) para não sofrermos o mesmo que na pas-
sada. Eis o que a AIPD considera o mínimo necessário!

- 1) Aumentar e defender com unhas e dentes, contra quem quer que se-
ja, a nossa S I L E R U R G I A.
- 2) Tratar de conseguir auto-suficiência, quanto antes, no P E T R Ó-
L E O e no C A R V Ã O.
- 3) Produzir e defender o nosso T R I G O contra os trustes e tu-
do mais (com violência se necessário), para nos libertarmos da fome, das
filas infantantes, da exploração estrangeira e da humilhação.
- 4) Fazer-nos o mais breve possível capazes "eficazmente" de de-
fender os nossos CAMINHOS MARÍTIMOS (como nos tempos imperiais) e so-
bretudo garantir a nossa CABOTAGEM.
- 5) Cuidar "sériamente" das nossas VIAS INTERNAS: rodoviárias, fer-
roviárias (ligação completa Norte-Sul, pelo menos), fluviais e canalís-
ticas, complementando-as com as aéreas.
- 6) Fomentar "realmente"-com créditos, financiamento, assistência
técnica (e até sanitária ao trabalhador rural nacional, como fazem ao
... imigrante estrangeiro...), além da redução de impostos, a PRODUÇÃO
DE ALIMENTOS ESSENCIAIS: o trigo já citado, feijão, arroz, milho, legu-
mes, verduras, carne; etc... E dar-lhes TRANSPORTE até aéreo, se in-
dispensável!
- 7) Colir-com multas, cadeia, confisco de bens e, finalmente, na
reincidência contunaz, com FÓRÇA (não é força -- é força! Mude-se a
constituição se for preciso), o MERCADO NEGRO e outras formas de rou-
bo. Isso para os nacionais. Para estrangeiros, confisco dos bens e ex-
pulsão.
- 8) Manter um mínimo (escol) da FÓRÇA ARMADA permanentemente adestra-
díssimo e com todos os recursos da técnica moderna para entrar em acção
bélica "imediatamente" onde quer que seja, antes de mobilização geral.
E, com essa, nada de economia estúpida e perigosa.

x x x x

O governo que se orer incompetente e sem força moral para realizar
tudo isso, QUE É VITAL PARA O BRASIL, deveria logicamente demitir-se e en-
tregar o Estado Brasileiro a quem pode e pode funcionar eficientemente, isto
é -- ao IMPERIO, que é o nosso único sistema legítimo e natural de go-
verno, afim de não virmos a cair, como a China republicana desde 1915
e outros países, nas garras abjectas dos criminosos internacionais.

Com-efeito, "As divisões provocadas pelos partidos, diz muito bem A Ga-
zeta", 9.2.49, enfraquecem a unidade política das nações. Todos gritam que a
sua luta é por uma pátria maior e mais respeitada. Se o desejo de todos é
um só, por qué não reformam seus programas afinando-os pelo mesmo sentido
que a todos empolga?"

Ingenuidade republicana, Dona Gazeta! O melhor para os partidos é dis-
solverem-se espontaneamente a Bem da pátria, com toda a sua demagogia e vo-
caciade, deixando as forças sociais verdadeiras -- a PRODUÇÃO NACIONAL, re-
presentarem-se directamente... sem eles. Para os idiotas e velhacos isso
soa fascismo. Não assin para quem sabe História, Sociologia e Política.

¿Não há associações de lavradores, professores, advogados, médicos, enge-
heiros, economistas, comerciantes, contadores, industriários, comerciários,
funcionários públicos de todas as espécies, farmacêuticos e outros profis-
sionais? É só sistematizar essa REALIDADE para a representação e mandar às
lavras o intermediário artificial que geralmente significa -- ladrão e mal-
feitor!

"Democracia" no sentido grego legítimo e patrianovista significa FÓRÇA-
DO-POVO. Ora, a força do povo é a profissão, o trabalho. O resto é apenas
MISTIFICAÇÃO. E deixem de falar tanto em democracia. Isso não resolve nada.

À V I V A A M E M Ó R I A D E S U Y A I

Leia "O governo dos príncipes", de Tomás de Aquino, tradução de A. Veiga Dos Santos, para
A. Veiga Dos Santos

NOTAS DOUTRINÁRIAS

A Igreja precisa do Estado, como a alma precisa do corpo.

O Estado precisa da Igreja, como o corpo precisa da alma.

Pode a alma estar sempre em paz com o corpo?

Desejável fôra que o pudesse.

Pode a Igreja, nesta peregrinação contingente e contraditória, estar sempre em paz com o Estado?

De desejar seria que o pudesse.

Nem por isso deixam de ser solidários com os do corpo os interesses da alma, e os do Estado com os da Igreja.

Enquanto peregrinamos neste exílio, padecem dêle as suspiradas harmonias perdidas com o pecado original, tanto na pessoa individual, se assim é lícito dizer, como na pessoa colectiva.

Somente a plenitude da Redenção poderá mudar esta situação precária e lastimosa que postula o Reino de Deus.

À questão capciosa que se Lhe propôs, respondeu o Senhor por aquela divina maneira assás conhecida:

"DAI A CÉSAR (Estado) O QUE E' DE CÉSAR E A DEUS O QUE É DE DEUS".

Se César ali é o Estado, Deus ali é a Igreja, seu Corpo Místico no tempo a caminho da eternidade.

"Dai a Deus o que é de Deus".

Está César ou o Estado fora dêsse *dar-se*, fora dessa doação?

De modo nenhum. César também é de Deus.

Dai "a César" o que é de César e a "Deus" o que é de

Deus implica apenas uma gradação e distinção de funções, que não uma separação herética.

E nisso erra muita gente boa, cuja responsabilidade exigiria cuidasse melhor de aprofundar a ciência e pedir a graça da Sabedoria a Deus.

Distingue-se do corpo a alma — mas o destino é do homem integralmente considerado.

Assim também o Estado. Ou se afirma como realizador das condições temporais para a consecução e realização do Reino de Deus, ou se omite criminosamente como pagão irredento.

Estado que não realiza a Ordem que Deus quer cria a desordem satânica em TODA a vida das colectividades.

É díscolo e traidor das suas responsabilidades todo politico cristão jejuno dessas verdades salvíficas.

"Dai a Deus o que é de Deus".

Dai, pois, César a Deus vós todos que haveis o poder eficaz de fazê-lo, se não quereis trair o Espírito e condenar-vos, porque certamente SEREIS CONDENADOS pela omissão.

Ou, ainda, dê-se, entregue-se César "si" próprio a Deus.

Somente assim poderemos nós todos, por nossa vez, "dar a César o que é de César", sem nos furtarmos ao nosso destino último. Somente assim, poderá a humanidade salvar-se dos seus demónios inumeráveis.

Talvez pareçam duras estas palavras aos superficiais e ignorantes "filhos dos homens".

São, porém, verdade e vida.

Arlindo VEIGA DOS SANTOS

Chefe Geral Patrianovista

NÃO HÁ DÓVIDA ALGUMA DE QUE A MONARQUIA É AINDA PARA O BRASIL O MELHOR DOS GOVERNOS. FOI UM GRANDE ERRO A REPÚBLICA PARA O BRASIL. — Getúlio Vargas

(Palavras ditas no Palácio do Grão-Pará e reproduzidas na "Tribuna de Petrópolis", em 15-8-1951).

Monarquia e República

A. VEIGA DOS SANTOS

A Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus próprios princípios. Assim, decalou em adoptando o absolutismo cesarista por influência dos legistas romano-paganizadores do Ocidente. Os últimos reinados franceses dos Luíses; o josefismo na Austria; o pombalismo em Portugal; Aranda na Espanha; — tudo isso foram erros contra os princípios realistas. Depois, a liberalistização, "democratização", partidarização, parlamentarização constitucionalista, minando e depauperando a velha Monarquia Orgânica cristã dos Estados Gerais, das Córtes, dos Fors e Forais, dos Mesteres que, variada em toda a Europa segundo os diversos ambientes nacionais, formava a Cristandade. Vícios foram aqueles que, anti-monárquicos, bloquearam os Reinos verdadeiros, frutos de longa experiência histórica, vivida desde antes da cristianização ocidental, que não utopias nominalistas fautoras da balbúrdia actual da Europa traidora de si mesma.

Confirma-se, pois, que a Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus princípios.

• • •

A república, todavia, melhora na medida em que se aparta dos seus princípios. Porque estes são falsos. Os Estados-Unidos presidencialistas, a Suíça do Conselho Supremo, Portugal do Estado-Novo, a Espanha falangista são menos repúblicas do que p. ex. a França parlamentarista, o Brasil confusionista, a Itália multipartidária, o Paraguai, a Bolívia, etc., alguns deles arremedos mais ou menos imbecis dos Estados-Unidos, arremedos totalmente arremedios da realidade histórica e actual dos néscios estados imitadores.

Não é, porém, maravilha conservar-se o Brasil de pé apesar da república. Tal conservação é fruto da incoerência (bendita incoerência) dos republicanos que abandonam praticamente os princípios republicanos nas horas graves ou quando, objectivamente, constataam que os tais "imortais" princípios não funcionam...

Val razão com Oliveira Viana ao asseverar:

"Nestes dois volumes (Instituições Políticas Brasileiras), que versam sobre a sociologia e metodologia do direito constitucional no Brasil, procuro, com efeito, debater e esclarecer, de maneira objectiva, três temas da nossa publicística, que considero principais. Estes temas são:

1) Na vida política do nosso povo, há um direito público elaborado pelas elites e que se acha concretizado na Constituição.

2) Este direito público, elaborado pelas elites, está em divergência com o direito público elaborado pelo povo-massa e, no conflito aberto por esta divergência, é o direito do povo-massa que tem prevalecido praticamente.

3) Toda a dramaticidade da nossa história política está no esforço improficuo das elites para obrigar o povo-massa a praticar este direito por elas elaborado, mas que o povo-massa desconhece e a que se recusa obedecer”.

A constituição mais republicana do Brasil (contra o Brasil), portanto a pior também, foi a de 1891, tabu para tantos primários constitucionalistas: esteve suspensa por estados de sitio e de guerra por uns vinte anos durante os 41 da república velha, na qual (diziam) estava “em vigor” (!).

Causa tremendas desordens a passagem da Monarquia para a república. A reciproca não é verdadeira.

A regência de 1831 (certa república) gerou a desordem em todo o Brasil; a Maioridade (volta à Monarquia) extinguiu-a. A república em 1889 renovou a desordem total (falta de estabilidade em todos os aspectos da vida nacional, falta de ORDEM!), que perdura...

Neste século, trouxe a república agitações sem conta à China (1905), a Portugal (1910), à Rússia (1917), à Espanha (1931), à Itália pouco faz.

Ao contrário a instauração monárquica na Noruega em 1909 e a restauração da Monarquia grega (embora liberal) antes da 2.ª Guerra Mundial.

Poderíamos multiplicar os edificantes exemplos por toda a história do Ocidente. E estamos lógica e realisticamente autorizados a afirmar que a Monarquia piora na medida em que se afasta dos seus princípios, ao passo que o contrário se dá com a república: melhora na medida em que se alonga dos seus.

VIVA A NOVA MONARQUIA BRASILEIRA!

Acção Imperial Patrianovista Brasileira

8, Rua Silveira Martins, 3.º — Imperial Cidade de São Paulo

Leia a *ORGÂNICA PATRIANOVISTA*, Preço Cr\$ 30,00
nas livrarias de S. Paulo, Rio e Pôrto - Alegre.

INDICE

	Pág.
I. VERSOS DA MISSÃO:	
Duas aspirações	5
Vocação proibida	6
Amor à solidão	7
Por quê?	8
II. VERSOS DA CONTRADIÇÃO E DA DÚVIDA:	
Tenho ódio	9
Visão de febre	10
Bolhas do sabão	11
Desejar	12
Caminho da Missão	13
III. VERSOS DA FÉ E DA ESPERANÇA:	
Pobreza	14
A São Paulo — Apóstolo	15
Maio	16
Súplica de amor à Virgem	17
A Língua Portuguesa	18
IV. VERSOS DA ALEGRIA E DO ABANDONO:	
Sob a razão da Eternidade	19
Rosendo Ribeiro	20
Fora da mãe	21
Quando tudo passar... ..	22
Rede ao mar	23
Almas sorriem	24
Quadras, págs. 6, 10, 11, 12, 18, 20, 21, 22, 23.	

VERSOS DA MISSÃO

I

DUAS ASPIRAÇÕES

A primeira seria unicamente
ser um monge, um sábio solitário,
em oração mental continuamente
fazendo da alma um divinal sacrário.
E, ali, do mundo
não entraria
nem a alegria,
nem nada imundo.

A segunda seria, unicamente,
ser um profundo e virgem sonhador
que pensasse um programa fundamental,
para tornar-se assim reformador;
que manejasse, a-par do pensamento,
as armas belicosas do guerreiro
e, depois de alcançar o nobre intento,
morresse na batalha sem ter glória,
sem fama, sem saudade, sem memória,
sem túmulo, sem cruz, sem monumento.
E a sepultura
nunca lhe diria
em romaria
tanta loucura.

VOCAÇÃO PROIBIDA

A minha vocação de homem-do-mar
afrentador do oceano e as tempestades,
a vida me impediu, e nas cidades
me colocou de todo homem vulgar.

Pobre albatroz que quis imensidades
do argento neptunino perflutrar
levando a glória do Brasileiro Lar,
do que eu seria eu sinto já saudades...

Saudades do possível que não fui,
eis o que muitas vezes constitui
a dor do sacrifício que aceitei.

Ouço ao longe bramido formidando,
silvos, estrondos, escarcéus sem lei:
é o meu amigo, o Mar, que está chamando!

QUADRA

Senhor; eu nunca tive dor tão forte;
por isso, quero dar-Ta em oblação:
recebe de presente a própria morte
que habita o fundo do meu coração.

AMOR À SOLIDÃO

Eu tenho o amor dos mares infinitos,
dos oceanos sem fim;
de horizontes em que, com olhos fitos,
só a ilusão do termo haja pra mim.
Tenho o amor dos desertos infindáveis,
onde a alma fica só perante Deus,
das florestas e campos incontáveis,
dos picos formidáveis,
onde se sintam só os sonhos meus.
Tenho o amor d'esses céus nos descampados
em que me sinto só diante do Infinito
e da minha miséria.

Tenho o amor das distâncias desmedidas
perdidas nas distâncias.
Parece que elas encham minhas ânsias
nestas cogitações que vão perdidas
nos abismos do ser.
Tenho o amor das distâncias desmedidas
perdidas nas distâncias.

Eu vivo no barulho do meu tempo
buscando a Solidão;
mas foi dentre os fragores do meu tempo
que Deus me conferiu minha Missão.
E eu tenho de agitar-me em tempestades
criando dentro em mim a Solidão
onde vive o Senhor.

Senhor! faz em mim-mesmo, para a paz,
os mares, as montanhas, os desertos,
as distâncias sem fim,
E, como o teu Amor o mal desfaz,
vá eu tão longe em meu amor contigo,
que, renunciando a mim por meu Amigo,
desapareça assim
e, na mística união, sejas Tu só sem mim.

POR QUE?

Na consciência de mim, quando inda pequenino,
vi-me, triste, no mundo, em um ambiente estranho,
Fervia dentro em mim qualquer fogo divino
que eu cultivava em dor, por difícil amanhã.

Quê foi de mim? Quem sou? Por que oculto destino
oro, pedaço e luto e choro e, às loucas, banho
meu coração no horror de um mistério serpino
e, sem querer, forçado, uma estrela acompanho?!

Juncarem-me o caminho imensos sonhos mortos:
por quê? Por que missão todo o humano me foga
e o meu barco da vida anda ao largo dos portos?!

Por quê desejo sempre e árduo Ideal me devora?
Por quê não acho nunca estado que me aloje
e, preso do dever, ardo por ir-me embora?!

VERSOS da Contradição e da Dúvida

TENHO ÓDIO

Tenho ódio do pecado, tenho-lhe ódio
porque minha alma, nele, se entristece.
Mal o cometo, logo depereço
e festa do meu peito, no episódio.

Tenho ódio do pecado, tenho-lhe ódio
pois sem Jesus tudo que sou falece:
fico sozinho no meu mal que cresce
e sem a ajuda do Anjo meu custódio.

No entanto, meu Jesus, eu não consigo,
por mais que faça, ficar sempre fórra
dessa miséria de que sofro e morro.

Quando, Senhor, serás meu ódio firme,
tão firme que me sejas Tu o amigo,
único Amigo que meu bem confirme?!

VISÃO DE FEBRE

Na última ilusão da minha acerba vida,
senti meu coração estar mumificado;
de rugas se vincou meu semblante pesado,
e toda a sensação me pareceu perdida.

A cabeça estalava em febre consumida,
e apertei-a entre as mãos, fremindo desvairado;
friccionei-me no peito e busquei, treloucado,
o coração reter, na pulsação seguida.

Trágico, olhei o céu numa expressão de louco,
e, então, vi desenhar-se, em nuvem, pouco a pouco,
um vulto feminino de braços para o alto.

E a febre me cresceu, cresceu-me o ansioso grito,
porque a virgem de luz me apontava o infinito,
e o infinito é a razão do bem de que sou falto.

QUADRA

Não ponhais nas colunas do meu débito
as esmolas possíveis que não dei.
Usai da divinal misericórdia
pore as falhas do bem que pratiquei.

BOLHAS DE SABÃO

Das bolhas de sabão que uma menina
fazia ali na rua do Progresso,
policroma, no espaço abrindo acesso,
veio uma aos pés cair-me repentina.

Tinha dos sonhos o fulgente excesso,
tinha da esperança o côr pura e divina,
tinha o azul celestrial, a peregrina
rosácea côr, no mágico recesso.

E todo esse compêndio de magias,
promessas apolíneas de alegrias,
ante mim veio, humilde, se findar.

E eu pensei: — Quanto engano em minha vida,
quanto gente a ilusão também fingida,
vi, aos meus pés, quais bolhas, se apagar!

QUADRA

Perdoei meus desesperos ferros, rábidos,
que escondi por amor dos pequeninos.
Perdoei se alguma vez censuras íntimas
foram apreendidas por meninos.

DESEJAR

Desejar! desejar!... Ah! se eu pudesse
dizer toda ansiedade que isto exprime,
como é sinistro, trágico e sublime,
o vulcanear dum'alma que apetece!

Desejar! desejar!... Daquelo crime
primevo, toda a pena transparece
na imensa dor que nunca mais falece
à vontade sem pouso em que se arrime.

Nada basta a estes olhos, este peito,
esta razão, esta vontade louca
de ter, de ser, presa no corpo estreito.

Desejar! desejar!... Sobra, intelecto!
Busca infinito — a paz de todo afeto,
que, para nós, toda volúpia é pouca!

QUADRA

Quando te ouço, choroso,
tocando o teu violão,
eu não sei quem é que chora:
se é ele ou teu coração.

CAMINHO DA MISSÃO

Sai pelo caminho da Missão
cheio de sol, de cantos e perfumes,
de flores e de música, e loução
riso e luzir de encantadores lumes.

Rio o Céu na minha alma e nas alturas;
eram verdes os montes; coloridas
as veigas, as lezírias, as planuras;
azues os mares, rios; louras vidas
parejavam nas vivas criaturas.

Depois, vieram trevas, nêugas, nojos;
murcharam flores; vieram os espinhos;
dragões, serpentes de tremendos rojos
surgiram iminentes nos caminhos.

Na noite das estradas, mil fantasmas;
nos espaços nauseantes, avos feias;
no ar mefítico, fônebres miásmas
e na minha alma abresadoras teias.

Meus companheiros foram transformados
em medonhos ciclopes rugidores.
Meu peito agonizou em roucos brados:

— Pois é tal a Missão, Céus abençoados?
Quê farei, ó Senhor dos mais senhores?!

VERSOS
da Fé e da Esperança

POBREZA

"Le soir de cette vie, je paraîtrai devant
vous les mains vides, car je ne vous
demande pas, Seigneur, de compter mes
œuvres". Santa Teresinha.

Quando eu morrer, Senhor, eu surgirei
diante de Ti, de ambas as mãos vazias.
Não terei nada, meu Divino Rei,
que fôsse meu no curso dos meus dias.

Meus, os pecados sô. Esses, eu sei
que o Sangue teu nos lavarâ nas vias;
as virtudes, porém, não poderei
minhas dizer: de graça m'as enviast!

Não contes meus pecados, Jesus meu,
— únicos frutos de minha alma langue:
afoga-os na piedade do teu Sangue.

Sem merecer, nasci de cristão Raça:
sem força, est'alma pobre amou e creu:
espero a salvação por tua Graça.

A SÃO PAULO - APOSTOLO

Neste dia, São Paulo, em que Paiva e Anchieta
essentaram na cole a taba de Jesus
para gritar bem alto as vozes do profeta
e fazer Pindorama o profeta da Cruz:

neste dia em que Deus fez Cidade Dileta
nossa Piratininga — e Terra que conduz! —
e, do índio à maneira, a Sua Voz fez seta,
e, das almas pagãs, fez arcos da Sua Luz:

roga, São Paulo, a Deus conserve eternamente
a insigne Vocação da Gente Paulistana,
unitária, imperial, apostólica e ardente,
cerne forte da Raça, alma do nosso Império,
paedino da Paz, do Rei dos reis ufano,
prêgador do Evangelho ao sulino hemisfério.

MAIO

Lindo mês de Maio que venero tanto,
vens cheio de encanto, de alegria e flores;
nascem manhãs puras, fulgem lindas noites,
apesar de açoites de hibernais rigores.

Que saudade grande que me vai no peito
quando o bronze, afeito ao soluçar de unção,
como um crente fala dos meus ais passados
e os felizes brados do meu coração!

Lindo mês de Maio, glória de Maria,
quanta paz sardia vens a nós trazer!
Desde a ermida pobre, sai rumor de preces
que retornem meses de cristão prazer.

Quando vejo, ó Maio, teu pompal tesouro
todo feito de ouro, de lindezas tais,
num desejo imenso fatalmente eu caio,
de florido Maio que não finde mais.

Lindo mês de Maio que venero tanto,
quando trazes canto, com teu riso e flores,
lembre a Virgem pura, só com seu sorriso,
feliz paraíso para as nossas dores.

Findo o inverno triste desta soledade,
nunca de saudade chore o bronze em ais.
Oh cantarmos sempre, sem terreal desmaio,
num eterno Maio que não finde mais!

SÚPLICA DE AMOR

A VIRGEM

O Mãe, se o meu amor Te é tão pequeno,
é imenso o meu desejo de Te amar,
Que eu cresça neste amor de gozo ameno
e não lhe queira a meta limitar.

Que cresça o meu amor e que sereno
o coração não fique em desejar;
que eu sinta o meu amor sempre pequeno,
inda que o veja em chamas abrasar.

Obra a maior das obras do Deus forte,
que em amar-Te eu mais amo o Amor Supremo
— Sai da tua Luz, que ardente nos conforte.

Pelo querer que eu tenha de amar tanto,
incende os meus ideais em fogo santo
e sê meu anjo no momento extremo.

A LINGUA PORTUGUESA

Língua dos meus Avós d'Além-Mar, potestade
que ligou o montante ao riço tengapema!
Língua que não maldiz, Língua que não blasfema,
Língua que dá louvor à Divinal Trindade!

Língua cheia de côr, de sol, carícia extrema,
Língua que nos criou os moles da saudade!
Língua do nosso amor, da nossa alecridade,
e que canta do berço até a hora suprema!

Eu amo-a, porque é pura e íntegra o nosso Império:
porque nos faz Irmãos por todos êsses mares
e terras, que nos vêm dos nossos velhos Pares.

Língua de alturas cheia e cheia dos abismos,
há-de sempre exaltar o profundo mistério
dos fados nacionais, de glórias e herosmos!

QUADRA

Queria que a vista humana
fôsse como essa cortina:
não tapasse às nossas almas
o ver a essência divina.

IV

VERSOS de Alegria e do Abandono

SOB A RAZÃO DA ETERNIDADE

Viver sob a razão da Eternidade
(que tem aqui apenas um começo)
é ter consciência da imortalidade,
desviar do transitório o mau tropêço.

E' não temer da morte e acerbidade
que é, para nós, da glória o fraco preço
e vencer, na Santíssima Trindade,
da miséria do seculo o instante espesso.

Quem à razão do Eterno cõscio vive
realiza a unidade do destino,
cumpre, na lei da Graça, a vocação.

Passa incólume o atual riscoso aclave
e, sob a mão do puro Amor Divino,
consegue todo o fim da Redenção.

ROSENDO RIBEIRO

Foi soldado fiel. Deixou exemplo
de nobreza e valor a tôda a tropa.
Tinha os ardôres dum guardião do templo,
dos Cavaleiros da medieva Europa.

Quando os homens falidos eu contemplo
na traição desleal que hoje se topa,
"Foi soldado fiel! Deixou exemplo!"
é fonte à fé que à minha esperança ensopa.

Nunca cessou, na sua voz de crente,
a voz do "Glória!" que, na hora incerta,
convocou para o Ideal a nossa Gente.

Tenha-o consigo a Divinal Trindade,
cujo Reino prégou. E, na saudade,
viva conosco o seu heroísmo alerta.

QUADRA

Onde está a felicidade?
Lê as palavras dos Céus:
ganharás a eternidade
amando fervente a Deus.



FORA DA MODA

A honra preferiste ao vil dinheiro,
renunciando a honras e proventos;
e livre, e nobre, e altivo, e sobranceiro,
tens na própria consciência os teus contentos.

Nos bancos não tens nada. No celeiro
divino, tens tesouros opulentos.
És orgulho do Lar e, prazenteiro,
dês ao trabalho os entusiasmos bentos.

Tu passarás talvez incompreendido
dos donos-dêste-mundo, no teu pósto,
sem aos conselhos tolos dar ouvido.

Basta-te ser fiel à tua consciência
e (fiques rico ou pobre) na existência
comer o pão com suor do "próprio" rosto.

QUADRA

Se a tua alma como o piano
tivesse maquinas,
de suas teclas ou tirara
as mais puras melodias.

58445

QUANDO TUDO PASSAR...

Quando tudo passar que me rodeia
o eu, de alma só, for totalmente só,
hoi de partir como minha alma anseia
levando o pão deste ser da pó.

N'ares em fora eu vogarei sem pola,
dos desongares carregando a má,
clics mirando os céus, o oceano, a orla
e nada mais, para sentir-me só.

Entre as borrasças e as tragédias cruas,
sonharei com as plagas encantadas
do Céu das alegrias sem paradas.

Cessem logo as agruras da Missão,
que eu tenho sede das delícias tuas,
ó linda, ó aspirada solidão!

QUADRA

Se pequei na virtude de obediência
quando conciente não obedeci,
perdoai as ilusões do meu arbítrio
nos erros aos milhões que cometi.

REDE AO MARI

Senhor! lancei mil vezes minha rede
em busca de mil bens não-proibidos.
Perseguiram-me os alvos perseguidos
e, quanto mais busquei, mais tive sede.

Agora, eis-me, Senhor: tenho feridos
os pés, as mãos, o peito... Tudo pede
um descanso que a ansia não concede,
e um clamor estonteia os meus ouvidos.

Vou largar minhas redes no oceano
e vou sentar-me quêdo em vossa barca,
esperando o momento soberano
em que eu possa, etendendo ao vosso império,
vencer por força vossa o mal sem marca
de agir, pra conseguir um fruto sério.

QUADRA

Jesús, ponde na conta do meu crédito
os gritos de revolta que calei.
Dem sabeis a razão das minhas dúvidas,
quando sofri dos bores da vossa Crei.

ALMAS, SORRIDE!

Sorríde, corações dilacerados!
Sorríde, peitos cheios de amargores!
Sorríde, corações angustiados!
Almas, sorríde à proamar das dores!

Sustidas inda em seivas só de agores
e preses entre espinhos aguçados,
não deixam de sorrir as lindas flôres,
e as aves cantam sob os céus nublados.

Sorríde, corações, coroando as faces
de luzes celestiais, fascinadoras,
plenas de encantos das manhãs fugaces.

Almas, sorríde sempre contra a sorte!
E vividas, gloriosas, triunfadoras,
jorareis vida e vancereis a morte!

Fim do "trailer" do livro
INCENSO DA MINHA MISÉRIA

"Trailer" Literário
de

INCENSO

da Minha Miséria

Armando Veigas dos Santos

Cidade de São Paulo, 1941

Um "trailer" literário

Certamente, coisa nova e inaudita
um "trailer" literário.

É, como no cinema, apenas uma
promessa da aparição ou epifania...
mas num livro, se invés duma fita.

Há, porém, aqui uma diferença
accidental: na tela cinematográfica,
a película prometida costuma apa-
recer mesmo, em dia e horas pre-
cisas, depois do "trailer", haja que
(VIRE)

1952

5 DE DEZEMBRO



Esta data relembra o fallecimento, ha ⁶¹ 61 annos, em um modesto hotel de Paris, do magnanimo D. Pedro II, o maior dos brasileiros e uma das figuras mais nobres da humanidade.

O inesquecivel Imperador que tanto engrandeceu o Brasil e tanto honrou a sua gente, foi expulso de sua Patria querida como se fosse um reprobato. Diante do inominavel crime dos que se rebelaram contra a sua magestade e o seu generoso coração, não deixou escapar a menor queixa. Limitou-se apenas, a appellar para a «justiça de Deus na voz da Historia».

Ha muito que a justiça divina se pronunciou a seu respeito.

Quanto mais os tempos passam maior se nos afigura o seu vulto gigantesco, confundindo as mediocridades que o substituiram no governo da nossa inditosa Patria.

Desde que expulsaram de sua Patria, o maior dos seus filhos, o Imperador modelo, o patriota sem jaça, o bemfeitor de seu povo, o protector dos orphãos e das viúvas, o amigo dos genios, nunca mais o Brasil viveu dias felizes como os do seu glorioso reinado.

No dia em que se commemora o infausto acontecimento, todos o^s brasileiros que sentem o peso do infortunio abater a alma nacional, devem concentrar o espirito por alguns momentos em fervorosa prece ao Altissimo para que pelos merecimentos da alma do inolvidavel morto, se compadeça do Brasil, deste desventurado povo, que sofre o flagello de um regimen nefasto, e nos mande logo o nosso salvador, — Dom Pedro Henrique, á frente do III Imperio Patrionovista, que é hoje a maior esperança do povo brasileiro.

Por Deus, pela Patria e pelo Imperador!

CHEFIA PROVINCIAL DE SÃO PAULO.

1891
5/1
1952

1945
set

CONTRA...

Boletim N. 4

ARLINDO VEIGA DOS SANTOS

(Chefe-Geral da Ação Imperial Patrianovista Brasileira - PÁTRIA-NOVA)

A Ilusão republicana vai ficando com os velhos, procurando porém a mocidade os caminhos novos.

No Brasil, não se podia afirmar tal verdade antes do aparecimento, em 1928, do Movimento Patrianovista, da Pátria-Nova.

Eram monarquistas, então, quase somente os nossos respeitáveis anciãos, mas de um monarquismo platônico e irracional, suspirando pela volta do Império tal qual era, com todos os seus erros, com tôdas as suas falhas político-sociais e religiosas. Além disso, sem moverem uma palha, desde a morte prematura de Dom Luís de Bragança em 1920, para que essa volta, conquanto irracional, fôsse realizada.

Era, porcerto, uma incompreensão da realidade histórica: o passado, por mais belo e sugestivo que seja, não retorna simplesmente. Há, em todos os séculos, necessidades acidentais, mas nem por isso desprezíveis, condicionadoras da ambientação dum Instituto do passado, quer tenha êste passado sido violentamente quebrado (como o do Brasil em 1889), quer seja ête uma realidade viva pela fidelidade à tradição dos maiores, base necessária do progresso de uma Nação, o qual é um acréscimo e não uma destruição.

Acrescente-se a isso que havia, em nosso glorioso Império, I e II, erros políticos e religiosos profundos, e conclua-se se fôra possível voltar o Império simplesmente. Fazer III Império com todos aqueles erros (como quem nada aprendeu com a experiência desastrosa da república e da evolução da humanidade) SERIA APENAS PREPARAR a «VOLTA» DUMA OUTRA REPÚBLICA. Iguais causas, iguais efeitos. Monarquia liberal-democrática, parlamentar, individualista, capitalista, plutocrática: — república! Segunda monarquia liberal-democrática, parlamentar, individualista, capitalista, plutocrática: — outra república ainda mais desastrosa, talvez socialista ou comunista!

Não nos compreendeu, e não nos compreende, a maioria dos velhos monarquistas. Já não estão no tempo. E não nos conhece essa gente nova que não nos pôde ouvir durante quase dez anos.

Surgiram, todavia, quando da nossa propaganda ativa e diuturna (de 1929 a 1937) grandes forças moças por todo o nosso Imperial Território, especialmente nas rodas ginasianas, universitárias e de alta intelectualidade, fazendo côro ao clarim da PÁTRIA-NOVA, num entusiasmo e confiança que consolaram os iniciadores do Movimento árduo no qual púnhamos todo o coração e tôda a inteligência. Pois a conclusão pelo Império Patrianovista supõe um corajoso ato de inteligência. E ocorreu-nos a Mocidade. Era o Brasil, o Brasil atual, o Brasil sem preconceitos néscios e irrefletidos que respondia ao nosso grito de guerra e de amor, apêlo às inteligências fortes e aos corações generosos não contaminados pelas glórias e proventos do imediatismo político.

A Pátria, realidade viva que abrange o Passado, o Presente e o Futuro, ouvia a voz da sabedoria dos Mortos (os vivos do Passado Nacional), pela boca dos Vivos (os mortos do Futuro) a bem dos futuros Vivos que pela sagrada lei da Tradição e do

Sangue, perpetuarão a Pátria Imperial Brasileira (que nunca deixou de o ser) no grande espírito que estamos plantando com a semente do Passado.

Com-efeito, não é a Nação, no sentido eterno e patrianovista, essa coisa amorfa, inexpressiva e sem honra, que a república cega, eleiçoeira e energúmena nos apresenta na idiotice parva dos seus doutrinamentos venenosos e em última análise materialistas os quais nos mataram duas gerações pelo menos. É a Nação uma grandiosa herança dos que se foram, continuada nos que hoje vivem. A Nação, CONJUNTO DE FAMILIAS VIVAS, DE COSTUMES VIVOS, DE TRADIÇÕES VIVAS ESTÁTICO-DINÂMICAS, legado dos Avós, não é uma negação, mas uma afirmação, afirmação do Passado, afirmação do Presente baseado no Passado, afirmação atuante das esperanças do Futuro.

A Nação é o avô, o filho, o neto, dentro dum espírito de unidade, respeito, disciplina, doutrina. É o ser vivo da coletividade, que não pode querer destruir-se, pois qualquer ente luta pela sua conservação. Só agentes externos (ou internos influenciados pelos exteriores) podem desejar promover a sua ruína. Tal o que se deu no Brasil.

Isso, como dizíamos, é a Nação. Providenciais circunstâncias históricas estabeleceram, entre as famílias da Nação, uma que se chama Dinástica, e salvo intervenções estranhas, seguirá a Nação pelos séculos a-fora. Não há solução de continuidade na vida nacional. Túnica inconsútil, dividi-la é perdê-la.

Por cuja causa se está vendo como o não ter dinastia tradicional é uma das maiores desgraças de um povo moderno. Porque os nossos tempos-maus e superficiais não julgar a vida não sabem criá-las e respeitá-las. Peor ainda é, tendo-a, perdê-la.

Conservar-se-ão, porém, os pecados, os erros do passado? Não! porque o pecado, o erro não é ser, mas falta de ser. Conservam-se, por-consequente, do passado unicamente as coisas positivas, que vão sendo provadas pela experiência das gerações solidárias.

Foi nessa compreensão realista e objetiva que lançámos em 1928 as linhas gerais da Concepção, Patrianovista, baseada na NOSSA Tradição e que empolgou todo o Brasil. O que daí se apartar não é Patrianovismo. É lógro, traição, diminuição burguesa e retardatária.

«Só é futuro seguro aquele que se apoia no passado:— diz Sertillanges — não há passado honroso sem estar prenhe do futuro para dá-lo à luz na hora própria».

Ignorante de verdades as mais comezinhas, criou a república gerações de preunçosos e supersticiosos com manias de sábios, ao som das lanfarras macabras dos criminosos de 15 de novembro, filhos loucos do liberalismo romântico do 89 francês.

Foi e é ela, a república, porisso, justamente o contrário do espírito patrianovista: elogia do Império tudo o que não prestava, o que, portanto, já era «república»: a liberdade incondicionada, o liberalismo, as sedições de todos os feitios. Pôs em seu museu como agradas «tradições» republicanas, tudo quanto o vício intelectual e moral de nossos avós e pais havia perpetrado ao arrepio do ritmo tradicional, como se o Brasil houvesse começado só e repentinamente em 25 de março de 1824 ou, peor ainda, em 24 de fevereiro de 1891. Está no seu museu-belchior a sedição republicana de 1817; repimpa solene a confederação do Equador; fulgura Piratini; pavoneiam tôdas as bernardas e

sabinadas e motins de capoeiras e estrangeiros. Porque tudo isso foram, à luz da sub-cultura anti-nacional, manifestações de «independência», de «republicanismo», de «liberdade» contra o «despotismo monárquico»...

E com tais deformações de senso histórico são «educados» os nossos rapazes, que mais tarde terão de desfazer essas patranhas... se o puderem...

Não consta também fôsse republicano o ato de Amador Bueno da Ribeira, fiel a el-rei dom João IV... Mas já a dignidade bandeirante respeitosa foi algures invocada a favor do bairrismo marxesco de certos «republicanos paulistas». O bandeirante vicentista, independente em atitudes que era, mostrou-se sempre submisso ao nosso Rei. Hoje, entretanto, o bandeirante de honra anda quase republicanizado, isto é anarquizado, na cabeça dos democateiros.

Já o disse e muito bem Tristão de Ataíde: «O espírito republicano, que é sempre um pouco pueril como todo bárbaro, julga poder seccionar o passado e o presente. O espírito valetudinário, por sua vez, julga poder suprimir o presente e viver apenas das grandezas mortas. Um e outro são sintomas de imperfeição e decadência».

A república, como vimos, pròpriamente não escondeu o passado: realçou nas escolas e nos livros, como essencial, tudo quanto não prestava; seu fito há sido mostrar, em nossa evolução histórica, a tradição republicana e liberal... Fez elogios de homens da época imperial (os pobres homens indivíduos, minutos miseráveis, embora sagrados, na vida dos povos!), mas não de idéias positivas, divinas, tradicionalistas, guiando êsses homens. Dom João VI-homem, Dom Pedro II-homem, são bastantemente elogiados; Dom Pedro I não tanto, seja como homem, seja como Imperador. Até substituto, como realizador da independência ou, melhor, do Império, procuraram arranjar-lhe.

Por outro lado, elogiam um invasor-estrangeiro, excedendo-se em seus louvores e traindo os nossos Avós guerreiros que o não acharam tão bom assim e nem boas as coisas que êle representava e, conseguintemente, se alçaram em armas vingadoras para o expulsar em nome da liberdade divina de serem católicos e brasileiros.

Matou-nos a república, como aí se vê, o sentido eterno e orgânico de Pátria e Nação. Matou-nos o verdadeiro patriotismo.

Vivemos em função das paixões, dos apetites, das solicitações do momento que passa. Vivemos em função de sentimentos, de sentimentalismos apenas. Se não gostamos de alguém ou alguma coisa, só por isso não prestam. Se gostamos, ainda que não prestem, são bons.

Disso deriva uma atitude que precisa de-vez acabar no Brasil (especialmente entre a Gente Moça, livre de tabus): -- é a superstição cãndida de DOM PEDRO II-GRANDE E ÚNICO IMPERADOR BRASILEIRO «POSSÍVEL».

Deixemos de preconceitos ridículos! Sejamos jovens de espírito! Podemos vir a ter Imperadores muito maiores e melhores que Pedro II, e tê-los-emos sem-dúvida, passado êste interregno tormentoso que já se prolonga demais. Houve presidentes da república «brasileira» com muitas qualidades pessoais de Pedro II... e não fizeram nada. Se Pedro II fôsse presidente da república, faria também, com tôdas as suas virtudes pessoais, tanto quanto êles, isto é -- nada! O bem está no regimen «virtuoso» que

valoriza a «virtus politica» dos homens. Vejam o caso Pedro I: menos virtudes pessoais, porém grande ação política.

Parecerá mal isto a muitos monarquistas (não patrianovistas), monarquistas de simples sanidade; parecer-lhes-á quizá heresia.

Mas é isso mesmo! A verdade vale mais do que Platão. O PATRIANOVISMO NÃO TEM SUPERSTIÇÕES DE HOMENS, não tem espírito valetudinário, e não reconhece em ninguém, seja príncipe ou pastor, direito ou autoridade contra a verdade nacional, a qual está acima de todos nós.

Glória a Dom Pedro II, sim!

Glória, porém, igualmente, a todos os GRANDES PEDROS que hão-de ser Imperadores do Brasil!

«Só é futuro seguro aquele que se apoia no passado».

Não se apoia no Passado a república, mas nos erros, nos crimes passados.

Nem podia ser doutra forma. O Passado positivo Brasileiro é católico-Imperial.

O passado negativo só podia dar, como consequência legítima e lógica, o comunismo, com escalas pela república com tôdas as suas misérias e incertezas e pelo socialismo. Vivemos, ainda, apesar de tôdas as veleidades de reformas galvanizadoras, inadaptáveis ao regimen eletivo, uns restos da obra aziaga dos Deodoros, Florianos e Benjamins Botelhos ...

O Brasil que quer subsistir, que quer viver, que quer salvar-se definitiva e não provisoriamente, só o pode fazer clamando, vivendo e lutando tenazmente CONTRA A REPÚBLICA! Tudo mais é panacêa.

Imperial Cidade de São Paulo,

Setembro de 1945, 123 da Fundação do Império e 17 da Pátria-Nova.

NOTA — Este boletim aparece com a estadia entre nós do S. A. I. Dom Pedro Henrique, a qual ensejou vários comentários jornalísticos “republicanos” e falsos, que repellimos por significarem apenas intriga sem fundamento.

Saudando a S. A. I., Pátria-Nova reitera a afirmação de que não é partido e age com plena autonomia como organização cultural-política inspiradora e consolidadora da consciência imperial tradicionalista brasileira.

A sua, portanto, não envolve responsabilidade alguma da nossa Dinastia Imperial, mas exclusivamente do Chefe Geral.

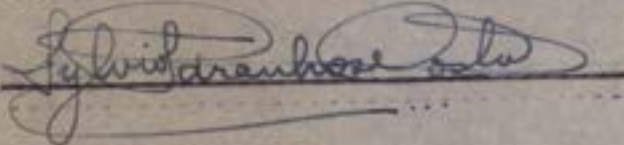
PATRIA - NOVA

JURAMENTO a que se refere o Art. 12 do Capítulo I do Título
II dos ESTATUTOS da Acção Imperial Patrianovista Brasileira -
PATRIA-NOVA

"Juro, perante Deus e Nossa Senhora Conceição Aparecida,
Padroeira do Brasil, defender a teoria política da afirmação
da Raça e da Pátria Imperial Brasileira e defender a Religião,
a Pátria e a Família !

Juro também que nunca me filiarei à maçonaria e outras seitas
secretas, como inimigas que são do meu Deus, minha Mãe Celestial,
minha Pátria, minha Família e meu Imperador".

Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga, aos
6 dias de Março de 1950 , no Ano Santo


A handwritten signature in dark ink, appearing to read 'Silviano Brandão', is written over a horizontal line. The signature is highly stylized and cursive.

PROLVAS

ll



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



15

arestas: morais, economicas, civis e politicas, todas encadeadas e sucessivamente dependentes uma das outras.

Vejo, como previa, que já alcancei o fim do rodapé sem dizer a decima parte do que teria a dizer. Defeito do critico e merito do criticado. O sr. Oliveira Vianna não precisa de elogios e muito menos de adjetivos. Sua obra já hoje representa um dos patrimonios mais preciosos da nossa inteligencia.

E' certo que o vejo neste momento, esquecido. Mas não será essa a recompensa mais alta a que pôde aspirar quem tem, como ele, a coragem de enfrentar a onda dos logares comuns ambientes? Foi a sorte de Alberto Torres, de Farias Brito, de Jackson de Figueiredo, de todos os que viveram na sombra, falando para as paredes, porque ousaram contrariar a massa bruta do nosso atomismo politico, do nosso sensualismo filosofico, do nosso indiferentismo religioso. Alberto Torres flagelou esse atomismo politico; Farias Brito desmontou esse sensualismo filosofico; Jackson de Figueiredo justicou esse indiferentismo religioso. A resposta dos primarios ai está; a conspiração do ostracismo em vida, sabiamente completada pela do silencio postumo...

Amoroso Lúcia
Estudos - 5ª série, RJ, Civil
Zapão Brasil - 1933.

PATRIA NOVA

"La reaccion contra la democracia constituye la principal tendencia politica de los tiempos modernos."

ERNESTO PALACIO (*Criterio*
— B. Aires. 12-9-29).

E' patente a pobreza das revistas de modernismo intencional, que ainda vão aparecendo, pelo Brasil afóra, como écos apagados do movimento literario que abalou os grandes centros no decorrer dos ultimos anos. Sente-se que o movimento vai morrendo. Que já não ha mais o que dizer. E que a nova fase que se abre para o nosso pensamento já não pôde girar essencialmente em torno de problemas esteticos como sucedeu com o "modernismo" desses ultimos anos. A critica do passado foi feita. O caminho para novas aventuras foi feita. Mas começou agora a fase criadora. E como a criação tem de ser qualquer coisa que vem das raizes, sob pena de ser qualquer coisa de efemero, arbitrario e artificial. — sente-se que o problema da inteligencia brasileira e de suas obras se tornou agora um problema em profundidade, um problema que vai procurar os planos fundamentais, abandonando as apparencias e as decorações. O problema estetico começa a ser considerado, como deve ser um problema subordinado a outros problemas. Um problema que faz

parte de um todo e não mais autonomo e desligado, com finalidade propria, como o entenderam a poetica parnasiana, o estetismo simbolista e o modernismo intencional desses ultimos anos.

Sentimos quasi todos que a literatura para não ser apenas "literatura" no Brasil, tem de vir "espontaneamente", como consequencia de movimentos mais radicais, mais gerais, mais profundos, que afetem o homem todo e sejam realmente problemas de vida. O problema estetico depende do problema social, do problema politico, do problema moral e filosofico, e finalmente do problema religioso. Já não estamos em momento de procurar formas novas ou estilos originais. Tudo isso virá como consequencia e não como causa. Será produto de uma ação mais completa ou cairá por si, sem eco e sem continuidade. Ha uma coisa mais seria que a literatura: é o homem. E uma coisa mais urgente que a estetica brasileira — o Brasil.

De modo que, como dizia ha tempos um escritor, a "trahison des clerics" entre nós é justamente a indiferença aos grandes problemas de ação, áqueles que afetam a realidade nacional em seus aspectos mais imediatos e visiveis.

O que é e não é uma verdade. Pois o essencial, a meu ver, é trabalhar sobre os espiritos, é trabalhar pelos primeiros principios, que são afinal as fontes de todos os disturbios da ação pragmatista. E' preciso que um immediatismo especioso não nos roube a visão serena das hierarquias indefectiveis. Nós, catolicos, precisamos sobretudo velar pela pureza das fontes. Precisamos sobretudo mostrar, à nossa vaga sentimentalidade de romanticos inveterados, que trabalhar no plano do invisivel é o meio mais pratico de agir sobre as visibilidades mais imediatas.

Pois da mesma fórmula que se régam as raizes e não as folhas das plantas — assim tambem o perigoso é abandonar o que não se vê pela ilusão do que se vê demais. Restabelecer o equilibrio nos espiritos é, portanto, e deve ser, o nosso primeiro objetivo. Nada de "pratico" se obterá sem isso.

O nosso mal é nas raizes. E é sobre as raizes que é preciso agir. E é por isso que o plano literario vem depois do plano social. E o social depois do plano filosofico. E o filosofico depois do plano religioso. Para termos uma literatura nossa, para termos uma sociedade melhor, para termos uma politica mais sadia, para termos uma economia mais justa, precisamos primeiro ter ordem em nossas idéas e disciplina em nossos sentimentos. E isto só se obtem por um movimento de ação filosofica e religiosa, e pela subordinação dos problemas politicos aos problemas morais e especulativos, do que se tóca com os sentidos ao que se penetra com a inteligencia. A restauração religiosa e filosofica, portanto, é a condição de saúde politica, economica, scientifica ou estetica. Não teremos arte, nem ciencia, nem ordem social estavel, se não cuidarmos de combater a anarquia primordial, religiosa, filosofica e moral, que ainda nos domina.

A nossa mocidade está vendo, está sentindo que tudo isso é verdade. E por isso mesmo se nota em parte dela uma grande avidez por abandonar os problemas acidentais, para ir às razões profundas. E todos aqueles que reagem contra o grande indiferentismo ambiente, de que essa mocidade sofre tanto ou mais que todas as classes, — sentem-se atraídos pelos problemas fundamentais da nacionalidade.

E, em contraste com essas anemicas revistas do modernismo literario moribundo, vemos surgirem de vez em quando outras revistas de moços, modestas, pobremente

impressas, cheias ainda de imprecisões e defeitos, — mas contendo a verdadeira seiva do presente, o que sentimos estar dando vida aos movimentos que surgem.

Ainda agora, recebo de S. Paulo uma pequena revista, que será uma revelação para muita gente, um escândalo para um numero ainda maior de distraídos, e uma esperança para um ou outro descontente que sente a necessidade de olhar a realidade brasileira com olhos desanuviados, afrontando o temor dos fantasmas que dominaram toda a nossa educação.

Essa pequenina revista, que nasce sem ruído, sem espalhafato, com um intuito apenas de observação de critica e de agremiação de todos os espiritos que se afinam pelos ideais que a animam, chama-se "Patria Nova", e aparece como órgão do "Centro Monarquista de Cultura Social e Política".

Sinto que alguns leitores já esfregaram os olhos para ver se leram bem. E depois de ler estão julgando tratar-se de algum engano do tipografo. E verificando que não se trata de nenhum engano de tipografo, estão julgando tratar-se de alguma pilheria, de mais alguma "mistificação" modernista, que quer fazer ruído em torno de si, pela originalidade escandalosa.

Nada disso. Trata-se realmente do órgão do "Centro Monarquista de Cultura Social e Política", sobre o qual poderá o leitor soltar agora uma gostosa gargalhada.

E depois de bem gargalhado, continuar então, si for possível, a leitura desta penitencia inesperada...

Sim, nada de mais sério do que essa pequena revista. E nada de mais interessante do que o seu conteúdo, que representa um dos fenomenos mais promissores do nosso momento social e intelectual. Não ha quem não sinta a gravidade tremenda do momento que estamos vivendo. Em nenhum periodo de nossa atribulada historia republi-

cana talvez se viu mais patente o fracasso dessa Republica laicista e sem raizes, que os ideologos agnosticos de 91 nos impuzeram, — do que neste momento em que vemos o Brasil, com a anuencia tacita ou expressa de ambas as partes, caminhar "d'un coeur leger" para a mais temivel guerra civil de sua historia, murmurada furtivamente por todos os responsaveis de seu destino, de parte a parte, e proclamada abertamente no Parlamento, nos jornais, nos cafés, em todos os pontos em que dois brasileiros se interroguem avidamente sobre o futuro de nossa terra.

E de quatro em quatro anos, por amor da mais absurda ficção constitucional, toda a vida da nação se concentra em um desperdicio aterrador das suas forças mais vivas, num entrechoque que se vem tornando cada vez mais agudo, cada vez mais irredutivel, e que nos levará a destinos de prognostico o mais sombrio possivel.

E' à luz de um espetaculo angustioso como esse, em que vemos defrontarem-se — de um lado as forças das posições adquiridas, do puro personalismo, do economismo oportunista, cada vez mais afastado do sentimento geral da nação e de outro lado as forças do romantismo politico mais emphatico, que opõe o seu "idealismo" vago ao "materialismo" oposto, alia-se à demagogia revolucionaria e funda a sua doutrina regeneradora sobre os dogmas dissolventes do individualismo bebido em Rousseau e na Revolução Francesa, — é à luz desse espetaculo grave e mesmo tragico, que se interrogam angustiadamente as consciencias que não podem, de modo algum, aceitar "doutrinariamente" nenhuma das duas posições. E essa interrogação angustiosa, de muitos brasileiros que a esta hora vêem cada vez mais negros os horizontes de sua patria — essa interrogação fará com que os novos ideais proclamados por esse grupinho que surge na capital paulista não se percam de todo no tumulto geral. Eles não se

dirigem ao grande público. E muito menos às elites meramente diletantes. Eles não vêm disputar coisa alguma na arena da luta pelo poder.

Compreendem perfeitamente que não é, por ora, o poder que poderá ser útil. Por ora, o que é preciso é trabalhar sobre os espíritos. É criar um estado de espírito. É observar, observar objetivamente, cientificamente a "realidade brasileira", para não se trazer ao nosso grande doente mais uma dessas drogas estrangeiras milagrosas, que só serviriam para agravar-lhe os padecimentos. Advertio logo ao leitor, portanto, que não se trata de nenhum monarquismo sentimental, como o que existiu logo depois de proclamada a República e que tem vindo morrendo ano por ano à medida que desaparecem os saudosistas do Imperio. Não é de saudosismo algum que se trata agora. Esse grupinho de rapazes vem estudar a realidade brasileira, vem observar-la com a frieza de anatomistas, se bem que tendo, no coração, a chama de um amor pela terra, que só ele é capaz de animar um movimento como esse que hoje é apenas uma brasa que se acende, mas que o futuro dirá o que poderá vir a ser depois que o Brasil tiver esgotado as experiências sociais que o aguardam necessariamente no caminho do — "liberalismo democrático", em seguida do "radicalismo democrático" e finalmente do — "comunismo", se até lá por impossível não se tiver fragmentado definitivamente essa fragil unidade que a Monarquia conservou por tanto tempo.

Mas já é tempo, também e mais que tempo de ceder a palavra ao sr. Veiga dos Santos, diretor responsável pela publicação e unico nome que figura, por ora, do grupo que lançou a revista.

Eis o que ele (provavelmente) escreve, no interessantíssimo artigo de fundo:

"Patria Nova" nasceu de uma consciência que por

muito tempo viveu interrogando-se de si para si a respeito da realidade brasileira e que teve logicamente uma conclusão radical e violenta para a mentalidade artificial, em grande parte do Brasil de hoje: — a patria brasileira é uma patria imperial que não pôde, de modo nenhum, ser Republica; a Republica não só não poderá resolver os problemas da nacionalidade e do Estado, mas também é dissolvente, anti-nacional, separatista. Por forte demais para os que ainda não pensaram e por ter sido inferida quasi intuitivamente, sem auxilio de leituras doutrinarias mas por observação do fato nacional (sic), manteve-se por largo tempo incubada e insulada essa consciência nova, ou quiçá renovada. Porém, o trato com algumas outras mentalidades que pensavam do mesmo modo veio mostrar que não era de um, senão de muitos, aquela consciência. Assim, pois, do encontro de consciências "patria novistas", nasceu a organização "Patria Nova", centro monarquista de cultura social e politica".

Passa depois o artigo a citar opiniões de numerosos escritores brasileiros modernos, de todas as correntes mais diversas, criticando a situação a que nos levaram 40 anos de Republica.

— "Poderíamos citar mais coisas terriveis contra as instituições anti-nacionais, mas não nos queremos alongar em citar. Digamos, sim, que todas essas calamidades que padecemos são por obra e graça da Republica, pois a unidade da Patria é feito da ação imperial, que ainda vêla pelo milagre seu, da Religião Catolica e da Raça, em mais de trezentos anos, porquanto o espirito imperial é lei da nossa evolução historica...

O Imperio foi coisa logica e natural no Brasil, correspondendo ao "processo unitario", real (não teorico) da nossa Historia. Ninguem poderia negá-lo, a não ser o fanatismo anti-monarquico que felizmente vai deixando

de existir sobre as terras dos Imperios nativos Incas e Aztecas, mais legitimamente americanos do que tudo o que "depois" veio do ocidente".

E termina, resumindo em algumas palavras o essencial do programa que mais em detalhe vem publicado no fim da revista:

— "Patria Nova"... vem pugnar pelo Terceiro Imperio, que não será uma restauração, mas uma instauração (sic), uma inovação, uma criação nova da vibrante alma brasileira do presente, em harmonia com o meio brasileiro, com as aquisições das ciencias sociais à luz da tradição que tem a sua lei irrefragavel de continuidade; ajustada pela experiencia da Colonia (que já era brasileira), dos dois Imperios e da propria Republica que, embora anti-nacional ou talvez por isso mesmo, nos deu grande copia de soluções que ela é incapaz de pôr em obra, ajudada outrossim da experiencia estrangeira, em certos casos; pois, sendo o homem essencialmente o mesmo em todo o orbe, ha problemas que resolvidos algures estão universalmente solucionados".

E na sub-capa final encontramos o "programa do patria-novismo", em que se sintetizam os ideais de uma restauração brasileira em sua integralidade, a começar pelo restabelecimento da Religião que nos formou em seu privilegio indispensavel, afim de permitir-lhe a luta eficaz contra as deturpações do espirito religioso, contra as seitas dissolventes e contra o relativismo sistematico ou indifferente a que nos abandonamos, levados pelo liberalismo doutrinario que nos impuseram como sendo uma virtude e não uma doutrina.

Credo, Monarquia, Patria e Raça brasileira, Nova divisão administrativa, organização sindical, capital no centro do Imperio, Politica internacional "nacionalista, altiva e cristã, com entendimento especial ibero-ameri-

canista". — são esses os topicos principais do programa "patria novista", em que ha coisas excelentes, como seja — "a divisão de Paiz em provincias menores, puramente administrativas; educação obrigatoria especial contra o espirito regionalista e intensificação do amor à cidade natal ou municipio, celula da Patria Imperial", ou ainda, como seja a — "organização sindical das classes profissionais de produção espirital (religiosa, moral e intelectual) e economica; clero, magisterio, artes liberais, artes mecanicas, agricultura e industria nacionais e outras, como base da "verdadeira" representação nacional".

Essa indicação sumarissima do programa com que se inicia esse novo grupo de moços paulistas, criando o novo partido "instaurador", para estudar a realidade brasileira à luz dos grandes principios que a formaram, afim de regenera-la pelas grandes instituições em que ela cresceu e elaborou o que até hoje tem de melhor em sua alma — basta para vermos com que interesse devemos segui-los.

E' qualquer coisa de inteiramente novo que nasce depois da proclamação da Republica. Qualquer coisa que um espirito como Jackson de Figueiredo preparou nas inteligencias, e que hoje já se apoia em sociologos modernos do valor de Felix Contreiras Rodrigues. E' o "monarquismo-realista" que surge das cinzas do "monarquismo-romantico" que era o ultimo remanescente da grande e gloriosa tradição imperial de nossa historia. E' o monarchismo que nasce da observação da Republica em ação e provindo de homens inteiramente "desligados" do Imperio por laços "sentimentais" de qualquer especie. Houve a cisão absoluta e agora vai nascendo de novo a idéa, como força inevitavel, como lei historica de nossa nacionalidade, como aquilo que foi a sua "marca" diferenciativa na America e que um dia talvez venha a renascer, depois das experiencias politicas que se preparam, e que oscilarão en-

tre os extremos da direita e da esquerda, entre as ditaduras agaloadas à portuguesa e as ditaduras radicais à mexicana.

Esse grupinho de rapazes paulistas, portanto, e a sua revista, em que tudo é expressivo e interessante de se ler (à exceção dos versos... e de uma disposição tipográfica da última capa, que se pôde prestar a uma péssima interpretação ambígua e que é urgente suprimir no próximo número) — ambos surgem no momento em que deviam surgir.

Vêm trazer ao exame da realidade brasileira um contingente de definição, pôde-se dizer indispensável. Vêm trazer ao estudo de nossa política um elemento doutrinador que há muito lhe falta. E com isso vêm dissipar muito equívoco na terminologia vaga e necessariamente ambígua dessas agremiações políticas efêmeras que se debatem hoje em dia, e que vão arrastando a nação à mais terrível das rupturas inter-provinciais.

Ha alguns anos, observando a nossa situação política, pareceu-me que ela chegara a uma dissidência nítida e que de um lado víamos o "cesarismo" e de outro o "caudilhismo", como frutos de toda a "história da República" que vários procurávamos estudar em um volume de inquerito (cf. "A margem da História da República", ed. Anuario do Brasil, Rio, 1925). Um deputado democrático, glorizando esse dilema, afirmou então que só pela "democracia liberal" poderíamos escapar a ele.

Penso que a solução desse grupo "patria nova" é muito mais racional e nacional. Só a "Monocracia-Corporativa" poderá dar-nos a verdadeira "democracia-cristã", contra os erros opostos da "democracia-liberal" e da "democracia-socialista".

Só ela poderá talvez conservar, o Brasil que recebemos de nossos avós, com toda a pujança material que tem

adquirido e com todo o prestígio moral que deverá readquirir, afim de o transmitirmos íntegro a nossos filhos. Só ela nos fará talvez escapar ao dilema "cesarismo-caudilhismo".

Se é ou como será viável — eis o que vai estudar e tem estudado esse grupo de brasileiros moços, observadores e ardentes, que não têm medo de palavras. E mesmo os que, como eu, acreditam que a solução do problema religioso é muito mais urgente que a do problema político e que o trabalho intelectual e moral sobre os espíritos, hoje em dia, deve primar a toda arregimentação política partidária — mesmo esses precisam acompanhar de perto e com a máxima simpatia essa solução racional para o dilaceramento nacional em que hoje vivemos, — entre agremiações políticas que não representam, nenhum dos princípios primordiais em que devemos assentar a nossa ação como homens, como católicos e como brasileiros, — e que vão levando o país à mais trágica e à mais iminente das guerras de secessão (1).

(1) Essas palavras, escritas um ano antes da Revolução de Outubro e *Tres* antes do Movimento Paulista, bem mostram qual era o ambiente pre-revolucionário que nos angustiava. (Nota de 1933).



Patria Nova

RELIGIÃO-PÁTRIA-RAÇA

ANNO 1 Junho de 1930 Vol. 1

N.º IV — REVISTA MONARCHISTA —

Orgão de "PATRIA-NOVA" (Centro Monarchista de Cultura Social e Política)

PROGRAMMA DO PATRIANOVISMO

I. CREDO — Privilegio do Catholicismo. Religião obrigatoria nas escolas publicas, nos quartéis, institutos hospitalares e correccionaes, etc.

II. MONARCHIA — Imperador responsavel que reine e governe, escolhendo livremente os seus ministros. Base municipal syndicalista da organização do Estado Imperial. Direitos majestaticos da Dynastia Nacional, aclamada pela Nação no fundador politico da Patria Imperial Brasileira, D. Pedro I, e agora representada por S. A. I. Dom Pedro Henrique.

III. PATRIA E RAÇA BRASILEIRA — Affirmação da Patria Imperial Brasileira; sua valorização espirital (religiosa, intellectual e moral), physica e economica. Affirmação da Raça Brasileira em todos os seus elementos tradicionaes e novos-integrados (filhos de estrangeiros). Solução séria e definitiva do problema negro-indio-sertanejo. Formação e valorização physica, intellectual e religioso-moral nacionalista da Raça Brasileira. Definição da situação do estrangeiro dentro do Imperio instaurado. Reação contra todas as formas do IMPERIALISMO ESTRANGEIRO no Brasil.

IV. NOVA DIVISÃO ADMINISTRATIVA — Divisão do Paiz em provincias menores, puramente administrativas. Educação obrigatoria especial contra o espirito regionalista e intensificação do amor á cidade natal ou municipio, célula da Patria Imperial.

V. ORGANIZAÇÃO SYNDICAL das classes profissionaes de produção espirital (religiosa, moral e intellectual) e economica: clero, magisterio, artes liberaes, artes mecanicas, agricultura, commercio e industria nacionaes, e outras, como base da verdadeira representação nacional.

VI. CAPITAL NO CENTRO DO IMPERIO.

VII. POLITICA INTERNACIONAL NACIONALISTA AL-TIVA E CHRISTÃ.

ENTENDIMENTO ESPECIAL IBERO-AMERICANISTA

Patria-Nova

Director responsável: VEIGA DOS SANTOS (A. J.)

Summario

A situação nacional
Patria-Nova e o bolchevismo
Patria-Nova
O imperialismo estrangeiro no Brasil
A justiça no Imperio
A republica é instrumento de ruina
Politica activa
Integralismo Lusitano
Artigo II de Patria-Nova
Parlamentarismo
O nosso saudosismo
Republicanizar a republica
Através do bolchevismo
Literatura patrianovista
Proposições condemnadas
Regimen de salvação
Obras recebidas
Os que nos defendem (em varias partes)
Outras notas.

EXPEDIENTE DE "PATRIA NOVA"

A assignatura da revista PATRIA-NOVA é de 5000 pela série de quatro (4) numeros, que apparecem trimestralmente, formando um pequeno volume.

Toda correspondencia para

RUA CATHARINA CORTEZ, 15
Cidade de S. PAULO

Gloria á Santissima Trindade!

A Situação Nacional

Ao menos pelo que diz respeito aos paulistanos, a mór-parte da gente até agora não compreendeu PATRIA-NOVA.

Muitos ha ainda por aqui que, possuindo ou não os nossos três passados numeros, pretende impugnar-ros, já desenterrando a questão religiosa do fim do Imperio, já atacando superficialissimamente os erros daquelle tempo, já repetindo fantásticos chavões de reis ou imperadores maus, baseando-se, para isso, nos reinados do paganismo, como o de Nero, nas monarchias do neo-paganismo politico ou das de direito divino absolutas, inventadas pelo protestantismo na Europa, como a de Luis XIV.

Ora, ninguém mais do que PATRIA-NOVA — que não tem ídolos, porque é «nova» como doutrina para o Brasil aproveitando o elemento «positivo» do passado (pois um «povo tem uma historia no passado; não tem duas, mas uma, e *se elle quebrasse a viva tradição della, deixaria de ser o povo que é*, diz Mendes da Silva Ribeiro) — ninguém mais do que Patria-Nova critica severamente o liberalismo com todas as horrorosas consequencias regalistas que macularam o Imperio (V. 1.º n. de P. N., p. 5: «Queremos a Igreja etc.»; p. 6. etc. Proemio. «O Credo»; 2.º n. p. 28 etc., p. 78 etc. e outros passos), verberando com sinceridade, firmeza e profundeza, todas as negações que impediram a existencia do «verdadeiro imperio christão» no Brasil do seculo XIX.

Quanto aos surrados chavões abstractos e theóricos acêrca do despotismo do rei (porque na prática sempre ha os despotas mas electivos), não poderemos desfazer em poucos meses tolles que vêm sendo repetidas mecânicamente desde que se criou a tyrannia judeo-maçónico-democrática no mundo; podem elles ser apagados sómente pelos proprios illudidos, com muita coragem de estudo, observação e meditação, com vontade decidida de, convencidos, derrubar os ídolos e mythos da Revolução.

E, para aquelles que nos atacam sem conhecer o que, da nossa doutrina, já está manifesto nos numeros anteriores desta série, apontamos o caminho da informação, porquanto ninguém deve discutir o que ignora.

Repetindo conceitos já fartamente expostos, declaramos que o Imperio Patrianovista, orgânico, não é o Imperador só, não é absolutismo, mas «todo o complexo da organização» supposta em nosso programma: Conselho Imperial, conselhos técnicos, representação syndical da produção organizada, portanto verdadeira, — collaboradores reaes e verdadeiros do Chefe «natural», hereditario, da Nação. Unidade, competência, hierarchia, ordem, informadas do espirito christão que, segundo o I artigo do programma do patrianovismo, deve totalizar a vida nacional nos costumes e nas leis. Reatamento da tradição nacional, expurgando-a dos vícios que tiveram principal origem no pombalismo, na encyclopédia e na revolução francesa.

Sabemos difficil compreender de prompto a nossa attitude radical, pois a mentira liberal nos aportou ha quasi dois séculos, sendo vehiculada desde a escola primaria publica e particular para culminar na desorientação das escolas universitarias, além de que a falta de cultura sólida nos empece a critica rigorosa dos desvarios sentimentaes dos doutrinarios da Revolução. Primo de Rivera que viu identico mal empestando a Espanha, mal que, a bem dizer, unicamente elle comprehendera, retirou-se exgotado da luta (por deficiência de um corpo de doutrina viva e disseminada que o prestigiasse) e, na nota officiosa ao deixar o govêrno em janeiro p. p., declarava — dizem os telegrammas — «que ainda ficam certos germens de dissolução, que a ditadura quis extirpar, com o pensamento em Deus e na Pátria, observando depois que na sua opinião, a ditadura deve continuar em vigor por muitos annos, exercida pelo conselho de ministros, mas sob a exclusiva responsabilidade do ditador, o qual pôde ser civil ou militar, devendo, porém, quem quer que seja, buscar a participação de militares e civis». No entanto, teve elle o poder varios annos!

Esses «germens de dissolução», de que fala, são vivos, especialmente, na maioria absoluta dos universitarios espanhòes, nisso atrasadissimos em cotejo com a gloriosa «compreensão» dos libertados universitários integralistas portuguezes e realistas francezes e italianos, que já se não deixam embaucar pe'as sandices de 89.

Assim também, em nosso Brasil, quem, minado daquelles germens, não tiver a santa «temeridade» de fazer, por iniciativa própria resoluta, a revisão das atrasadas, fósseis e desmoralizadas theorias da liberdade, igualdade e fraternidade, em voga ainda entre nós, (atè em pessoas bem intencionadas); quem não tiver a audacia de encarar seriamente o mal religioso, fonte dos outros males que nos arruinam, — não poderá compreender «profundamente» a situação brasileira e a attitude radical da extrema direita: Patria-Nova. E' o que se dá com o sr. Rubens do Amaral, ao concluir, na «A campanha Liberal» com estas palavras lapidares:

«Fallido o parlamentarismo no mundo, não se poderá pensar no regresso ao regimen anterior a 15 de Novembro. Absurdo maior é pedir a reproclamação do regimen posterior, pondo em vigor uma Constituição que já comprovou, em quarenta annos de experiencia, a sua inefficacia».

Está certo: PATRIA-NOVA E' ANTIPARLAMENTARISTA E ANTI REPUBLICANA! Mas diria alguem que se não pôde julgar desse modo

a constituição republicana porque *ainda* não foi cumprida. Seria ingenuidade: diga-se que não foi cumprida em 40 annos porque não nos serve!

...
Não é só dos homens, nem só do ambiente politico, o mal de que enferma gravemente a Patria. O mal está nas doutrinas erradas religiosas, moraes e politicas, em funcção das quaes, consciante ou inconscientemente, se movem os homens. Mudança alguma republicana ou liberal poderá restabelecer o rythmo perfeito da vida politica brasileira.

Juarez Tavora (a quem nos referimos pelo mérito das idéias) fala da constituição republicana como culpada dos nossos males por «inadequada ás nossas tendencias, á nossa cultura, ás nossas realidades», mas que «os homens que ora dirigem a nossa Patria consideram quasi intangível a Constituição de 91». Essa constituição, feiticisticamente defendida por juristas e estudantes de Direito, é contra a nossa realidade por ser pura transplantação estrangeira como o foi o parlamentarismo imperial e o seria o communismo de Prestes; assim é que arrazoa Juarez Tavora.

Por nossa vez, diremos que a «nossa» constituição theórica tanto é brasileira, como franceza, chinesa e turca; serve para qualquer povo; quer dizer, não serve para nenhum, estando dentro do espirito do homem theórico de Rousseau (1). Não é a constituição «de um povo», mas a constituição a que um povo qualquer *tem de* adaptar-se; e, se a natureza do povo reagir, consideram-no raça inferior e *caso perdido*... Aliás, já está feita a critica da «nossa» constituição; e dos melhores criticos é o sr. Oliveira Vianna que termina o seu «O Idealismo da Constituição» com estas palavras: — «O nosso futuro legislador constituinte tem que possuir uma mentalidade mais completa e mais illuminada, uma intelligencia mais realistica e objectiva, uma consciencia mais humana da relatividade dos systemas politicos. E, sobretudo, um conhecimento mais perfeito e completo da nossa realidade nacional, das nossas idiosyncrasias, das nossas falhas, das nossas insufficiencias, da nossa condição de povo em formação; de modo que, na elaboração das suas reformas e na architectura do novo systema politico, possa — como o Jesus de Renan — «rester toujours près de la nature». Isto é, antes de se mostrar homem do seu tempo, *possa mostrar-se homem da sua raça e do seu meio*» (grypho nosso).

A constituição republicana, todavia, é apenas um dos efeitos dos desvarios modernos que têm origem muito mais longe. Vamos á raiz das coisas e deparar-se-nos hão as causas remotas do mal da sociedade moderna na repaganização de Cesar em Constantinopla, quando ao direito christão do Santo-Imperio-Romano se substituiu o direito pagão de Cesar-deus, absoluto, fonte unica de todos os direitos. Por cuja causa, «As Pandectas, com-efeito, são o codigo do absolutismo. O cesarismo

(1) Tal a franceza de 1795, de que fala *de Maistre*: «La Constitution de 1795, tout comme ses aînées, est faite pour l'homme. Or il n'y a point d'homme dans le monde. J'ai vu, dans ma vie, des Français, des Italiens, des Russes, etc.; je crois même, grâce à Montesquieu, qu'on peut être Persan; mais quant à l'homme, je déclare ne l'avoir rencontré de ma vie; s'il existe, c'est bien à mon insu». *Considerations sur la France*, 1796, chap. 8. — Conte também, indo atrás de Saint-Simon, de Maistre e de Bonald, ataca a política de imaginação feita por Rousseau e os seus imitadores.

bysantino admite em principio a distincção dos dois poderes, temporal e espiritual, mas na pratica introduz o chefe do Estado no santuario reservado aos Pontifices" (*O esplendor da Igreja anunciado pela historia e pelos prophetas inspirados, ou a missão dos judeus e os dois carros evangelicos*, Goudet, trad. Almeida Neto, Lisboa, Lucas e filho 1894, pag. 126). As causas, vemo-las na revolta religiosa de Lutero no seculo XVI, a qual determinou a anarchia mental dos philosophistas Rousseau, Jurieu e Encyclopedistas que, por seu turno, determinaram, alliados com as sociedades secretas, a revolução politica franceza cujos impios ensinamentos jorram ainda sobre nós, acarretando, por derradeira consequência lógica, o nihilismo absoluto, o bolchevismo.

Patria-Nova, associação de leigos, chegou como se patenteia, a esta profunda compreensão pela analyse historico-philosophica. A Igreja não dá preferença explicita a esta ou aquella fórma de govêrno. Nós, porém, somos imperiaes. O Clero é livre como toda gente, respeitada a hierarchia, e disciplina, e nós livres para aceitar a cooperação de quem quer que seja. Cumpre, pois, se saiba que, concluindo como o mostramos, a nossa acção politica é completamente independente do Clero (mas atenta á doutrina infallivel da Igreja de que somos filhos submissos).

* * *

Como já dissemos, diante de todas as desilluções do presente, os tempos da razão se approximam.

Collaboram connosco na renovação os proprios poderes publicos, inconscientemente, no que ha de "positivo" na sua gestão: ahí estão, p. ex., as leis favorecedoras dos syndicatos e cooperativas. Collabora connosco a iniciativa particular da organização das classes que, dessarte, vão preparando a representação dos "verdadeiros interesses nacionaes", agricolas, industriaes, commerciaes, profissionaes, das classes de defesa nacional, etc. (V art. de P. N.). Ahí está a continuada propaganda e, mais, a realização do cooperativismo e syndicalismo que adoptamos no V artigo; ahí está a obra, ca-la dia mais pujante e benefica, das associações religiosas que educam realmente o povo na justiça; ahí está a natural sympathia ibero-americana que facilitará o "especial entendimento" que propomos. E os proprios revolucionarios, que não chegaram ao radicalismo liberalisticamente logico de L. C. Prestes, dizem com Juarez Tavora:

— "O fortalecimento da liberdade civil, por uma reforma criteriosa da justiça ("II artigo de Patria Nova"); o restabelecimento da independencia economica das massas pela difusão da pequena propriedade ("III e V arts. de P.-N."); a cohibição effectiva e pratica dos arbitrios do poder pela criação de um novo organismo de controle ("II artigo de P.-N."); o equilibrio social, estabelecido pela proporcional representação de classes ("V artigo de P.-N.") e, enfim, a continuidade indispensavel á obra dos grandes problemas nacionaes, pela influencia persistente de conselhos técnicos que se superponham permanentemente á temporariedade dos governos ("II artigo de P.-N.") — eis os pontos basicos por que se devem bater, vencidos ou vencedores, os revolucionarios brasileiros ("Manifesto").

Vê se, portanto, qual a nossa situação, sobretudo pela face de execução e do pensamento constructivo, que é a que mais nos interes-

sa, e como ha patrianovistas inconscientes por toda parte, tanto é verdade que somos a "totalização do Brasil uno", phrase aparentemente nebulosa que agora se pode compreender:

EM TODO O BRASIL HA AFFIRMAÇÕES E REALIZAÇÕES QUE MARCHAM PARA A UNIDADE POLITICA PATRIANOVISTA.

Juarez Tavora, ao propugnar pelos conselhos technicos permanentes reconhece implicitamente o maior mal da republica: — O chefe individualista temporario, victima e agente de interesses espurios (2), de vaidades de coisas novas e, maxime, diferentes das do seu antecessor, pois cada presidente tem uma plataforma com "idéias pessoas" (embo- ra impossiveis) que elle "vae realizar" nos seus quatro, ou seis, annos de govêrno...

Patria-Nova, dentro dos seus principios, está de palanque vendo cumprir-se "hic et nunc" o que condemna de negativo e o que affirma de positivo na vida nacional. Tudo o que, desde setembro do anno passado, dissemos de bem vae conquistando as consciencias brasileiras sinceras e livres; tudo que como erro vergastamos está sendo reconhecido naturalmente como tal.

O PATRIANOVISMO, QUE COMPENDIA EM SEU PROGRAMMA TODAS AS LEGITIMAS ASPIRAÇÕES DO NOSSO PASSADO, É A MAIOR NECESSIDADE NACIONAL.

Nem todos nos compreenderam, grande numero finge desconhecer-nos, e muitos nunca nos aceitarão. A verdade o é apesar dos contraditores e dos covardes. Contudo, inumeros já crêm que a republica é um mal, e concluiram pela ditadura. Já é pensar; não se devem, todavia, esquecer de que a ditadura é govêrno tranzitorio, e que a republica, como no-lo indica incessantemente a experiencia ibero-americana, "a republica sempre destróe a obra que a ditadura lhe entrega perfeita..."

Terminemos. Quando o Brasil cair totalmente em si do papel ridiculo que está hoje agnóstica, democratica, parlamentar, anarchica e revolucionariamente representando contra as suas sagradas tradições positivas; quando a mocidade brasileira acordar do somno que lhe communicou o ópio venenoso da Revolução estrangeira, teremos de menos uma republica no mundo, e esplenderá immortal o unico Imperio Christão das tres Americas.

2) "Fôra e acima dos partidos, como lhe competia, o sr. Washington Luis terminava poupado 89 % dos maleficios que desabaram sobre o Brasil durante os interminaveis meses de agitação politica", diz Rubens do Amaral, "A Campanha Liberal".

O mundo, perdido por uma falsa concepção das cousas, não se salvará senão pela concepção verdadeira e justa.

EHRHARD.

Patria-Nova e o Bolchevismo

Todos aquelles que desde a sua appareição leram e meditaram "Patria-Nova" sabem, determinámos numa perfeita intuição da realidade brasileira que precede a qualquer outro, o sentido profundamente nacional da expressão das aspirações da nacionalidade e sua solução.

"Patria-Nova" define o Estado de alma de uma nacionalidade angustiada, que se agita em busca de uma felicidade outrora possuída que a Republica repudiou com promessas fallazes, tripudiou por absoluta incapacidade de governo, e renegou com o acervo de erros grosseiros, agravado pela fraqueza e ausencia de autoridade dos republicos.

Somos em tudo e por tudo uma doutrina completamente diversa do artificialismo dominante, gerador pela propria corrupção de um novo estado de coisas, pois a corrupção de uma coisa é sempre a geração de outra, principio physico applicavel á politica.

Somos acção reintegralsadôra da Nação no patrimonio inalienavel da sua tradição historica, violentamente partida pelos proselytos dos encyclopedistas e coriptiones da Republica.

Portanto, esse novo estado de coisas será ou a extrema direita da Nação comnosco, ou a extrema esquerda com o internacionalismo *nhillista*.

Assim, o Brasil defronta-se com o contraste de duas doutrinas radicais e antinomicas, exclusivas de um termo medio — o liberalismo frouxo que com mãos indecisas, ainda detem os altos destinos de uma nacionalidade digna de melhores dias, com necessidades imperiosas, serias que reformas constitucionaes, reformas eleitoraes, votos secretos e quejandas ainda não satisfazem. Ha muito já sabiamos, neste periodo transitivo que operamos, o unico adversario serio a defrontarmos seria o bolchevismo, em virtude das vastas proporções que vão tendo entre nós, as organizações da "Terceira Internacional" como foi denunciado até em conferencias publicas confirmadas agora pelo ultimo gesto de Luis Prestes com o seu manifesto comunista.

Assim, analysaremos immediatamente os termos do sobredito manifesto, mostrando como "Patria-Nova" definiu, sob um ponto de vista muito mais profundo que o A., a realidade brasileira; evidenciaremos comtudo um ponto de vista commum, isto é, os problemas nacionaes existem e existindo exigem uma solução pelas bases.

Divergimos radicalmente quanto á conclusão. Nossa conclusão é uma affirmacão violenta para a mentalidade superficial do meio, de *Religião, Patria, Família, Raça, e Imperio* que são os factores essenciaes constitutivos da nossa existencia como Nação, porque são a nossa tradição. A conclusão adversa é uma negação radical desses conceitos, é o *nhillismo absoluto*.

Concluimos pela construcção de uma Patria-nova consubstanciada no programma *patrianovista* e que consultam nossas necessidades novas pela evolução dentro da tradição.

Vejamos a seguir as premissas communs ao A. e a Patria-Nova. No inicio do manifesto diz o seu A. "dirigir-se aos que estão dispostos á luta e aos sacrificios em prol da profunda transformação porque temos de passar." Ora, uma transformação profunda é uma mudança que se oppõe á volta ao estado anterior, entregue o ser a si mesmo. Alem disso toda a transformação é uma substituição de fórmulas, uma nova forma de ser.

Das sobreditas palavras, conclue-se claramente que o A. não admite o regimen democratico-liberal, antes quer uma *nova forma de governo* capaz de realizar o programma das *reivindicacões sociaes*. *Porque não nacionaes?*

Esta premissa a fazemos tambem, de forma muito mais fundamentada no sentido da nacionalidade dizendo:

"*Patria-Nova* nasceu de uma consciencia que por muito tempo viveu interrogando-se de si para si, a respeito da realidade brasileira e que teve, logicamente, uma conclusão radical e violenta, para a mentalidade artificial, em grande parte, do Brasil de hoje. A Patria Brasileira é uma *Patria Imperial*, que não pode de modo nenhum ser Republica".

Nesta premissa temos accordo, a transformação precisa ser integral. Mais adiante diz "*Uma simples mudança de homens, um voto secreto, promessas de liberdade eleitoral, de honestidade administrativa, de respeito á Constituição e moeda estavel e outras panacéas, nada resolvem, nem podem de maneira alguma interessar a grande maioria de nossa população.*" Porque não dizer a totalidade, exceptuando-se os que desfructam o poder?

Aqui ha tambem, harmonia de vistas porque dissemos em Setembro passado: "Vimos sobretudo a ancía das perguntas sobre o futuro da Patria em crise aguda. E mil perguntas pela solução. E mais, que ninguem lhes responde satisfactoriamente, mas com *panacéas que não ferem fundo o profundo mal que ahí está.*"

Os males que o sr. Luiz Prestes attribue ás correntes olygarchicas em luta, dizendo "talvez pudesse surgir a terceira corrente, aquella que viesse satisfazer realmente *as grandes necessidades de um povo empobrecido, sacrificado e opprimido por meia duzia de senhores...* etc. nós, penetrando melhor o amago da situação brasileira, attribuímos essas calamidades á Republica, principalmente. Eis como expressavamos: "Digamos, sim, que todas essas calamidades que padecemos são por obra e graça da Republica. A Republica não só não poderá resolver os problemas da nacionalidade e do Estado, mas tambem é *dissolvente, anti-nacional, separatista.*" Os factos da hora presente actualizando estes conceitos dispensariam qualquer argumentação.

De facto. Ella, imbuída de falsos principios liberaes, subtrahiu abruptamente a religião de um povo de tradição catholica para entregal-o aos azares de um naturalismo pagão. Como Ramalho Ortigão diremos: "Negar Deus nos comicios populares, no parlamento, na lei e na escola, arrancar assim um povo á religião em que elle nasceu e em que se creou, é a maneira mais capciosamente segura de o reduzir á escravidão. Dará tudo a Cesar o que desaprendeu de dar alguma coisa a Deus" (Ultimas Farpas pg. 132) Os Nossos Mestres, Fernando Campos). Dahi o cancro moral que hoje em dia corroe todos os ramos da actividade da vida pratica brasileira. A actualidade da politica brasileira não tem noção moral de tudo que se relacione com os actos humanos, e este estado do espirito tem se alastrado de modo epidemico em todas as espheras do Poder, chegando a abastardar a propria magistratura do Paiz, como assistimos por occasião das eleições ha pouco occorridas, o que constitue um symptoma de morte para o regimen, e um fragello para a sociedade. A raiz profunda disso tudo é por vivermos numa sociedade cuja crença num Deus se afrouxou inteiramente deante da pratica de quarenta annos pelo Estado de um *agnosticismo* aniquilador, a começar pelas escolas, onde, á infancia, se ensina; apenas a divinisação da natureza como se alem della nada existisse, que fosse seu Creator.

Xavier Cordeiro, causticando com ponta de fogo o homem da natureza do philosophismo de J. J. Rousseau formulou este juizo: "O individualismo revolucionario ensina ao homem direitos apenas: — a Sociedade impõe-lhe deveres. A natureza opera exclusivamente segundo o egoismo do individuo; — as leis sociaes segundo o interesse da colectividade" (Questão Iberica p. 227) E' o mal geral de hoje da nossa sociedade moderna, principalmente entre a politica, cuja physionomia foi tão fielmente photographada pela penna de Frei Fortunato de S. Boaventura em O Punhal do Corcundas a pag. 500: "Assentemos por uma vez que nunca o Povo se diz Soberano, para outro fim mais do que para cahir toda a soberania nas mãos de um *punhado de aventureiros*, que desta arte lhe fazem a bocca doce, enquanto mui a salvo, e a despeito da moral christã, e dos principios mais vulgares da decencia, *vão enchendo a bolsa*".

O A. do manifesto combate "ainda" os *imperialismos estrangeiros que nos exploram e nos dividem*. Ora no artigo III do programma do *patrianovismo*, lê-se exactamente o mesmo conceito "*Reacção contra todas as formas do Imperialismo Estrangeiro no Brasil*". Note-se, estas affirmações patrianovistas datam de Setembro do anno passado, ao passo que o manifesto é de Maio do anno fluente. Negar a existencia entre nós deste problema, aliás sequencia natural da desorientação dos nossos dirigentes, é não apprehender a amplitude da complexa realidade brasileira, cujos factos estão ás vistas de quem queira ver.

Mais alem diz elle "Essas as duas causas fundamentaes (refere-se á grande propriedade territorial e ao imperialismo anglo americano) da oppressão politica em que vivemos e das crises economicas successivas em que nos debatemos". Enquanto elle offerece a explicação relativista, — de um phenomeno social por outro phenomeno — nós remontamos á causa mais alta dizendo "*Ella (a republica) a autora de 99 por cento das grandes calamidades nacionaes; federalice (não federação) regio-*

nalice, professionalismo eleitoral, dissolução da unidade, bancarrota moral e financeira consequente". "E' uma consequencia fatal das Nações organisadas democraticamente, e com relações exteriores de nações poderosas, correr a perda de sua independencia economica, quando não de sua existencia como nação".

Proseguindo diz: "*O governos dos coronéis, chefes politicos, donos da terra, só pode ser o que ahí temos; oppressão politica e exploração impositiva*". Identico conceito formulámos de modo mais exacto em *Patria-Nova*, transcrevendo as palavras de Pontes Miranda: "E que diremos nós da Republica presidencial, com os acanhados e despoticos presidencialismos estaduaes, senão que constitue o artificio corruptor, materialista em vez de idealista, *da irresponsabilidade faminta do mando arbitrario, do filhotismo e do coronelato politico com ou sem carta de bacharel?*".

...

A respeito do vital problema das populações do sertão ha accordo entre nós, porem, é de se notar — "*Patria-Nova*" considera-o numa amplitude muito mais comprehensiva incluindo o elemento *negro-indio* no seu artigo III, de que o manifesto não cogita (vide art. III do programma patrianovista.) "*Solução seria e definitiva do problema negro-indio sertanejo*."

Problema complexo e de magna importancia para a nacionalidade, a Republica, no entanto, tem-lhe voltado o maior menosprezo, como se não existisse. No errado presupposto de que sua natureza seja material, dependendo, portanto, a sua solução de condições materiaes, tem ella realisado aqui e acolá melhorias, exclusivamente, de ordem material obedecendo ou ao impatriotico criterio regionalista, ou ao falso criterio da influencia eleitoral com evidente injustiça para a Nação. O aspecto mais compungentemente nacional da questão, é, no entanto, seu vehemente feitio moral, não ha duvida. Esses tres elementos constitutivos da nacionalidade vivem, até aqui, como párias de uma Patria sem entranhas, para grandeza da qual concorreram com a argamassa de seu sangue e o labor fecundo de seu esforço. Como se o cerne de uma civilisação consistisse no progresso material, simplesmente, ao lado de uma barbaria chocante de impiedade e, nunca, na velha seiva da moral christã, com seu ideal de justiça, de amor, de respeito dos humildes, dos pobres, dos fracos, tendo Deus "*como fonte de todos os direito e razão suprema dos deveres*".

Desprotegida de qualquer assistencia educativa e social por parte dos poderes publicos, essa gente compassiva e humilde, constitue a massa soffredora da nacionalidade, sem direitos nem regalias civis ou de cidadania; das instituições sociaes conhece, apenas, a parte negativa e coercitiva.

Dahi, a idiosyncrasia do sertanejo, por esta sociedade impiedosa, o isolar-se num individualismo esterilizante, fechado á luz da *Verdade* e do *Bem* cuja acção civilisatriz jamais sentiu e hauriu, mesmo por que a Republica não trata disso e até lhe desconhece a natureza sublime, por que é *agnostica*.

Quanto ás reivindicações sociaes temos ainda accordo no artigo V do nosso programma «*Organização syndical das classes profissionais*», onde todos os problemas sociaes serão ventilados opportunamente. A organização syndical é uma garantia, uma protecção aos trabalhadores, porque lhes garante a subsistencia da familia quando desempregados e acoberta-os da concorrência desenfreada que o LIBERALISMO suscitou desde o seculo XIX, livrando-os da ganancia de patrões deshumanos. Queremos a reintegração do catholicismo no mundo do trabalho e na ordem economica pelo restabelecimento da ordem, da justiça, da equidade e da fraternidade christã, promovendo uma sabia legislação social e de organizações profissionais previstas no mencionado artigo do programma *patrianovista*.

Quanto á questão dos latifundios, discordamos de um dos pontos de vista em que se colloca o A. do manifesto. (*) A existencia dos latifundios em nosso paiz é uma consequencia natural decorrente de sua vasta extensão territorial para uma população escassa. O problema do latifundio propriamente dito, ainda não existe entre nós, exactamente por ausencia de um dos factores essenciaes do problema, i. é. condensação de população, pois elle se reduz a estes dois factores conjugados: vastas massas humanas apertadas em territorios relativamente inextensos para contel-as. Nestes termos as populações levantam o problema, mas não é este o caso do Brasil.

O problema dos latifundios no Brasil reveste-se de aspecto muito mais grave para a nacionalidade. É o facto de certos republicanos substituidos de elementar patriotismo, de parceria e com apoio ostensivo de situações dominantes da politica, venderem ao capitalismo estrangeiro, movido pela concupiscencia do ouro, grandes latifundios de terras devolutas pertencentes aos Estados, como já succedeu em Matto-Grosso, Amazonas e, aqui mesmo em S. Paulo, na zona da Ribeira, em que poseiros nacionaes de mais de 30 annos foram esbulhados dos seus titulos de propriedade em favor de immigrants adventicios. Esta uma das fórmas mais graves do problema do latifundio e do imperialismo estrangeiro, que todos os brasileiros amantes da sua terra devem combater, como crime de lesa-patria.

Como conclusão geral temos a declarar, que não obstante os pontos de convergencia existentes entre nós e o A. do manifesto, na apreciação da realidade nacional, comtudo ESTAMOS EM COMPLETO DESACCORDO COM A SOLUÇÃO PROPOSTA COMO TERAPEUTICA DOS MALES PROFUNDOS DA PATRIA COMMUN.

Assim combateremos o *communismo* por todos os meios e modos até as ultimas fibras das nossas energias, assim como o seu triste alliado — o *liberalismo* de 1789, para salvação de nosso inegalavel patrimonio moral, religioso e intellectual, adquirido atravez da evolução historica de nossas gerações passadas.

Temos de ha muito definido nossa attitude, mas nesta oportunidade assentámos de reafirmar, apenas, nossas directrizes ha muito traçadas.

(*) O que haja de *positivo* nesta questão importantissima será oppornamente estudado por Patria-Nova (III art. do Programma).

OS QUE NOS DEFENDEM

No seu ensaio Luiz Amaral fugiu a essa influencia que actua sobre o jornalismo, para ver mais longe e mais profundamente o mal politico e suas causas reaes. E a these que desenvolve nesse sentido é, na verdade, incontestavel. «A situação institucional no Brasil é um simples artificio. A Republica «foi um gesto insincero do Brasil politico». Ella não nasceu de uma convicção seguramente formada na consciencia nacional, mas de um descontentamento inferior de uma parte da opinião brasileira, prejudicada materialmente pela abolição da escravatura» (grypho nosso). «Precipitada pela Abolição, a Republica nasceu na phase da campanha em que se discutia apenas em these». Facto consummado, mas sem raizes na opinião, «desamparou-se a Republica nas mãos de pessoas que não a amavam, mas que ella reduzira pela accessibilidade do poder supremo attingivel por qualquer cidadão». E os aproveitadores se infiltraram e conseguiram dominar. «Domina o regimen uma minoria audaciosa, que por meio de conchavos transformou a Republica em oligarchia». Deriva dahi, o autor, o momento brasileiro. Aos que chegam ao governo não é possivel administrar. Sobem a custa de conchavos e por meio delles se mantêm. Fazem politica para se manterem e não administram para cairem. Dahi toda a fraude institucional. Tudo é falso, desde os estadistas, até os dados officiaes e os estatisticos. E o povo não crê nos seus dirigentes.

Seria difficil traçar-se em traços mais incisivos a realidade brasileira (Diário de S. Paulo, art. «A Hora da Expição, o último livro de Luiz Amaral» 18-4-30).

— A tudo isso devia seguir-se a resposta patrianovista. Mas o autor concluiu errado e já teve o desengano correspondente e lógico. Ah! o poste republicano!

Estamos amadurecidos para o despotismo ou para a anarchia. O desprestigio dos parlamentos tem sido, em toda parte, uma das causas originarias dos regimens ditatoriales. Foi esse desprestigio, mais do que, talvez, as violências communistas (Patria-Nova afirma que o communismo é consequencia logica de qualquer regimen liberalista monarchico ou republicano), que determinou, na Italia, o desenvolvimento e a victoria do fascismo.

O interesse de partido e de grupo falava,ahi, notoriamente, observa o sr. Cambó, no seu livro «As Ditaduras», mais alto que o interesse público. Em todos os problemas submettidos á deliberação parlamentar, mais que o problema em si, mais que a excellência da solução proposta, o que decidia da posição dos grupos parlamentares, eram as consequencias puramente partidárias que adviriam dos seus votos. O que se combatia, hoje, por ter sido proposto pelo governo de Nitti, era votado e defendido amanhã, quando Giolitti quem o proponha. A luta pessoal contribuiu poderosamente para o desprestigio do regimen parlamentar e tambem do poder público.

O que se deu na Italia, dar-se-ha no Brasil.

As paixões partidárias acabarão despojando o congresso de todo o prestigio e facilitando, se não provocando, o advento de um regimen de força. Força civil ou força militar, ditadura de espada ou ditadura de casaca, despotismo capitalista ou despotismo comunista, não o sabemos, mas, sem daviða alguma, um regimen em que as leis cedam ás armas e em que a autoridade suprima o direito.

(«Estado», Notas e Informações, 30-4-30).

A perfeição da lei está na verdade da representação; a verdade da representação está no voto dos productores; o voto dos productores está no syndicalismo; o syndicalismo é só no Imperio organico; a perfeição da lei está no Imperio organico (patrianovista).

PATRIA-NOVA



Com este número de junho (IV), terminamos victoriosamente a nossa 1.ª série.

Dizer o que ella nos custou de esforço intellectual, moral e de sacrificios de toda espécie, excede a palavra escripta. Deus, porém, abençoou o nosso trabalho, soccorreu-nos patentemente, e suscitou alguns patricios, especialmente jovens, de boa-vontade, em todo o Brasil, que nos ajudaram com sua cooperação espirital e material. Aqui a nossa gratidão.

Aos assignantes e propagandistas espontaneos os nossos agradecimentos, esperando continuarão a sua collaboração sympathica para triumphar a boa causa.

Em especial aos nossos correligionários, chefes ou militantes em todo o paiz, as nossas congratulações.

Devêras, nesta obra absolutamente impessoal, não sabemos a quem dirigir a nossa palavra. Seja a todos os Brasileiros, pois que todos, conscientemente ou não, estamos ansiando esperançosamente pela Patria Nova.

Glória á Santissima Trindade!

Os que nos defendem

Diz o sr. MOTTA FILHO:

Nós, brasileiros, que temos um profundo sentimento de familia, por instinetto, por tradição e por educação, precisamos ter uma organização defensiva na altura do momento actual. Porque, a maior esperança do bolchevismo, hoje-em-dia, está firmada na decadencia do sentimento de familia nos povos capitalistas. Acham os «leaders» do communismo que a corrupção está tomando conta de quasi todos os centros civilizados do Occidente e que a familia christã, moralmente e juridicamente constituída, não passa de uma organização pró-forma, porque ella só vive da hypocrisia e de velhas convenções. E cada caso, em Paris ou Berlim, constitue mais um tanto lavrado!

Para enfrentar o immoralismo de Moscou, nós precisamos viver alertas, intranquillantes contra o peccado e contra os que, sem consciencia moral, procuram, com o seu desbragamento, corromper a estrutura de nossa sociedade.

A história ensina que, cada vez que se enfraquecem os laços familiares e que nas familias tornam-se inuteis os principios de hierarchia e de respeito pelas escalas disciplinares, surge, sem alma e violenta, a ditadura do Estado. A Rússia, agora, é um exemplo edificante. O individuo livre é escravo do estado. Não tendo organização de familia, não pôde collaborar com a sua vontade para a obra politica da sociedade e não pôde ser livre.

(S. Paulo-Jornal, 8-5-30).

Patria-Nova vem fazer, radicalmente, a revisão e calcinação dos mythos que se fizeram e vão fazendo para o Brasil.

Qual a realidade racial brasileira? E' aryana ou brasileira? Apesar da epidemia immigrantista republicana, *Patria-Nova* afirma que a realidade racial brasileira é brasileira. Vamos proteger essa realidade contra a invasão "legal". Nisso ao menos não precisamos de empréstimo. Não é verdade que esta nação ou *raça real* pôde fazer o Imperio Brasileiro territorial, moral e politico, em trezentos annos? E, depois, de tudo feito, vamos substitui-LA por arianos?

Ataíxo os mythos!

O Imperialismo estrangeiro no Brasil

ALBERTO TORRES

Foi preciso que a Republica attingisse a maioria, para que se nos apresentasse a perspectiva de ver instalar, entre nós, colonias de mineração como as da Africa do sul, monopolios industriaes e agricolas, extensas regiões entregues á exploração alheia, estradas de ferro marginadas de vastas zonas de influencia estrangeira, toda a perspectiva de uma rede de viação férrea destinada a realizar a obra, absolutamente destituída de base e de necessidade economica, de um appaarelho de circulação continental interna; extensas culturas de borracha, entregues a estrangeiros, na Amazônia; o escândalo inqualificavel do enfundamento da industria pastoril a um syndicato; a eventualidade da concentração do commercio de café, em mãos de commerciantes forasteiros; o estabelecimento de bancos hypothecarios, munidos de favores e privilégios, que a Turquia não concederia talvez.

Empresas de denominações americanas, inglesas e francesas, mas que, como é natural — no estado do mercado monetario mundial — representam principalmente capitais franceses (o A. fala em 1914), compraram, ou estão para comprar linhas de estradas de ferro, que, ligando a Argentina e o Uruguay ao Brasil, atravessando as Estradas do Rio Grande, de Mato Grosso, do Paraná e de S. Paulo, tendem a se reunir, para o norte, com outras já em poder de estrangeiros, percorrendo, todas, extensas regiões, onde se projectam vastas fundações agricolas e explorações de minas.

Se estas empresas se tivessem vindo formando, paulatinamente, no correr da nossa vida, seria agora a oportunidade para que o Governo brasileiro se dispusesse a examinar o estado da propriedade estrangeira no paiz, de forma a impedir, por algum tempo, senão a sustar, o seu desenvolvimento.

— E o A. não chegou a ver as concessões actuaes, nem monopolios infames como o da electricidade...

Palavras do Juiz Field

(Membro da Suprema Corte Vanque)

Muitos contemporâneos hão de alcançar o dia em que os nossos limites meridionaes tocarão o istmo de Panamá. Dentro de pouco tempo o México será annexado. As nossas estradas de ferro o incorporarão, pouco a pouco, á União. Tem-nos contentado com 6 milhões de dollars de seu commercio, mas é necessario que o fiscalizemos por inteiro. Dentro em pouco o systema ferroviario americano cobrirá todo aquelle extenso paiz; como inevitavel consequência, teremos tambem a rede telegraphica. Os telegraphistas serão nossos, nossos os chefes das estações, nossos os outros empregados. Elles comprarão terras ao longo das estradas de ferro, casarão nas familias mexicanas e seguir-se ha um grande movimento immigratorio. Muito em breve os magistrados serão nossos. E, assim, pois, annexação virá por si mesma e sem rumor.

Em seguida e pela mesma fórma, virá a America Central. Passaremos o istmo e a America do Sul cairá em nossas mãos.

Eu aguardo o dia em que as duas Americas, de uma extremidade a outra, serão habitadas por povos da lingua inglesa.

Egisto Rossi. "Gli Stati Uniti e la concorrenza americana", 2.ª ed. 1884, pp. 20, 21.

MOVIMENTO SOCIAL PROVENIENTE DOS ESTADOS UNIDOS

«Ha alguns annos, consideravel e crescente attenção tem sido dada pelos Estados Unidos ás condições sociaes do Brasil. A Associação Christã de Moços, ha muito, está estabelecida ali sob os auspicios da AMERICA DO NORTE e cresce de importancia dia a dia. Todas as facilidades são dadas aos seus membros para aprenderem inglez e obterem collocações em casas commerciaes. As demais vantagens são as usuaes. A Associação Christã Feminina está installada desde 1920 e já teve consideravel desenvolvimento.»

Do "Relatorio sobre as condições economicas do Brasil", organizado por Mr. Ernest Hambloch, secretario commercial da Embaixada Inglesa no Rio de Janeiro, datado de Setembro de 1923; traducção autorizada oficialmente pelo governo inglez; publicada em Londres pelo Departamento de Negocios de Ultramar, em 1924; pag. 84.

A JUSTIÇA NO IMPÉRIO

Dom Luis de Orleans - Bragança

É absolutamente indispensável que a justiça seja unitária e independente. Uma das chagas mais vivas da República é sem duvida a péssima justiça que hoje existe no Brasil; e contra seus desmandos não ha recurso dentro das malhas da organização da magistratura dupla que o novo regimen adoptou. A diversidade do processo vae também pouco a pouco tornando diverso o direito: daqui a pouco ser-nos ha difficil dizer: o direito brasileiro, mas teremos de especificar o direito paulista, o direito mineiro e assim de caeteris. É por ahi que está se quebrando um dos mais fortes vinculos de cohesão nacional. Magistratura e processo unos: pois idéntico o direito e semelhantes os hábitos e necessidades dos brasileiros, admissivel não é que diversas sejam as garantias e regras de viver nas differentes circumscripções do Paiz.

A República é instrumento de ruina

Tudo está dividido e agitado entre vontades particulares e pretensões individuais. Eis o mal. Somos esmigalhados.

BARRES.

Não pôde a República favorecer o progresso?

— Não; sua constituição não lho permite.

Como assim?

— A eleição é um principio essencialmente reaccionário ou, melhor, regressivo, porque é o começo perpétuo. Ora é excusado demonstrar que o progresso effectivo não se obterá nunca por essa forma.

A República, então, nada pôde fandar de duradouro?

— Não; seu defeito essencial está na sua instabilidade. Os poderes públicos, na República, são ephêmeros: presidente, ministros, senadores, deputados, ninguém está seguro quanto ao dia seguinte: um capricho eleitoral os derruba. Dahi, que succede? O ministro da guerra empreende uma reforma; seis meses ou um anno depois, é substituído por outro, que revoga o seu acto, dá-se o mesmo na Marinha, na Indústria, na Justiça e em todos os serviços importantes do Estado.

Instrumento de destruição, a República tudo pôde demolir, mas nada edificar.

Então o systema republicano é incompativel com o desenvolvimento de um país?

— Decerto: elle conduz o país á ruina. Bismarck não o ignorava, e na sua correspondencia com o Conde de Armin, em 1872 e 1873, expôs os motivos que o faziam desejar o restabelecimento da Republica em França:

"Convém — dizia elle — que a França fique isolada e fraca e, para isso, é preciso impedir ali a monarchia, supprimir a dynastia e abalçar o estabelecimento da Republica e do parlamentarismo, e então não teremos que receá-la mais!" (gryphos da Red.)

Couto de Magalhães

A hora precipita dois radicalismos: ou Império Patrianovista, ou despotismo bolchevista.

POLITICA ACTIVA

"O MOVIMENTO POPULAR CONTRA A REACÇÃO"

É assim que se intitula a "Pequena Nota" do dia 7 de Maio ultimo do "Diario Popular". O penetrante observador que a escreve falando sobre a attitude politica dos homens que a fazem neste momento em nosso paiz, confia ainda no espirito de solidariedade nacional, mas ainda não encontra solução para o "Problema Politico Brasileiro". Já affirmamos que "Patria-Nova", é uma conclusão e uma resposta. Conclusão de observadores ancianos, resposta a ancianos que ainda não concluíram. Não é demais reaffirmar-o agora e sempre, e nada mais justo que essa nossa resposta que se infere do proprio estado de desorientação nacional. Vejamos.

O Sr. Olegario Maciel, em sua plataforma como candidato á successão mineira affirma:

"Da campanha presidencial, a geração actual deve colher uma lição para o futuro. 40 annos de experiencia do regime mostram que a eleição de presidente da Republica, que, pela propria natureza das instituições, deve repetir-se, em prazos approximados, sem alteração da vida nacional, se tem tornado a origem de agitações e ameaças e, ás vezes, chegam a perturbar a ordem publica. Com estas agitações, soffrem a economia do paiz, a disciplina da administração, o crédito publico e a harmonia entre os Estados e se affrouxam os proprios vinculos da civilização. A educação politica, que teria remedio definitivo para taes males, não se poderá conseguir em tempo util para evitar a sua reprodução. Julgo que o meio efficaz para prevenir essas agitações periodicas, seria a modificação do processo da eleição do chefe da nação, tornando-a indirecta, como na União Americana, mas com eleitores presidenciaes escolhidos com maior antecedencia. Um corpo eleitoral mais restricto, localizaria a campanha da successão num ambiente mais tranquillo".

Isso mesmo affirmou-o o Sr. Arthur Bernardes dizendo: "As crises politicas originarias da successão presidencial no Brasil vão produzindo, de quadriennio em quadriennio, campanhas gradativamente mais apaixonadas e susceptiveis de explodirem em lutas materiaes, que são a principal ruina das nações. Faz-se indispensavel investigar a verdadeira origem desse mal..."

A conclusão a que chegaram esses dois politicos foi que a eleição deve ser indirecta e dividida em dois graus.

Voltando ao observador alludido, informa-nos elle que os Srs. Antonio Azevedo, Paulo de Frontin e Epitacio Passos dese'iam a escolha do Presidente da Republica pelo Congresso"; e que "o Sr. Washington Luis quer a revisão de nossa lei suprema para dilatar o mandato Presidencial, encurtar o tempo entre a eleição e a posse e propõe reduzir a autonomia dos estados". Continuemos na transcripção das palavras do articulista: "Todos, entretanto, como justificem a sua opinião, as suas reformas!"

"Dizendo que é preciso estabelecer regra para impedir as perturbações, os tumultos, as ameaças como as que acabamos de presenciar. Vê-se, portanto, que esses homens, de grupos diversos, têm todos horror ás lutas e, para elles, o ideal de uma carreira politica é o gozo do mandato e posições, sem attritos, sem choques, sem sacrificios de qualquer especie".

"Acreditamos, entretanto, que esses cavalheiros, tão estimaveis por outros titulos, não representem a unanimidade de seus partidos. Pensamos, por exemplo, que o Sr. Padua Salles não tem as mesmas idéas que o Sr. Washington Luis, que o Sr. Antonio Carlos e o Sr. Affonso Penna Junior não concordam com os Srs. Olegario Maciel e Arthur Bernardes, e que o Sr. João Pessoa não partilha de todos os preconceitos de seu illustre tio. Por outro lado, temos a impressão que no Rio Grande do Sul não ha reaccionarios no sentido de redução de prerogativas e regalias estaduais, e que, portanto, para certos casos, a frente unica pôde ser reconstituída. Assim, é possível contar com um movimento de protesto contra essa tendencia de fazer a revisão da constituição para torná-la menos liberal e menos democratica".

Até aqui o ponto interessante. Agora, vejamos o que diz o Sr. Mozart Monteiro em "A Semana Parlamentar" de "O Jornal" do dia 11 de Maio p. p.: "A nossa opinião? A nossa opinião já se encontrava naquella chronica de domingo passado, onde diziamos que o criterio politico seria arbitrario e, por consequente, injusto. O arbitrio, no reconhecimento de poderes, é a fallencia do regimen representativo". Depois, "já agora, depois da palavra discreta do Sr. Getulio Vargas sobre o caso parahybano, em face do qual o presidente gaúcho verifica a fallencia do regimen representativo, é o Sr. Borges de Medeiros, com o seu espirito republicano mas ultra-conservador, e com a sua boa vontade para com o Cattete na campanha presidencial, quem, em telegramma dirigido ao presidente da Parahyba, tambem reconhece e declara que, se o regimen representativo, no nosso systema de Governo, ainda não falliu, já se acha na imminencia de fallir".

.. Mais adiante prosegue, em conclusão: "O que ha, presentemente, no Brasil, é, pois, a desordem legal,—situação em que as instituições politicas se encontram fóra dos eixos, e em que o governo continúa a acreditar, e os seus correligionarios continuam a dizer, que o regimen está perfeito".

"Quando observamos o problema politico do Brasil, os individuos não nos interessam: O que nos interessa é a nação e, em consequencia, o systema de Governo de que ella precisa para o seu bem geral".

"Ora, o povo brasileiro já está convencido de que o suffragio popular, que é a base do regimen, vem sendo uma burla. Homens da mais alta responsabilidade e da mais proverbial ponderação reconhecem e confessam, nesta hora, a fallencia ou o desvirtuamento do regimen representativo".

"Attentemos: onde não ha regimen representativo, não pôde haver instituições democraticas. Onde o povo não elega os seus representantes, não pôde haver Republica".

E' o que acontece neste momento no Brasil: entretanto, continuamos a viver, politicamente, em nome de uma republica democratica".

"Impõe-se uma reforma radical na nossa organização politica, tanto que o proprio Governo já sugere uma pequena reforma constitucional, e os seus correligionarios já alvitram o abandono do suffragio directo na eleição do Presidente da Republica".

"Seja, porém, como fór, o que é manifesto e o que se impõe cada vez mais, aos olhos da nação, é a necessidade, talvez urgente, de conciliarmos os principios politicos com as realidades brasileiras".

Nada mais justo, pois, que a attitudo Patrianovista. Nesta parte de politica activa, os nomes citados não é o que visamos, visamos as conclusões dos seus portadores. Todos estão preocupados, toda a nação se agita em torno de uma solução politica para o Brasil. Essa solução, porém, só se pode dar pela mudança dos principios adoptados e isso todos affirmam categoricamente. Poderíamos dizer que todos querem ser patrianovistas, pois todos tocam pontos principais de nosso programma de acção. Vejamos: Evitar convulsões intestinaes (Separatismo, integridade nacional); eleição indirecta e dividida em dois graus (Morte da decantada "democracia", com selecção de classes, o que estaria melhor com nossos principios syndicalistas); escolha do Presidente da Republica pelo Congresso, dilatação do mandato Presidencial (Implicitamente reconhece-se a vitaliciedade do Rei como uma necessidade, e não ha outra forma de escolher um Presidente senão aquelle que detem o poder por mandato natural e por direitos historicos cuja natural soberania agrada a todos porque não esmaga direitos); reduzir a autonomia dos Estados (é o que o affirmamos, contra o separatismo e pela unidade da patria e que implica fundamente em nosso IV artigo do programma, pela abolição da regionalice e pela fraternidade nacional); finalmente torná-la menos liberal e menos democratica (é, enfim, a conclusão patrianovista).

Os principios patrianovistas são principios universaes e que só podem ser atingidos pela razão sã: devem ser pensados. São um dilemma ante o qual está o Brasil: ou acceptá-os ou marchar do republicanismo para o bolchevismo, que é o triumpho da democracia traçoieira, ou a divinização do Estado pelo esmagamento dos direitos dos cidadãos debaixo do aspecto mais democratico possível. E' dessa verdade que o mundo em boa hora se vai advertindo pela "luta contra a democracia" como característica deste seculo, na affirmativa de Alfredo Palacios.

OS QUE NOS DEFENDEM

Nem sempre se pôde dizer que o Brasil anda ataxado totalmente em tudo. Por vezes ha signaes que não permitem essa affirmativa integral. O movimento realista no Brasil não é apenas um movimento isolado promovido por "Patria-Nova" mas nota-se que é um grito unanime da consciencia brasileira. Ha brasileiros que sabem ler e acompanhar o renascimento e adaptação moderna das eternas idéas que regem o mundo cosmico. Vejamos a transcrição (com a devida venia) do brilhante artigo de Polillo para o "Diario de São Paulo" de 25 de Abril findo, intitulado: "Barrete phrygio em perspectiva":

"Quando Platão, estudando as applicações praticas do conceito de republica, excluiu os poetas da actividade politica relacionada com essa forma de governar os povos, bem sabia o que fazia. Por ser, já de per si, uma expressão romantica, não precisa a republica de sonhadores literarios, bastando, para sua imprestabilidade como regimen, a propria origem vocabular.

"A republica, como qualquer outra forma de governo, tende a provocar, no seio do povo que a adopta, divergencias de sério alcance nacional; em todos os regimens isso se verifica; mas, na republica, as divergencias são mais graves, porque onde todos os individuos tem o direito de agir e de pensar com o proprio cerebro, manifestando o mais soberano desprezo para com o pensamento dos cerebros alheios, pôde affirmar-se que ninguem pensa, porque ninguem tem o direito de predominar. Onde não ha um pensamento gigantesco de construção social, onde não ha uma directrix unica, onde todos valem um determinado valor e ninguem obedece, os ho-

mens têm a mesma expressão funcional dos tijolos dispersos que podem bastar, e serem até demasiados, para a erecção de um palácio, mas que não conseguem formar, nunca, nem um modesto edificio; para que os tijolos formem um determinado prédio, é indispensável a mentalidade constructora, que os dispõe convenientemente, uns em baixo, outros em cima, outros do lado, mais adiante ou mais atraz.

"Nas republicas, entretanto, ninguém quer ficar em baixo, nem atraz. E, como não pode existir uma collectividade que seja só cimo e só vanguarda, os presidentes republicanos se vêem na contingencia de adoptar dictaduras virtuosas. Dahi a negativa implicita na republica. Sendo-o, não o é.

"A experiencia republicana já é velha, mas ainda ha individuos que acreditam na santidade do regimen igualitario. São os românticos, isto é:—aquelles mesmos que Platão exclua da pratica republicana.

"Apenar de millênios de insuccesso, a republica ainda tem seus idealistas, seus propugnadores, seus idolatras incendiarios. E isso se dá, não porque o conceito de republica valha mais do que qualquer outro conceito de qualquer outro typo de governo, mas apenas porque, quando um individuo se sente mal satisfeito com um regimen, tende naturalmente á preração do regimen opposto. Assim, nas republicas, os insatisfeitos desejariam, si pudessem confessar-se, a monarchia ou a dictadura; nas monarchias, desejariam a republica, a democracia, o voto—mesmo a descoberto; e ninguém pensa que tanto vale esta ou aquella forma de governo, desde que os homens que sobem ao poder sejam dignos e sufficientemente puros, isto é:—deficientemente canalhas.. (aqui discordamos, "de certo modo", do A.).

"Na Republica dos Estados Unidos da America do Norte, não se tem o direito de beber um copo de vinho ao almoço ou ao jantar; na Republica da Nicaragua, não se tem o direito de caminhar pelas ruas sem encontrar um militar estrangeiro que personaliza a autoridade; na Republica Sovietica não se tem o direito de pensar de maneira diversa da adoptada pelo dictador central; na Republica Argentina é prohibido imaginar que o Brasil é, pelo menos territorialmente, mais extenso do que todos os outros paizes da America do Sul; e assim por diante. Tantas republicas, tantas restricções... Para quê?

"Os hespanhões, cansados pela dictadura riverina, exhaustos pelo fracasso continuo dos liberaes, indignados pelo que julgam ser culpa da monarchia, estão querendo, romanticamente, a republica. Mas um barrete phrygio, menos um throno.

"Si a republica possibilitasse a manifestação sincera do desejo do povo hespanhól, a rente chegaria a este resultado curioso:—não haveria nunca a posse de um presidente, pela simples razão de que, julgando-se cada hespanhól apto a dirigir o paiz (mais ou menos como acontece no Brasil), cada hespanhól daria a si proprio o voto que teria o direito de depôr nas urnas, do que resultaria cada individuo ser eleito, por um voto, a magistrado supremo da nação. Onde todos tivessem um voto, todos teriam o direito de subir, o que quer dizer que ninguém subiria.

"Ninguém? Não. Alguem subiria. Por exemplo: uma segunda edição de Primo de Rivera... Estaríamos na mesma. Da capo—Polillo".

O incansavel observador que é o articulista dirigiu seu pensamento á Hespanha onde é notavel verificar-se a evolução das idéas que dão nascimento ás republicas; esse lamentavel estado de cousa, contudo, é proveitoso para as nações esquecidas do passado e que precisam notar como essas cousas se dão. Um accidente perturba a vida da nação; as medidas mais urgentes não podem ser postas em pratica, vem a desordem proveniente do parlamentarismo, que em si já é desordem.

De subito surge alguém das turbas ou da elite e reclama pela ordem: é o dictador. Cessam as "garantias" constitucionaes e a obra reconstructora recomeça. Teria bom resultado si essa obra fosse dirigida por idéas solidas, eternas e necessarias, inacessiveis aos accidentes. Si isso não se dá, como não se deu com Primo de Rivera, nada mais se faz do que tornar latente a desordem reinante. Caído o dictador, que traria normalidade, vae procurar-se "normalidade" no sentido opposto, que é o mesmo que eternizar a anormalidade. Disso conclue-se que, ou bem os povos são governados ou são entregues ao seu proprio desgoverno, ou, em outras palavras, num caso accidental, surgindo um dictador, é preciso que este crie uma doutrina (que aliás, só pode ser a corrente das eternas doutrinas) adaptavel ao estado actual da vida social.—O dictador, porém, — "sendo um principe vindo das massas, por si mesmo está fadado a desaparecer depois desse estado transitorio", como nos adverte Benoit,—firmadas as normas deve entregar o governo ao seu legitimo detentor, o Rei. A experiencia terá mostrado que as sociedades necessitam de um governo estavel para poder haver dynamismo: o dictador é instavel, é de emergencia, o Rei é estavel. Mas o que tirou ao Rei o poder de reinar?—O liberalismo com o parlamentarismo como consequencia que necessariamente leva á "democracia", á anarchia. Experimentada esta, depois de reconhecida sua inutilidade, já condemnada pela Historia, vae pensar-se noutra forma de governo, e que por infelicidade não se fique apenas nos meios mas se chegue á idéa final porque então será um eterno recomeçar, um "perpetuum fieri". No Brasil, já fizemos essa experiencia. O Imperio nascente com D. Pedro I tomaria essa excellente directrix de estabilidade; venceu, porém, o liberalismo, não obstante o meio termo em que queria ficar o Imperador desejando a confiança de seus subditos. D. Pedro II affirmou esse liberalismo que desandou na Republica.

INTEGRALISMO LUSITANO

Mensagem a Pátria-Nova

DA JUNTA ESCOLAR DE LISBOA DO INTEGRALISMO LUSITANO, valoroso grupo de defensores da ordem nova que, no seio da esperançosa mocidade portuguesa, vae preparando a salvação da grande Pátria irmã pela fé cathólica e a monarchia orgânica (integralista), recebeu o Conselho Patrianovista uma vigorosa e consoladora mensagem que muito nos honra a ambas as partes, empenhadas em luta pelo mesmo ideal christão-nacionalista, em opposição á anarchia do mundo repaganizado social e politicamente.

Em nosso próximo número publicaremos, junto á que estamos para enviar aos distinctos camaradas lusitanos, o precioso documento que do fundo dalma já aqui agradecemos.

ARTIGO II DE "PÁTRIA-NOVA"

DO MELHOR GOVERNO E DAS RAZÕES QUE FUNDAMENTAM A PREENHÊNCIA DA CASA DE BRAGANÇA NO GOVERNO DO BRASIL.

TÍTULO III

Em nosso artigo anterior vimos a evolução do espirito da nacionalidade até seu manifesto desejo de crystallização. Hoje veremos como se deu essa afirmação e de como desse facto surgiu o immediato desejo de formação do Estado até a Independencia politica da Nação e do Paiz.

Toda esta synthese historica nada mais é que uma premissa da conclusão patrianovista: a Pátria Brasileira é uma Pátria Imperial. Não obstante o desejo que nos anima de em rápidos e substanciosos textos apresentar nossas conclusões, não podemos, em favor do tempo, deixar de apresentar os dados necessarios, esteios dessas mesmas conclusões. Seria máo methodo partirmos de dados preestabelecidos. Dahi a necessidade destas revivescencias historicas da evolução social brasileira, pois desse modo não nos iniciaremos no campo especulativo acabando em conclusões que poderiam não ficar bem claras justamente pela ausencia de pre-noções necessarias. É preciso acompanhar as leis de evolução social para se afirmar algo de positivo, algo de real e necessario. Dahi chegaremos ás Leis da Politica Nacional.

Mostrámos que não estava no espirito brasileiro a cohesão nacional, não havia no Brasil unanimidade em torno da idéa da independencia que ainda não havia bem germinado no espirito do povo. Si havia idealismo, esse não era organico, synthetico. A synthese desse espirito surgiu na pessoa do Príncipe Dom Pedro que desempenhou o maximo papel de toda a Historia Nacional. É o que veremos a seguir fundamentando historicamente os direitos da Casa de Bragança.

PARTE I.

A INDEPENDENCIA "DE FACTO"

CAPITULO 1.º

D. João VI no Brasil.—Seu caracter, intelligente, activo e altruista.

D. João VI não foi o typo inactivo e desprovido de iniciativa propria como o apresentam alguns historiadores faltos de informações seguras a seu respeito. Não obstante sua natural fraqueza physica, victima que fôra de enfermidades, era de intelligencia lucida, penetrante e prudente. Algo mystico, caridoso, tinha temperamento complexo; a saúde debil fazia-o melancolico e obrigava-o a fortalecer-se pelo alimento e a evitar os exercicios physicos, o que lhe dava um caracter

timido. Sentimental e docil, era bastante tolerante apesar da occulta e decidida energia em momentos de revolta. Affirma Oliveira Martins: "Não se vá supôr com isto que era inteiramente boçal: não. Tinha uma esperteza de salão, refinada por uma casuistica fradesca, porque era philosopho e theologo, a seu modo: um resto da educação nacional jesuitica. Desconfiava sempre, de tudo, e de todos; e se era indeciso, por ser fraco e inepto, era-o tambem por esperteza e dissimulação. Raras vezes se oppunha aos ministros que lhe davam, mas nenhum delles se gabou jámais de ter a sua confiança". (Historia de Portugal, 2.º vol. pag. 258 e seg.). Convém notar a innocultavel ogeriza de Oliveira Martins por Dom João VI a quem attribuiu inteiramente a perda do Brasil. Rocha Martins, apoiando, diz: "consolava-se como sempre, de tomar todos os conselhos mas só seguir o seu", e, ainda, "D. João VI, no seu modo hesitante, governava-se muito por si" (Independencia do Brasil, pags. 64 e 74). Não era, pois, homem sem idéas proprias, ao contrario, accusava intelligencia e decisão, pensava bem e só agia quando certo de bem agir dentro da justiça e da cordura.

Poderíamos acrescentar com Oliveira Lima que melhor analysou o espirito daquelle illustre monarcha: "a psychologia do Rei não era complicada, mas eram complicados os seus processos psychologicos, porque provinham de vacillações filhas do seu raciocinio intelligente e obedeciam não só a moveis intimos, que elle tinha o habito de dissimular, como tambem a pressões externas que alternadamente com aquelles agiam sobre a vontade". (O movimento da Independencia, pag. 8).

Essas considerações vêm a proposito de sua partida de Lisboa, acompanhado de sua familia e sua corte, á 29 de Novembro de 1807, para o Brasil, onde chegou a 22 de Janeiro de 1808 (Bahia). O que muitos classificam de fuga, ao contrario, nada mais é que o resultado da prudencia que sempre predominou no espirito do monarcha: é o fruto de previdente e cuidadoso estudo afim de evitar, por essa forma, a sua prisão e os vexames que soffreram Fernando VII e Carlos IV, e annullar a ambição napoleonica. Tampouco é fuga o trasladar-se uma familia reinante para um departamento de seus proprios reinos. Por esse modo, não só D. João VI poupou ao seu povo a humilhação de vergonhosamente ver deposta sua casa reinante como oppoz ao invasor uma resistencia diplomatica e chocante desafiando-o "do novo Imperio que la fundar na America"; chamando, para esse facto, a attenção de todas as nações cultas e levantando o clamor das nacionalidades contra a aventura napoleonica. Em estado de guerra o governo pôde intelligentemente transferir-se para qualquer territorio nacional: foi o que se deu com a França na grande guerra. Aliás, a historia aponta multiplos exemplos desse genero.

Certo, não foi D. João VI um estadista genial na ampla extensão da palavra, basta, porém, a grandiosa e feliz criação do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves para sua eterna glorificação. O bondoso monarcha não foi um vencido nem um fugião: não estava nelle evitar o inevitavel, mas continuava a lutar pela defesa dos seus direitos e dos de seu povo. Si se decidira a partir para o Brasil, por outra causa não foi senão pela visão clara que tinha do seu futuro grandioso, prova da clarividencia de seu espirito.

CAPITULO 2.º

Sua acção consciente na preparação da Patria-Nova.

Esse illustre Bragança previa a Independencia do Brasil, que tarde ou cedo se effectuaria, achava-a justa e conforme ás leis de evolução social. Nada, porém, mais temerario que a colonia libertar-se sem organização rudimentar no menos. Certo não era esse seu fim primordial—preparar a independencia do Brasil—mas como a antevia, a gratidão immensa que sentia pela colonia animou-o a impor-se a empresa de tudo organizar para o acto final da separação da PÁTRIA-

NOVA. Aliás, as leis portuguezas previam a eventual separação das Colonias e para tal dispunham que no caso de uma Colonia tornar-se independente, para esta seria enviado o herdeiro da coroa que firmaria a nova nacionalidade. E porque não se pôde dizer que D. João VI presentia essa scisão si não havia muito scôdra tão claramente a inorganica Inconfidência Mineira? E' natural que ao reino não agradasse mas ao Monarcha competia guiar as naturaes evoluções sociaes. Guiado por essa politica constructiva, foi que se resolveu, num dos seus actos iniciaes, na Colonia, abrir, a 28 de Janeiro de 1808, sob inspiração de José da Silva Lisboa, depois Visconde de Cayrú, os portos do Brasil ao commercio livre das nações amigas. Organizou assim o principal serviço externo faltante á Colonia dando-lhe toda a pujança de sua prosperidade crescente. Reforçava, desse modo, o incremento das riquezas combatidas pela grande redução na produção do ouro e diamantes e "pelos primitivos processos de exploração e natural exgotamento dos depositos". Começava, pois, dando ao Brasil uma grande fonte de renda de que se achava privado: engrandecia a nova patria. Esse foi o primeiro e o mais arrojado passo para a Independencia, porquanto, uma vez abertos os portos, seria impossivel fechar-os—ao que o Brasil estava sujeito como Colonia que era. Soberano bondoso e intelligente, previu o grandioso futuro da possessão onde se abrigara, com suas latentes possibilidades e, como não era egoista mas cauteloso com as realidades, não desejava perturbar a realização do grande feito nacional—a Independencia. Não obstante essa certeza subjectiva, altruisticamente ia preparando a organização da Colonia para que no momento decisivo não se encontrasse a Patria-Nova a braços com terribes difficuldades, á mercê do acaso e da desordem. A Independencia dar-se-ia no seu devido tempo e não queria D. João comprometter o futuro do Brasil, dahi seu grande interesse em construir-lhe a estrutura politica.

Immediatamente formou o seu Conselho de Estado e o Conselho de Fazenda e Justiça. Foram creações suas, sufficientes para sempre lhe illustrarem o nome, entre outras, "a criação dos Tribunaes superiores permitindo que as causas julgadas na relação da Bahia não houvessem de ir á Casa de Supplicação, Desembargo do Paço, Mesa de Consciencia e Ordens e outras Instituições portuguezas de justiça funcionando em Lisboa", attribuindo-lhes tambem o Tribunal Ultramarino. A relação do Rio transformada em Casa de Supplicação tinha alçada sobre todas as Capitánias do Brasil, Açores e Madeira. Fundou a Academia Militar, a da Marinha, a de Medicina e a de Bellas Artes, esta, dotada de professores francezes de nomeada; o Jardim botânico, o museu de Historia Natural e Ethnographia; o Banco do Brasil; o Archivo Nacional, a rica Bibliotheca Nacional (formada da sua propria livraria); a Imprensa Regia e as Juntas de Commercio e de Minas. Mandou abrir estradas para o sertão facilitando as communicações; protegeu os inventores, as indústrias do ferro, das construcções navaes e outras; organizou os serviços internos. Emfim, dotou a Colonia de todos o aparelhamento de administração, de justiça, de instrução e de riqueza de que necessitava, empregando nesse serviço notaveis actiuidades de ministros intelligentes.

Em 1810 entregou á Inglaterra o monopólio do commercio com o Brasil, attendendo á situação conflagrada em que se achava a Europa e á necessidade de se entreter um commercio seguro, o que só se conseguiria com a Inglaterra cujo apoio então Portugal necessitava.

Indubitavelmente esses só podem ser actos de um monarcha intelligente e visor. D. João VI affeição-se facilmente á Colonia e concedeu-lhe liberalidades proprias de nações livres. Sabia que officialmente sua estadia aqui era indeterminada e não tarde começou a sentir as reclamações da Metropole para que voltasse. Sua vontade, porém, "aquella que vinha bem do fundo da sua alma, era a de se deixar viver ali, não largar mais os seus habitos queridos, nem os nativos que o amavam. Elle bem o sentia nos seus olhares, na maneira como o saudavam", diz Rocha

Martins, op. cit. pag. 76. Persistia, contudo, no aperfeiçoamento da organização brasileira, queria que esta patria não se sentisse inhabilitada de fazer-se livre, porque elle bem lhe previa a liberdade e a não queria impedir.

CAPITULO 3.

A independencia "de facto".—D. João VI, o precursor da independencia "de direito".

"A vinda da familia real e da côrte para o Brasil não podia deixar de produzir no nosso paiz numerosos beneficios de grande alcance. Consistiu o primeiro em se acabarem de repente os tempos coloniaes passando o Brasil a constituir o centro da monarchia portugueza e a ser mais tarde elevado á categoria de reino unido com Portugal e Algarves. O segundo beneficio, em nosso ver cifra-se no facto de livrar nosso paiz dos horrores da anarchia, que tão seriamente acabrunhou as colonias hispano-americanas, e na qual sem duvida alguma, a não ser a vinda da familia real, cahiria tambem o Brasil. Resume-se o terceiro beneficio na unidade que com aquella vinda se imprimiu ao paiz. Estavam até então as diversas capitánias separadas umas das outras, sendo quasi totalmente independentes do vice-rei, só prestando obediencia ao Conselho Ultramarino, bem como á Mesa de Consciencia e Ordens de Lisboa; agora, porém, tiveram, todas de volver os olhos e attenção para a nova capital que se estabeleceu no centro do seu proprio paiz".

"Com a centralização politica de todo o Brasil, com as relações sociaes e mercantis que dahi nasceram, fundiram-se as capitánias em um só Estado; formou-se uma nação homogenea com vida propria e perfeita emancipação da antiga metropole. De tudo isto devia resultar, como de facto resultou, uma união cerrada do povo brasileiro, uma independencia politica e social, que nenhuma força lograria fazer retrogradar para o antigo systema colonial". E' o que nos diz Galanti em sua "Historia do Brasil", pag. 13, vol. IV.

A essas observações podemos fazer as seguintes considerações: As capitánias não eram tão soltas mas unidas firmemente por laços politicos. Os seus governadores tinham directa ligação com o poder central do Vice-Rei (ao contrario como se explica a necessidade de um poder central no Brasil?), e este com o da Metropole: era o "federalismo" no verdadeiro sentido, si tal expressão se pode usar. Era um federalismo approximado desse que se desejava nos fins do 2.º Imperio, e que não foi attingido no 1.º Imperio em virtude das circunstancias de então: descentralização administrativa e centralização politica. E' verdade, porém, que a monarchia foi a unica força capaz de manter essa cohesão natural e esse é um dos seus grandiosos beneficios: não fosse a monarchia a idéa de independencia não se fundiria num só ideal synthetizado no desprendimento do Principe D. Pedro. Mais tarde a Metropole rompeu o laço que unia, no Brasil, as capitánias dando a todas poder directivo proprio ligado ao poder central em Lisboa: houve secessão. Assim visava a Metropole annullar a autoridade do Principe D. Pedro e acalantar a esperança de que algumas das capitánias lhe permaneceriaem fieis. Tal não quiz a Providencia que já seculos antes não permittiu a duração de dois governos, o do Norte, com Luiz de Brito na séde da Bahia e o do Sul com o Dr. Antonio Salema com séde no Rio de Janeiro (1572-1577), porque o Brasil é uma patria una sem differença de raça ou meio. (V. Patria-Nova, N.º 3, pag. 83-95).

Foi por essa forma pacifica e feliz que a Providencia por meio desse illustre Bragança preparou a Independencia do Brasil. Foi por esse "conjuncto de circunstancias naturaes, e de circunstancias historicas, das quaes a mais favoravel foi a prolongada residencia da familia real no Rio de Janeiro", que se antecipou a independencia. Já havia o Brasil sido (13-V-1815), elevado por D. João "á dignidade, preeminencia e denominação" de Reino Unido de Portugal e Algarves, e como tal reconhecido pelo tratado final do Congresso de Vienna, segundo consta dos proprios

termos da Carta de Lei de 16 de Dezembro de 1815". (E. Vilhena de Moraes, "O patriotismo e o Clero no Brasil", pag. 29). Foi desse modo feliz que o Brasil passou assim a gozar de independência prática. Tínhamos, com effeito, tribunaes, escolas e instituições próprias que redundavam em plena autonomia ou numa quasi-independência: Brasil-Metropole, Portugal-Colônia". (Vilhena de Moraes, op. cit. pag. 30). "A residencia da côrte com os seus decretos abrindo-lhes os portos, e os tratados de 1810, tinham finalmente, dado ao Brasil uma Independência de facto". (Rocha Martins, op. cit. pag. 252).

Tudo isso foi obra de D. João VI, que digna e nobremente preparou a independência "de direito" do Brasil pela anterior independência "de facto". A sua côrte, porém, oppunha-se á sua permanencia no Brasil, pois era contraria aos interesses de Portugal. "Mas D. João VI continuava no seu processo de delongas; por systema recusava embarcar desde 1814, deixara partir as naus do irmão do marechal, marcara pertencer-lhe o direito de escolher a oportunidade de voltar ao paiz, onde já era necessario dinheiro para pagar ás tropas e conservá-las fiéis na mão do disciplinador" (refere-se ao Marechal de Beresford). (Rocha Martins, op. cit. pag. 54).

CAPITULO 4.º

O regresso do Rei.—A revolução pernambucana.

Em Portugal, conspirava-se; tratava-se de substituir ao Rei legitimo pelos seus parentes, os Cadaval, "èles deviam sentir-se á beira do trôno, o duque porque vira os soberanos apegados ao Brasil, na ansia de formarem uma nova côrte. E que fôra D. João IV senão um duque alçado ao sôllo por uma conspiração da nobreza?" (Rocha Martins, op. cit. pag. 56). D. João, porém, nem sequer deixava partir o Príncipe Herdeiro. "Negara-se a deixá-lo partir com Beresford e, no seu intimo, consolava-se como sempre, de tomar todos os conselhos mas só seguir o seu". Como de habito, "fingia-se alheio a tudo para melhor ganhar tempo". Os nativos se lhe oppunham á partida, e elle começava a sentir a imperiosa necessidade de já "pensar nos brasileiros, dar-lhes titulos e a confiar-lhes pastas no ministerio. Baroneu tres filhos do Brasil. Hesitou, porém, em fazer ministros aos nativos, embora arranjas-se um meio termo, a ajudaancia de Tomás Antonio, que logo falou em José Bonifacio de Andrade e Silva, então em Coimbra, o irmão daquele revolucionário António Carlos ainda a ferros na Bala", (R. Martins, op. cit. pag. 71 e 72).

Por morte da Rainha D. Maria I, foi D. João VI aclamado Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e não se lhe ia a idéa da fundação definitiva do grande Imperio do Brasil. A revolução dos pernambucanos, a 6 de Fevereiro de 1817, desconfiados e cansados da prepotencia da Metropole, impossibilitou o plano.

Realmente era grande a oppressão da Metropole, intransigente com a politica pan-brasileira, porém, não menos reais eram os progressos do Brasil pela benéfica influencia de D. João; portanto, a revolução não tinha tanta razão de ser, foi antes uma precipitação de acontecimentos apoiada nas orgulhosas exigencias da côrte portugueza. No Brasil pedia-se que D. João não regressasse a Portugal, pois viam os brasileiros, com esse afastamento, futuras humilhações e perdas de direitos adquiridos. Foi realmente essa desconfiança uma das causas mais importantes da agitação.

A proposito dessa Revolução não devemos deixar de lhe fazer uma referencia mais demorada, tanto mais que se trata de uma "revolução republicana" como a caracterizaram os seus chefes. Della fazem alardes os idolatras desse regime pretendendo fazel-a passar como um movimento puramente popular e dando-a como um indice do republicanismo consentaneo ao espirito brasileiro. Em nosso estudo anterior promettemos ("Patria Nova", n.º 3, pag. 92), alguns esclarecimentos. Eis-os. Diz Pereira da Silva em sua "Historia da fundação do Imperio Brasileiro", vol. 2.º:

"Ha quem louve, exalte e eieve ás nuvens os autores desta revolução. Rebaixam-nos outros ao nivel de miseraveis desordeiros". Dizemos, porém, com Galanti, ("Historia do Brasil", vol. 4.º, pag. 48), que os autores della "não merecem tanta honra e nem tamanha ignominia".

"A respeito do suas causas concordamos em affirmar que ellas se resumem na brecha que no Brasil iam abrindo as idéas liberaes, revolucionarias e republicanas da Europa, bem como no abalo causado pelas noticias da grande felicidade que se suppunha desfrutavam os Estados Unidos do Norte, e da luta que, para conquistar a sua independência, sustentavam com grande valor as colonias hispano-americanas. Por outro lado a velha antipathia entre brasileiros e portuguezes longe de extinguir-se accentuava-se cada vez mais em seguida á vinda da familia real para o Brasil. Com effeito, viam os brasileiros nesse facto exaltada sempre mais a influencia do reino, e os impostos que justa ou injustamente tinham sido augmentados, pareciam intoleraveis aos que nutriam semelhantes idéas".

Não se pôde condemnar a justa aspiração dos patriotas; negam-se applausos ao seu individualismo falta de ideal organico consultivo á consciencia nacional. O gesto dos pernambucanos foi de véras commovente mas inefficaz. Si os patriotas queriam independência com republicana, assim não pensava o resto dos brasileiros que desejava a independência pura e simples. Vingada a insurreição não era certo que attrahiriam elles todos os patricios: faltava cohesão de idéas.

O que se pôde admirar nessa insurreição é o movel generoso da independência, tudo o mais era ideologia funesta que desgraçaria para sempre o Brasil. Os promotores da revolução andavam impregnados do francezismo das "grandes idéas" da época, balcões de liberalismo como as que hoje "adentam" muita gente imbuida de communismo e idéas correlatas. Uma prova disso está em que Domingos Martins deu ao orgão revolucionario o nome de "Preciso" traducção (?) de "précis" (compendio, resumo). O espirito de novidade foi o grande incitador dos "patriotas". Não se pôde negar, porém, que se achavam envolvidos homens de talento, mas estes constituíam a minoria. Quanto ao movimento, não foi, em absoluto, um movimento brasileiro, senão movimento de alguns brasileiro. Nem o povo de Pernambuco os acompanhou e nem o povo do Brasil inteiro. A republica era querida por aquellas mentalidades cultivadas nas Academias reguladas por estatutos reformados por Pombal. Quanto ao povo, este "que havia de fazer quando de repente tinha ficado sem o governador e agora via os padres e frades á testa da revolta cantando Te-Deus, e praticando outros actos religiosos para o bom resultado da insurreição?"

"Parece-nos poder em resumo affirmar—1) que o governo provisório mostrou bastante moderação e desinteresse; mas, por falta de pratica e de pessoas capazes, cahiu em muitos erros e soffreu os maiores desenganos;—2) que a massa do povo, até em Pernambuco, não adheriu de coração á nova ordem de cousas. A revolução, conquanto tivesse seus adeptos na Bahia e no Rio de Janeiro, foi obra de poucos chefes, principalmente no Rio Grande, na Parahyba e nas Alagoas;—3) que embora ella estivesse planejada, não estava ainda madura. Deprehende-se tudo isto mui facilmente do que o insuspeito Mon. Muniz Tavares diz na sua historia". (Galanti, op. cit. pags. 56 e 60).

Portanto, a revolução não foi um movimento nacional e a Providencia mais uma vez livrou-nos das suas consequencias, pois todo movimento que não obedece a uma consciencia una da nacionalidade não é um movimento desejado não obstante por vezes vingar e a nação acceitar um estado de facto como aconteceu com a proclamação da Republica mas como não se deu com a fundação do Imperio que o povo acclamou motu-proprio e quiz de todo o coração. Um movimento que não obedece a essa consciencia é um movimento illegal para com o Governo constituido, ao qual não saberá substituir, e para com o povo de quem se pretende fazer defensor mas do qual este não participa nem tem aviso: um movimento imprevisto vae contra o di-

reito das gentes e acarreta as peores consequências. Dahi, não obstante os patriotas gritarem em seu manifesto de 10 de Fevereiro daquelle anno: "Viva a patria, vivam os patriotas e acabe-se para sempre com a tyrannia real", o povo, ao qual fôra dirigido aquelle manifesto, ansiava por gritar: "Viva El-rei; morram os patriotas". Foi o que fez o povo de Natal, já livre dos "benefícios" dos patriotas. E ninguem desconhece tambem o que foi a reacção monarchista nas Alagoas que "toinou proporções assustadoras", no dizer de Galanti, até que afinal "içavam a bandeira da monarchia todas as villas de Pernambuco, com excepção apenas de Igarassú, Cabo, Itamaracá e Goiana" (op. cit. pag. 64).

Quando dissámos idéas francezas, não deixámos de incluir o maçonismo que empolcou as mentalidades regionaes, ingenuas, posto que illustres. A maçonaria já funcionava na America do Sul desde 1812. "E' inquestionavel, posto que descobrimos os pormenores, que lojas do Brasil e do Rio da Prata estavam então em communicação e Rivadavia, numa das suas cartas editadas pelo Sr. Julio Peña, erudito de Buenos Ayres, diz ter tratado com Domingos José Martins pouco antes da revolução de 1817, na passagem do argentino para a Europa" (Oliveira Lima, op. cit. pag. 23). Foi esse mesmo maçonismo que engendrou a republica naquellas mentes como poucos annos após ia desencontrar o pensamento na fundação do Imperio. A republica viria scindir o Brasil, como o scindiu na republica regencial, (1831-1840), mas a Providencia ainda reservára aos Illustres Membros da Casa de Bragança a gloria de fazel-o uma patria una e livre.

O maçonismo foi o vehiculo do republicanismo daquelle época e por sua vez o maçonismo servia de vehiculo ás represalias estrangeiras contra o dominio de D. João VI. A França, que se assenhoreara do mundo e que indispoz a Hespanha com Portugal, era a causa remota de tudo isso, não obstante a anterior queda de Napoleão I a 18 de Julho de 1815. Dahi ser "facto que a politica madrilenha, concorde com as cinco potencias medianeiras, insistiu em attribuir a insurreição pernambucana á impotencia em que se achava D. João VI em acudir aos outros pontos do Brasil, devido á escassez das suas tropas. Todos tinham as suas vistas voltadas, primordialmente, para a occupação de Montevidéu, afim de dar arrhas á politica imperialista sonhada pelo Monarcha e insufflada pelas aspirações dos politicos das Provincias Unidas.

"E, com aquelle criterio, assim se exprimiu Fernan Nuñez: "O estado de perturbação em que presentemente se encontra uma parte do Brasil e cujas consequências podem tornar-se as mais funestas, serve para provar altamente a grandeza d'alma do Rei meu Senhor e demonstrar toda a generosidade de que elle faz uso nas suas deliberações: S. M. Catholica tem pressa de fazer conhecidos os seus desejos de que as potencias aliadas queiram conunctamente occupar-se da urgente necessidade que ha de destruir esse espirito revolucionario, o qual compromette a segurança do Brasil e a do throno de S. M. Fidellissima, e mo igualmente se oppõe á felicidade de todas essas bellas possessões pertencentes aos deus Soberanos"—Circular no Archivo do Minist. dos Neg. Ext. de França. (Dr. Fernando Nobre, "As Fronteiras do Sul", pag. 264).

Realmente a segurança do Brasil perigava e é pelo fracasso desse perigo que nos regosijamos pelo fracasso da Revolução.

Em Portugal as cousas tomavam outro rumo. A concorrência mercantil ingleza provocada pela abertura dos portos brasileiros em 1808 fôra alli a geradora da pobreza. "Esta medida, a um tempo diplomatica e economica, tivera por effeito cerrar tão amplo mercado quanto o da America Portuguesa ao monopolio da sua antiga mãe patria e indirectamente trouxera a esta, grandes males de penuria do erario e de vagabundagem por falta de trabalho. Facil é de ver que não só o povo soffria de tal situação: della soffria não menos, pela natureza dos factos, a burguezia de negociantes e lavradores".

"Ao passo entretanto que Portugal andava assim humilhado na sua mais brêve instituição, dava o Rei mostras inequivocas de não querer mais regressar do Brasil, transformando quiçá de direito, como de facto já o era, a antiga colonia em sede da monarchia. No Campeão que se publicava em Londres, considerava-se assente que Dom João VI nem queria voltar, nem repartir a autoridade". (Oliveira Lima, op. cit. pag. 17 e 18).

Tudo isso, contudo, começou a tornar imperiosa a necessidade de voltar D. João VI a Portugal interrompendo os trabalhos de criação e progresso da Patria Nova, assombrosa em relação á grande indigencia da época. Depois que a 6 de Fevereiro de 1818, um anno depois da revolução, fôra D. João aclamado Rei, aqui no Brasil, doia-lhe a idéa de apartar-se desta terra amada cuja independencia reconhecia como justa e como um dever moral seu. Não obstante, continuava a demonstrar que o Brasil se separaria e que elle não desejava abandoná-lo em hora tão augusta mas organizá-lo. Compreendia que as independencias se succederiam umas ás outras em todas as colonias americanas e não ia de encontro a justas aspirações, e desse sentimento seu é prova a intervenção sua em favor dos independentes radicados de Buenos Aires contra o general Elío, governador da Banda Oriental do Uruguay, (que nisto vêm alguns historiadores apenas uma trama da "grande intriga" do ministro Conde de Linhares com fins de represalia contra a Hespanha).

CAPITULO 5.º

D. João VI; a Revolução Liberal, e o Príncipe Herdeiro.

Em summa: "Quem separára o Brasil fôra D. João VI. Desde 1808 que as rendas da casa de Bragança, da do infantado, da das rainhas, de muitas casas particulares, além de uma valiosa consignação mensal, embarcavam em Lisboa com destino ao Rio. A situação relativa inverte-se: Portugal era a colonia, metropole o Brasil onde se achava o rei".

"A abertura dos portos do Brasil aos navios de todas as nações e o tratado de 1810, finalmente, eis ahí os principaes actos que de facto haviam dado ao Brasil a autonomia economica, infallivel precursora da autonomia politica", (Oliveira Martins, op. cit. pag. 284). Consciente ou inconscientemente, foi D. João VI o preparador da independencia brasileira permittindo-lhe a subsequente unidade imperial tão almejada e inconseguida pelas colonias hespanholas em sua chimera republicana, pois na desordem de se achar o chefe, si este não tivesse direitos eminentes ao governo da nova nação, esta esphacelar-se-ia em lutas intestinas estereis e eternas que lhe tirariam a unidade e a liberdade. O bom monarcha antevia todas essas difficuldades futuras, o que demonstra de modo muito claro a intelligencia com que agiu de um modo nobre, digno e prudente, pois sabia D. João que não basta, para ser nação, ser livre, são precisos meios de manutenção dessa independencia em paz e segurança. "As republicas, surgindo a subitas, despertando ambições em todos os improvisados generaes, ganhando as almas entreabertas para o poderio, eram o erro; a monarchia, refreando esses embates, sendo um antepelo aos choques tremendos de raças e de ganancias, de exhibitivas glórias militares, prepararia, como succederia no Brasil, um futuro melhor, sendo menos agitado o presente e garantindo o culto do passado", (Rocha Martins, op. cit. pag. 25). Foi o que se deu com as novas nações americanas, raras das quais só encontraram a almejada estabilização e ordem depois de longo tempo de lutas contra todos os que se achavam com direito ao governo (isso mesmo com aspecto muito provisório) e tambem com o auxilio de nações mais fortes e pelos felizes acontecimentos e recursos naturais. Essa apparente firmeza politica não é fruto do regime mas sim das forças economicas naturais, o que não é indice de bondade politica. A quasi totalidade das pequenas nações desagregadas dos antigos vice-reinos até hoje não encontrou estabilização e organização,

nascidas que foram com um sentimento de liberdade exaggerado. (Oportunamente nos deteremos neste ponto).

A situação em Portugal piorava. Em Agosto de 1820 declara-se no Porto a revolução liberal. Manoel Fernandes Thomaz, encorajando os patriotas fal-os proclamar a Constituição de Cadiz aceita por todos que a juraram a 15 de Setembro de 1820 e D. João devia jurar-a. "No Rio de Janeiro, D. João VI, ao saber da victoria, desesperava-se e decidia-se a ficar no Brasil". "Era bem preferível, asseverava, "ser o Duque de Bragança a ter uma Constituição igual á espanhola". (Rocha Martins, op. cit. pag. 69, 75). "Sabia-se que em Alagoas e Maranhão havia muitos constitucionaes 'á de cunho separatista. Um caso de pânico!" (Idem, pag. 82). A situação complicava-se: era preciso decidir, 1.º mandar D. João o filho; 2.º, conceder a constituição; 3.º, fazer alguma cousa para o Brasil. O Conde de Palmella aconselhava, "ante os acontecimentos, que o príncipe devia partir, dentro de oito dias, embora a esposa ficasse, mas a isto antepunha-se a vontade de D. Leopoldina, decidida até a morrer, mas não a largar o marido. O ministro, num arranço, queria deixar as pastas". (Idem, op. cit. pag. 82). O Conde dos Arcos, porém, achava conveniente a partida de D. João deixando no Brasil o Príncipe Herdeiro. "As côrtes constituintes, usurpando todas as poderes reaes, tinham collocado o soberano na triste situação de verdadeiro prisioneiro dellas". Afinal, "ao anoitecer de 26 de Abril de 1821, embarcava D. João VI em São Christovam, com destino a Portugal, e já em Lisboa, nesse mesmo dia, vibravam as côrtes um golpe brutal em nossa autonomia, declarando legítimos os governos estabelecidos ou que se estabelecessem nos Estados Portuguezes e do ultramar para abraçar a causa da regeneração. A politica das côrtes é dahi por diante, mau grado os esforços conciliatorios dos deputados brasileiros, destruir a obra de D. João, com o plano manifesto de recolonizar o Brasil, muito embora juradas houvessem já sido as bases constitucionaes". (E. Vilhena de Moraes, op. cit. pag. 30).

Nada mais pudera fazer o bondoso monarcha em favor do Brasil mas solidificara-lhe os fundamentos da independencia, e foi muito a contragosto seu e dos nativos que partiu. O governo do Reino não poderia continuar no Brasil e Portugal tão descontentadamente submettido á violenta dictadura de Guilherme Carr de Beresford. Esse regime excepcional para a Colonia devia acabar e isso o pediam as avariadas idéas reinantes. No Brasil, porém, "já se davam assembléas secretas em casa do capitão-mór José Joaquim da Rocha, onde se juntavam brasileiros e portuguezes muito excitados, d'ares sombrios. José Bonifacio movia-se com cautelas, em S. Paulo, desconhecendo talvez ainda tudo quanto no Rio se tentara, mas ia revoltar a capitania. Além do Conde d'Arcos e de meia dúzia ninguem podia garantir a complicitade do Herdeiro do Throno, ou antes que elle sabia dos grandes projectos". (Rocha Martins, op. cit. pag. 78—o normando é nosso), isso, antes da partida de D. João. Os brasileiros queriam que a Constituição lhes garantisse as prerogativas de que gozavam pela graça de D. João VI. Ou a separação, ou a manutenção das prerogativas. Si o monarcha se ia, que ficasse o filho a quem queriam e continuadamente manifestavam o seu querer. "Commandava todas as tropas o brigadeiro Cerretti", diz o mesmo autor, "e a seu lado os civis Macambôa, o cirurgião Cerqueira, o padre Góes que fora buscar o príncipe, victoriavam-no agora. D. Pedro, de pé, ao lado de um creado, acadilhava o exercito, fazia gestos desesperados ao escutar acclamações ao seu nome e bradava:—Viva el-rei!..." Afinal as circunstancias fizeram D. João VI consentir em que o príncipe ficasse e assentir nos seus actos, e desde antes de sua partida aprovava "tudo quanto Sua Alteza fizera". Não foi possível, a D. João, ficar, apesar das diarias acclamações do povo acompanhadas de insistentes pedidos de que ficasse. Tudo fôra inutil; "quando ainda imaginava largar para a metrópole, se enviára João Rodrigues d'Almeida com cartas dirigidas a frei Francisco de S. Luiz, devendo as respostas ser levadas ao Paial, onde se mandariam bus-

car mal as ma'estades tocassem na Baía, a aguardar ahí as letrás do grande ecclesiastico. Visto apparecer de novo a idéa de não se deixar o Brasil, tanto da paixão do monarcha, tudo aquillo se tornava inutil". (R. Martins, op. cit. pag. 90). Era o ultimo esforço de Palmella.

Preparavam-se as assembléas eleitoraes brasileiras, mas na balburdia da occasião nada se fazia de proveitoso: os brasileiros agora duvidavam do monarcha e das garantias de seus direitos. "Mandou-se gente ao paço a falar dos tesouros que se pretendiam levar e D. João VI, irritado, negou-os, aceitou a constituição espanhola, molestou-se com a idéa de julgarem que levava a fortuna do Brasil e, num impeto, o ultimo do seu mando na terra amada, ordenou que se dissolvessem as assembléas eleitoraes". (R. Martins, op. cit. p. 91). Era o ultimo aceno de brutalidade que se dirigia ao bondoso monarcha quando já o viam definitivamente partir. "Proclamou de longe a dizer aos seus subditos que confiassem no príncipe a quem entregava a regencia, e nomeava-o seu logar-tenente". No dia anterior á partida, 25 de Abril, anniversario da rainha, o illustre monarcha chamou o filho ao seu oratorio e dizendo-lhe que o deixava no Brasil pediu-lhe que cuidasse "de não deixar fragmentar-se o poderoso Estado constituído pelo espirito aventureiro portuguez, nem deixar escapar seu dominio integro á autoridade da familia reinante", tudo pela felicidade de uma nação que nascia e para que ésta não cahisse na degradação, no esphacelamento e na anarchia mas que guardasse a tradição do espirito heroico portuguez. Dessa forma bondosa e feliz queria D. João garantir a felicidade do Brasil que tanto amou, uma vez que os acontecimentos, que previa para breve, o levariam á separação ante a aggressividade das côrtes de Lisboa.

D. João partira e a Independencia ficára consagrada pela logar-tenencia do herdeiro da corôa, que aqui permanecera: "o Brasil só podia que as exigencias reacclonarias de Lisboa o impellessem a proclamar a independencia, seguindo o exemplo das colonias da Hespanha". (Oliveira Martins, op. cit. pag. 253, vol. 2.º).

Nesse esboço historico fica demonstrado que a Independencia de facto foi firmada por aquelle illustre Chefe da Casa de Bragança, por cuja acção magnanima tão devedoras lhe são as gerações brasileiras.

Os acontecimentos historicos desenrolados naquella época no Brasil nada mais foram que a realização da historica prophcia de Frei Vicente do Salvador, nosso primeiro historiador (1627): "Com isto folgavam todos de trabalhar e exercitar cada um as habilidades que tinha, dando-se uns á agricultura, outros a criar gado e a toda a mechanica, ainda que a não tivessem apprendida, com o que foi a terra em grande crescimento, e muito mais com a ajuda de custas, que el-rei fazia, com tanta liberalidade (refero-se a D. João III, o precursor do Imperio Brasileiro) que se affirma no triennio deste governador gastar da sua real fazenda mais de trezentos mil cruzados em soldos, ordenados de ministros, edificios da sé e casa dos padres da Companhia, ornamentos, sinos, artilharia, gados, roupas e outras cousas necessarias; o que fazia, não tanto pelo interesse que esperava de seus direitos e dos dízimos de que o Summo Pontifice lhe fiz concessão com obrigação de prover as igrejas e seus ministros, quanto pelo gosto que tinha de augmentar este estado e fazer delle um grande imperio, como elle dizia".

"Nem se deixou então de praticar que, si alguma hora acontecesse (o que Deus não permitta) ser Portugal entrado e possuido de inimigos estrangeiros, como ha acontecido em outros reinos, de sorte que fosse forçado passar-se el-rei com seus portuguezes a outra terra, a nem uma o podia melhor fazer que a esta. Porque passar-se ás ilhas (como diziam e fez o Sr. D. Antonio, pertencente do reino, no anno do Senhor de 1580) além de serem mui pequenas, estão tão perto de Portugal

que lhe iriam os inimigos no alcance, e antes de se poderem reparar dariam sobre elles".

"A India, ainda que é grande, é tão longe e a navegação tão perigosa que era perder a esperança de poder tornar a recuperar o reino".

"Porém o Brasil, com ser grande, fica em tal distancia e tão facil á navegação, que com muita facilidade podem cá vir e tornar quando quizerem ou ficar-se de morada, pois a gente que cabe em menos de cem leguas de terra que tem todo Portugal bem cabrá em mais de mil que tem o Brasil, e seria este um grande reino, tendo gente, porque adonde ha as abelhas ha o mel, e mais quando não só das flôres, mas das ervas e cannas se colhe mel e assucar, que de outros reinos estranhos viriam cá buscar com a mesma facilidade a treço das suas mercadorias, que cá não ha. E da mesma maneira as drogas da India, que daqui fica mais vizinha e a viagem mais breve e facil, pois a Portugal não vão buscar outras cousas senão estas, que pão, panos e outras cousas semelhantes não lhe faltam em suas terras. Mas toda esta reputação e estima do Brasil se acabou com el-rei D. João, que o estimava e reputava". ("Historia do Brasil", pag. 151-2, rev. por Capistrano de Abreu; normandos nossos).

Poderiamos acrescentar que essa predestinação Imperial do Brasil se continha nas instrucções secretas deixadas ao Padre Antonio Vieira por D. João IV (fallecido em 1656), segundo as quaes a Rainha D. Luiza de Gusmão deveria deixar Portugal e passar-se ao Brasil com os filhos, fixando aqui a dynastia.

Daqui passaremos á segunda phase da Independencia e veremos o papel de D. Pedro I como causa sine-qua-non da INDEPENDENCIA DE DIREITO. Nosso escopo é demonstrar á luz da Historia e pela confirmação de bons historiadores como nasceu a Patria Imperial Brasileira, quaes as leis dessa evolução e de como se deve progredir dentro da realidade dessas leis. Os direitos da Augusta Casa de Bragança ficam claramente demonstrados e ficam tambem desfeitos os mythos historicos sobre o rumo dos acontecimentos e o valor da Dynastia. O tempo já fez a devida justiça a esses factos mas não nos é possível deixá-los passar sem os expormos prioritariamente á luz da verdade para que incontestaveis sejam os nossos principios; para que não façamos puras abstracções inadequadas ás realidades e para que nossa doutrina seja aquella que a razão consciente e recta pôde deduzir.

Veremos na Parte II deste Titulo III a lealdade do Principe D. Pedro; sua acção dentro das normas da moral; como os acontecimentos foram tomando rumo bem diverso do esperado e D. Pedro, sempre resolvendo segundo a justiça ante a liberdade dos cidadãos e as necessidades de então, chegou a Imperador do Brasil separando-o de Portugal não como um trahidor, um irresponsavel, mas como um digno homem de bem, não obstante a 4 de Outubro de 1821 ter escripto a seu pae: "Querlão-me e dizem que me querem acclamar Imperador. Protesto a Vossa Magestade que nunca serei perjuro, que nunca lhe serei falso, e que elles furão esta loucura, mas, será depois de eu e todos os Portuguezes estarmos feitos em postas, o que juro á Vossa Magestade escrevendo nesta com o meu proprio sangue!" Juro sempre ser fiel á "Vossa Magestade, á Nação e á Constituição portugueza". D. Pedro sempre foi justo e fiel aos ideaes brasileiros, mas antes era o bom e leal funcionario, que no desempenho de suas altas funções, que jurara bem cumprir, não podia trahilas. Mais tarde, porém, mudando os acontecimentos bruscamente, teve D. Pedro que demonstrar que os principios não necessarios não devem ser salvos a todo tranze fóra da justiça mas sim dar-se aos casos as soluções que a prudencia aconselha; e ahí valeu-lhe a autorização paterna de não largar a corôa ao léo para mal de todos e seu proprio. Foi quando accellou as instantes offerlas de nossos patricios, que eram tambem patricios d'elle, e foi então que definitivamente guio os anseios de uma nacionalidade nascente. Um juramento é acto perfeitamente desligavel quando dentro das normas da moral. "Um juramento pôde não ser mantido si o promettido

é manifestamente illicito ou si mudaram as condições do homem" diz S. Thomas na "Summa Theologica" II parte, 2.^a questão, 110 art. 3 ad 5. cit. de Alfredo Pimenta). D. Pedro antes viu o bem da comunidade. E' nesse sentido do "bonum commune" que Laveleye tem razão ao dizer em "Le Gouvernement dans la Démocratie", pag. 3, vol. 1, que a lei obedece a certas circunstancias da razão, e isso já o dizia S. Thomas: "Est quedam ratio ordinatio ad bonum commune ab eo qui curam habet communitatis promulgata". (I. 2. quest. 9.^a, art. 6) — referindo-se á lei positiva (Summa Theologica).

Veremos todos os tramites da Independencia, da formação do Estado pela acção de D. Pedro que moderada e justamente seguiu as tendências populares—digamos, exaggeradamente—integrando-se completamente á causa nacional e assentindo em ser hereditariamente o Imperador e Defensor Perpetuo do Brasil. D. Pedro era um Principe Heirdeiro e não um aventureiro commum que o faria ambicioso da corôa que o direito lhe garantia (como mostramos no Capitulo II pelas leis de successão). Apenas queremos reduzir tudo ás devidas proporções.

Parlamentarismo

A violência da linguagem, as allusões pessoais, o empurrão, o murro, o tabefe, o revólver arrastado, o "parto-lhe a cara", o desafio para "brigar lá fóra", o appello á "claque" das galerias, tudo isto faz parte dos argumentos poderosos, "ad hominem" (?), que hoje estão integrados nos nossos methodos parlamentares. Uma sessão da Câmara, quando falam certos oradores, evoca, com pequenas differenças na indumentaria dos personagens, vividamente uma scena de pateo de cortiço. E' edificante.

E as galerias ali estão, pejudadas, compactas de gente gulosa desses espectaculos picarescos, o povo que ali vae aprender o respeito aos seus representantes. Esta não é das menores utilidades de toda a patuscada. Alguma coisa o povo ha de aprender. Valha-nos isto. — VIVALDO COARACY

A vazia agitação politica, resultado necessario dos regimens parlamentares, parece condemnar os prosperos países a uma esterilidade intellectual, porque absorve todas as capacidades desde que desabrocham. A direcção moral que só a sciencia pôde dar desaparece, e os institutos e as academias vaziam-se para encher os parlamentos e alimentar o jarnalismo. *Vê-se, pois, uma educação aparentemente mais extensa, mas de facto sem intensidade, sem vigor, condemnada a uma decadência fatal.* (grypho nosso). Não se sabe mais do que o praticamente indispensavel, e por isso mesmo a craveira do saber necessario se fecha diariamente, chegando-se afinal a uma vulgaridade banal. — OLIVEIRA MARTINS.

Em taes circumstâncias, o que seria para desejar é que se fechasse quanto antes esse theatro parlamentar, onde o despeito de uns, a perlice de outros, o facciosismo de todos estão dando cada dia espectaculos mais deprimentes da dignidade nacional. — IDEM.

Ora não é do parlamento que devemos esperar para o grito d'alarme, pois os parlamentos são em todo o mundo quasi o mesmo que o nosso, reuniões de mediocres ligados por sommas de cubiças e interesses que raro se juxtapõem aos nacionaes. Especialmente nos países latinos, o odio das *élites* cultas ao parlamento é por toda a parte intenso e obsedante, desde que se reconheceu que os países apulhustrados são os que mais tempo perdem em altercações e discursseiras. Por toda a parte o bom-senso das populações repulsa essas officinas de sophismas, onde todas as questões nacionaes são desviadas e aproveitadas a beneficio d'individuos, ou de grupos, e onde ao cabo de meses de tumultos nada se adiantou que três ou quatro homens de talento não fizessem, em três ou quatro dias, no silencio dos seus quartos de trabalho.

O NOSSO SAUDOSISMO

Alguns tolos alegam contra o Patrianovismo (sem o conhecerem!) o amor ao passado, oppõem-lhe como oppróbrio a *saudade*!

Mas, digam-nos: é o Brasil só isto que se vê hoje? só esta dissolução? Ou, antes, esta dissolução não é o Brasil? É isto o que nos parece: esta dissolução não é o Brasil, mas a falsificação, a caricatura do Brasil. Que é a Patria sem o seu passado? Não é a Patria alguma coisa de eterno, de continuado, de immortal, de sem solução de continuidade? Se este presente que amanhã será passado não será Brasil no futuro (com seus bens positivos), qual é, então, a logica da vida nacional, da nacionalidade?

O saudosismo condemnavel é esse que fica em attitude miseravel de indolencia perante os crimes do presente egoista que matam a essência, a alma, o nacionalismo do Brasil do passado, do Brasil que tem de ser o de todos os tempos pela in-descontinua solidariedade de um momento com outros da Patria.

Se ha saudosismo em Patria-Nova, é um saudosismo farrado de esperanças, activo, vigilante, militante, racional, violento se quiserem, contra a negação e as negações dum presente estrangeirizado e estrangeirizante, presente individualista que está infamemente desbrasilizando o Brasil de quatro séculos.

Amamos o nosso passado, porque nelle está a base, a lição do nosso presente e garantia do nosso futuro; porque o passado é a Religião, a Lingua, a Terra, o Espirito Nacional, os nossos antepassados negros, indios, lusos e mestiços; são os guerreiros, os padres, os bandeirantes, os nautas, os senhores de engenhos; são as obras de todos os que nos precederam nestas terras que tiveram, conquistaram, lavraram, povoaram, defenderam, e organizaram em instituições que ninguém tinha direito de destruir em nome de fantasmas idealisticos inconsistentes para a realidade!

Se tudo o que ha contra isso é que os "brasileiros" liberais nos oppõem, deviam antes envergonhar-se da sua covardia herética. Se o Brasil delles não é este que afirmamos, tenham o seu "Brasil" agnostico, judaizante, negociado, entregue á invasão estrangeira, dado em concessões de mil feitos, saqueado pela anarchia, com-merciado e dividido pelo partidarioismo, desmoralizado dentro e fóra, destinado á fragmentação, sem passado, indistincto no presente, sombrio no futuro, sem rei nem ordem, nem respeito.

Eis ahí a nossa saudade! Della colhemos para agir contra a todas as negações, sandices e mentiras, na esperança inquebrantavel da instauração do III Imperio que será o Primeiro Imperio orgânico patrianovista.

Republicanizar a republica

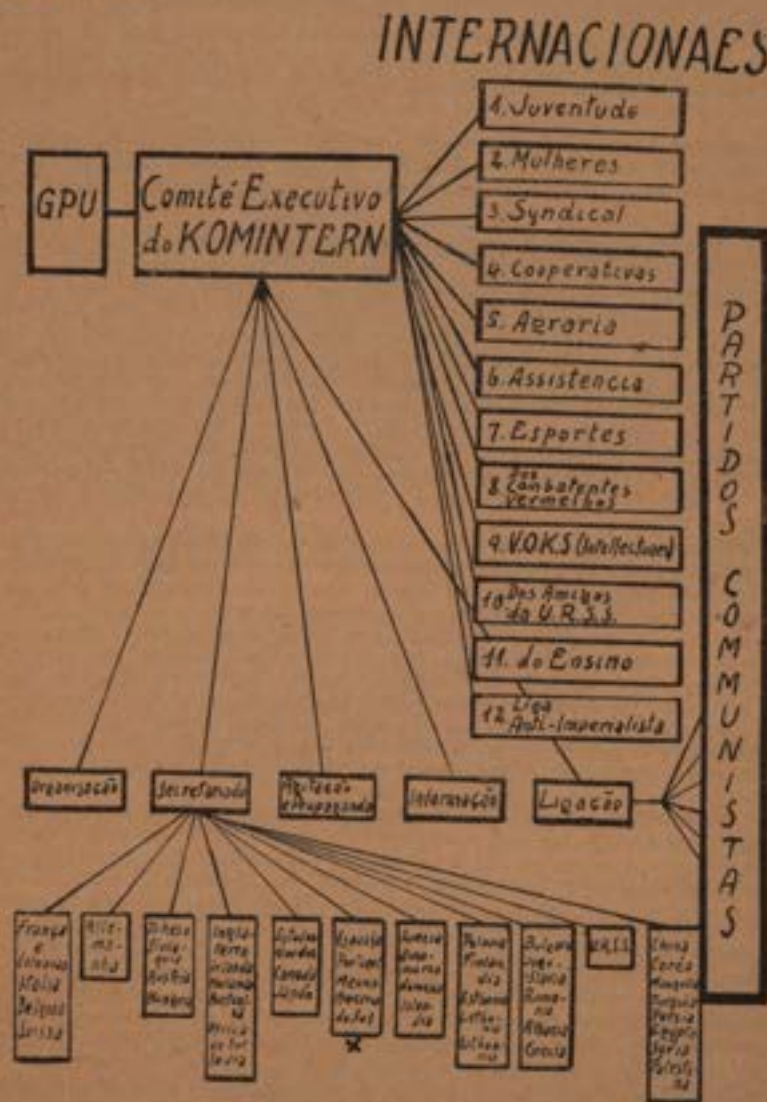
Republicanizemos a republica! dizem certos "salvadores". Outros dizem que a republica, para se salvar, precisa ser "monarchizada": mais affirmação da autoridade mais respeito á lei, mais tempo de governo e, até, representação das classes (á moda patrianovista!). Que é, afinal "republicanizar a republica"? Uma bobagem! Pois hoje em dia ha *mais republica* que no começo della (ou não?) e, logicamente, mais anarchia. Havia, então, um restinho da ordem monarchica. E hoje?!... Mais republica, portanto, significa menos governo, menos hierarchia, menos disciplina, menos ordem, menos garantia do bem público, mais libertinagem, desrespeito, confusão, litigios, ruina, bancarrota, crise geral. E o peor é que o crime não distingue governos nem governados. E as republicas mais felizes são justamente as que são *menos republicas*: Norte-América, Alemanha, Suíça! Republicanizemos a republica! não ha dúvida...

É a hora da compreensão irremediável; ordem ou anarchia: nós ou Moscou!

Através do Bolchevismo

4) ORGANIZAÇÃO GERAL DA INTERNACIONAL COMMUNISTA KOMINTERN

Começamos pelo clássico esquema feito segundo os relatórios do Comité Executivo do Komintern:



OS ENDEREÇOS DAS RESPECTIVAS REPARTIÇÕES SÃO:

(As indicações concernentes à Rússia são extrahidas do annuário official de Moscou)

Comitê Executivo do Komintern: Moscou, Praça Sapozkovskaia, 1.

Seus secções: Organização
Secretariado
Agit-Prop
Informação
Ligação

Comitê Executivo da Internacional da Juventude: Moscou, endereço supra.

Internacional das Mulheres: idem.

Internacional Syndical Vermelha: Moscou, Solianka, 12.

Internacional Cooperativa: Moscou, Praça Sapozkovskaia, 1.

Internacional Agrária: Moscou, Praça Starala, 5-8.

Socorro (ou Assistência) Vermelho Internacional: Moscou, Rua Ogareff, 4.

Internacional dos Esportes: Moscou, Varvark, 11.

Sociedade para as Relações culturais entre a U. R. S. S. e o Estrangeiro, V. O. K. S.: Moscou, Malaja Nikitskaia, 6.

Internacional dos Trabalhadores do Ensino: Paris, Rue de la Grange-aux-Belles, 33.

Liga Anticolonial: Berlim, N. Platz Mombijou, 10.

Explicamos brevemente os pontos obscuros: Travámos conhecimento com os membros do Comitê executivo (ver PATRIA NOVA, março de 1930 pp. 76-77) E' intuitivo que a Internacional Comunista geral abrange doze internacionais particulares:

1) A INTERNACIONAL COMMUNISTA DA MOCIDADE OU KOMSOMOL (Kommunistitshesky Soius Molodeji — Lenintsev —) tem por fim a educação bolchevista pelas escolas de todos os graus e feições, os institutos de sciência e arte, a imprensa e a censura, o cinema e a industria musical. O objectivo remoto dessa actividade "educativa" é a substituição dos exércitos nacionaes pelas milicias communistas, sem religião, patriotismo nem amor á familia, preocupadas unicamente com o triumpho da revolução mundial do proletariado. Dispõe o Komsomol de numerosas folhas p. ex.: THE RED DAWN (a alvorada vermelha) na Inglaterra; DER JUNGE GENOSSE (o jovem companheiro) e DAS PROLETARISCHE KIND (a criança proletária) na Alemanha; PIONEEREN na Dinamarca; DE JONGE KAMERAAD, na Holanda; LE JEUNE CAMARADE, na França; LA JEUNESSE OUVRIÈRE ET COMMUNISTE, na Bélgica. No Brasil, existe o CENTRO DE JOVENS PROLETARIOS DO BRASIL.

2) Intimamente ligada ao Komsomol está A INTERNACIONAL FEMININA, porque as mulheres são as principais educadoras. O fim da Internacional feminina é destruir o lar pela própria mulher. "A mulher não passa de cachorra e fêmea se ella quer bem aos filhos", tal é, segundo o Congresso das mulheres communistas (Paris 16-11-34), a doutrina que se deveria ensinar a todas as mulheres, no intuito de preparar o mundo comunista de amanhã. Diante disso, inútil insistir nos princípios educativos do communismo. Veja-se o competente artigo em "Vade-mecum Antibolchevique" ou o resumo em "Tableaux des Organisations soviétiques".

Deste último citamos apenas os seguintes preceitos:

a) "Moral é o que serve ao partido comunista" (Lenine).

b) "A nossa tarefa não consiste em reformar, senão em destruir toda espécie de moral e de religião" (ABC do communismo).

c) "O partido comunista deve substituir a familia" (Gorkhberg, os direitos do matrimonio e da familia, p. 143)

d) "A criança educada no lar é ás mais das vezes anti-social" (Lilina, ex-directora do ensino público na U. R. S. S.).

Com a Internacional feminina collaboram certas instituições femininas intellectuaes, p. ex.: A Liga Internacional das Mulheres pela Paz e Liberdade. Escusado é dizer que a Internacional feminina é devidamente subdividida e munida de imprensa, especial. Citemos no Brasil: o COMITÊ DAS MULHERES TRABALHADORAS DO BRASIL.

3) A INTERNACIONAL SYNDICAL VERMELHA (I. S. V.) tem por fim a bolchevização INDIRECTA, porque a bolchevização directa está sendo levada a effeito no seio dos partidos communistas de todos os países.

A bolchevização indirecta consiste em fazer penetrar o espirito bolchevista nas organizações operárias, sejam ellas cathólicas ou socialistas moderadas. Assim pois, a acção da I. S. V., também chamada PROFINTERN (Internacional Professionalnich Soiussov) oppõe-se á Federação syndical internacional socialista reformista de Am-

terdão. Esta última entretanto já está sendo bolchevizada naiguns dos seus chefes, p. ex. Eddo Fimmen, secretário da Federação Internacional dos Transportes.

A bolchevização indirecta conseguiu resultados apreciáveis na França (scisão da C. G. T.), Tchecoslováquia, Noruega, Finlândia, China, Índia, Africa, Austrália, e na América latina (Confederação syndical latino-americana).

NO BRASIL, EXISTE A "CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO DO BRASIL", FUNDADA NO CONGRESSO TRABALHISTA DE 1929, CONTINUADA NO SEGUNDO CONGRESSO TRABALHISTA DE 7 DE JULHO DE 1930, FILIADA A' CONFEDERAÇÃO SYNDICAL LATINO-AMERICANA PELO CONGRESSO SYNDICAL DE MONTEVIDEU, ORGANIZADO PELA INTERNACIONAL SYNDICAL VERMELHA, SOB A ALTA DIRECCÃO DA INTERNACIONAL COMMUNISTA (SECRETARIADO ESPECIAL PARA A AMÉRICA LATINA, FUNDADO EM 1925) (cfr. Une nouvelle Guerre Mondiale "La guerre Bolchéviste", pp. 56-60).

Não podemos aqui entrar em pormenores sobre as associações operárias que constituem a C. G. T. do Brasil, e cujos baluartes são: o Rio, São Paulo e Porto Alegre. O leitor facilmente se põe ao par do movimento pela consulta systemática e regular da imprensa favorável ao movimento comunista e revolucionário.

Dizemos: movimento revolucionário, não somente porque o movimento comunista bolchevista é revolucionário por principio, e deve, pelo programma, aproveitar-se de todas as revoluções politicas, mas sobretudo porque as revoluções latino-americanas são dirigidas por um secretariado especial, dependente do Profintern ou I. S. V.

Dissemos também comunista, porque, embora não seja possível afirmar que todos os membros da C. G. T. do Brasil sejam bolchevistas, contudo não ha negar que os principios, a linguagem official e a orientação dos chefes é comunista.

Basta, como exemplo, citar este trecho do Manifesto do Comitê Pró-C. G. T. do Brasil, preparando o primeiro congresso trabalhista de 26 de abril de 1929:

"Concentração das forças proletárias contra a concentração das forças burguesas, significa o augmento das possibilidades de victoria do proletariado, significa a arregimentação segura do exército proletário, para a victoria".

"Esta obra será a da Confederação Geral do Trabalho!"

"E, para completá-la é preciso que nos unamos continentalmente ao proletariado da América-Latina".

"Devemos, para isto, enviar o maior número de representações ao Congresso Syndical de Montevidéu, a realizar-se em maio deste anno (1929), e de onde sairá a Confederação Syndical Latino-Americana!"

"Camaradas!

"Nesta hora de próximas e formidáveis lutas do proletariado internacional do Brasil, devemos estar a postos, realizando a obra gigantesca de organização de nossas forças (grypho nosso).

"Para a frente!

"Viva a união de ferro do proletariado internacional!

"Viva a Internacional Syndical!

"Viva a Confederação Syndical Latino-Americana!

"Pela conquista de melhorias económicas, de habitações, de maiores garantias! no trabalho, sem distincção de sexo ou de cor!

"Pela conquista de nossos direitos políticos, que nos são negados a cada passo

"Pelo cumprimento das leis que nos beneficiam, como a lei de férias, accidentes, etc.!"

"Peio direito de divulgar nossa literatura nas fábricas e officinas!

"Pelas Federações Regionaes Syndicaes!

"Pela Confederação Geral do Trabalho!

"Todas as organizações do Brasil devem estar representadas no Congresso Constituinte da C. G. T. do Brasil".

Para quem está ao par das organizações soviéticas, é muito significativo esse trecho, não pelas reformas justas pleiteadas e que poderiam ser defendidas por qualquer homem de bom-senso ou qualquer corporação operária, mas pelos meios propostos que se resumem na organização mundial da luta armada das classes. "Viva a Internacional Syndical!" Aqui falta apenas o adjectivo "Vermelha". Dignas de nota são também as expressões militares, deliberadamente ambíguas. Ninguém tenha a ingenuidade de interpretá-las num sentido puramente metaphórico! Aliás, para quem duvidasse, bastaria citar certos nomes de chefes do movimento trabalhista, p. ex.: Minervino de Oliveira, Danton John e outros.

4) A INTERNACIONAL AGRICOLA VERMELHA ou KRESTINTERN (Kres-

tianskiy Internacional) tem por fim a bolchevização de todos os elementos descontentes da lavoura, para oppô-los aos fazendeiros de idéas e práticas "burguesas".

Fundado em 1923, o Krestintern possui um "Instituto Internacional agrário" (Moscou 1926) opposto ao Instituto Agrícola de Roma, e publicou numerosos estudos.

A acção da I. A. V. estende-se ao mundo todo: Europa, China, Índias neerlandesas, Índias inglesas, África e América.

NO BRASIL, TEMOS A "UNIÃO DOS TRABALHADORES AGRICOLAS" (antigamente havia o Bloco Operário Camponês), QUE PARTICIPA DOS CONGRESSOS TRABALHISTAS.

5) Em relações estreitas com o Profintern e o Krestintern trabalha a "SECÇÃO COOPERATIVA DO EXECUTIVO DO KOMINTERN" tendo por fim a bolchevização das cooperativas e outras organizações operárias. Assim, já existe um poderoso grupo comunista no Comité executivo Internacional Syndical. Também, os emissários das cooperativas soviéticas (Centrosyous) trabalham fóra da Rússia como agentes comerciais, e, ao mesmo tempo, como propagandistas activos da revolução bolchevista.

6) Para bolchevizar as massas populares existem o Profintern e o Krestintern. Para bolchevizar os intellectuaes, ha a "Sociedade para as relações" culturais com o Estrangeiro ou V. O. K. S. (Vsemirnoe Obshestvo Kulturnich Snocheniy).

O fim da "Voks" é exercer a censura mais rigorosa possível sobre os intellectuaes russos, bem como propagar as idéas bolchevistas nos meios intellectuaes de todos os países.

Por isso, a Voks está em contacto íntimo com a Secção de Agitação e propaganda (ver o esquema). Não podemos aqui entrar em pormenores sobre a propaganda soviética. Basta lembrar que ella se faz por todos os meios: rádio, cinema, esporte, escolas, imprensa, visitas a Rússia, cruz vermelha, Agencia telegráfica "Tass", etc. Consultem o competente artigo em "Vade-mecum antibolchévique".

Pretendemos apenas citar certas internacionaes semelhantes á Voks, que são:

7) A SOCIEDADE INTERNACIONAL DOS AMIGOS DA U. R. S. S. (O presidente da secção brasileira é o sr. Mauricio de Lacerda).

8) A INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DO ENSINO com vários ramos nacionaes, sob a presidência geral de Vernochet e com séde em Paris; pois 18 do corpo docente francês lhe pertence, A I. T. E. não foi aliás criada por Moscou, mas penetrada do espirito comunista pela adhesão da "Federação pan-russa dos trabalhadores do ensino".

9) O SOCCORRO VERMELHO INTERNACIONAL e o SOCCORRO OPERARIO INTERNACIONAL, organizações philantrópicas em apparencia, mas cujo fim verdadeiro é a penetração clandestina do bolchevismo, tanto nas rodas intellectuaes como nas massas operárias.

O sistema não é novo. Todos se lembram da "Burschenschaft" ou "Bursche" da Faculdade de Direito de S. Paulo. Mas, por velho que seja, não deixa de ser um insinuante poderoso a ponto de arrastar o próprio Einstein! As agitações, em torno do caso "Sacco e Vanzetti" bem mostram a influencia indirecta do S. V. I. E. o caso Mário Mariani? (*) Não importa que Mariani tenha defensores anticomunistas. Cumpre sempre lembrar que a defesa dos adversarios é preciosa para a acção indirecta comunista.

10) Quanto á LIGA ANTI-IMPERIALISTA, os seus fins são combater o imperialismo politico e económico bem como o poder ecclesiástico.

No Brasil, a liga anti-imperialista foi secretariada por Raul Karacik. Notemos, enfim, que as organizações comunistas mutuamente se compenetraram e colaboram. Basta como exemplo que os Amigos da U. R. S. S. tomam parte activa na propaganda anti-religiosa (cfr. Entente Internationale. Documentation mensuelle, mars 1930).

Sobre a acção anti-religiosa do Komintern e das organizações connexas, cfr. Les Persécutions religieuses en Russie, documents et faits, Genève, mars 1930, bem como os números da Documentation mensuelle; cfr. também Vade-mecum antibolchévique e Tableaux des organisations soviétiques. Todas as fontes citadas são publicações da Entente Internationale contre la III. e Internationale.

(*) A este propósito convém informar que o Procurador Federal de Nova-York Tottle, entrou em combinação com o serviço de investigação, para expulsar do territorio dos Estados Unidos os estrangeiros comunistas, mesmo não apanhados em flagrante. A imprensa dos E. U. está movendo, nos últimos tempos, extensa campanha anticomunista (Documentation Mensuelle, avril 1930, E. 8).

Enfim, cumpre avisar que, em vários países orientaes, p. ex. na China e no Japão, etc., os estudantes universitários se vão tornando instrumentos de propaganda soviética (V. Documentation mensuelle, mars 1930, G. 1). O que se passa no oriente verifica-se também no Brasil. E' conhecida a intervenção de certos membros do "Centro Académico XI de Agosto" em favor dos grevistas gráficos de S. Paulo, dirigidos por uma organização comunista judia (cfr. Documentation mensuelle, juillet-août 1929) (para o caso do "C. A. IX de A." cfr. "A Balança" 22-6-29).

Nesta ordem de idéas convém mencionar a fundação de uma liga anti-imperialista, cujos elementos se manifestaram apaixonadamente contra a expulsão do Mario Mariani (**).

11) Citemos em último lugar a INTERNACIONAL DO ESPORTE (no Brasil: Cultura física proletária) e 12) a INTERNACIONAL DOS COMBATENTES VERMELHOS que agora não nos interessa.

As internacionaes comunistas trabalham juntamente com os PARTIDOS COMUNISTAS. Estes últimos têm sempre organização illegal e occulta além da organização legal e publica, quando o permitem as circunstâncias politicas.

Ninguém entretanto se illuda sobre o espirito da organização legal comunista. Eis aqui alguns preceitos do II.º Congresso da Comissão executiva do Komintern:

"Todo deputado comunista no Parlamento deve lembrar-se sempre de que não é um "legislador" no meio de outros legisladores, mas sim um agitador do partido mandado ao campo inimigo".

"Todo deputado comunista deve, segundo a decisão do comité central unir o trabalho legal á actividade illegal. Nos países em que os deputados comunistas ainda gozam da immuniidade parlamentar, conforme ás leis burguesas, deve servir essa immuniidade para a organização da propaganda illegal do partido..."

Quanto á politica municipal, são igualmente claros os principios:

"O proletariado revolucionario deve destruir as municipalidades, mecanismos idénticos ao estado burguês," substituindo-as por soviets locais de deputados operários!

"Os comunistas entram nos conselhos municipais para aproveitar-se da tribuna com intuito de propaganda e agitação... para mostrar ás massas que sem a luta pelo poder não é possível realizar as mais modestas reformas (cfr. Documentation mensuelle, avril et mai 1930. Compare-se aliás a agitação do sr. Mauricio de Lacerda).

O PARTIDO COMMUNISTA OU TRABALHISTA DO BRASIL ESTA' ORGANIZADO SEGUNDO ESSES PRINCIPIOS GERAES. A subdivisão do partido é a clássica em ramos regionaes e locais, com as respectivas células (cfr. Eschema em Tableaux des Organisations soviétiques, p. 15. Sobre a politica das células ver o Vade-mecum antibolchévique). Como nos outros países, as organizações locais obedecem á distincção das especialidades e COMO NOS PAISES DE IMMIGRAÇÃO A NACIONALIDADE DOS IMMIGRANTES E' OUTRO PRINCIPIO DA SUBDIVISÃO, QUE SE ESTENDE DE NORTE A SUL, DO LITORAL ATE' O SERTÃO DE MATTOGROSSO. Não podemos, neste artigo, explicar a organização das varias nações de immigrants comunistas no Brasil. Limitamo-nos a dizer que ESTES HOMENS NÃO SÃO DESPREZIVEIS COMO ELEMENTO ESTRANGEIRO E DEFENSORES INNOCUOS DUM COMMUNISMO DE IMPORTAÇÃO. O sr. V. Cy. que ha tempos achava o communismo absurdo e ridiculo producto estrangeiro, incompatível com a mentalidade do povo brasileiro, hoje-em-dia teme que a revolução comunista se faça pelos homens desconhecidos, do sertão. Ora, no sertão existem colónias poderosas de immigrants comunistas, cujos filhos amanhã serão brasileiros legitimos. (***)

Desde a criação da C. G. T. do Brasil, entrou o P. C. do Brasil numa phase de grande actividade. A revista "Internacional Comunista" de 20 de março deste anno prevê UMA PROXIMA SITUAÇÃO REVOLUCIONARIA EM CERTOS PAISES DA AMERICA LATINA, excitando os respectivos partidos comunistas a melhorarem a sua acção politica, eliminando os elementos burgueses e explorando a crise econó-

(**) Meditem certos amigos sobre a distincção entre anti-imperialismo comunista e anti-imperialismo nacionalista christão, verificando se a sua participação na liga não está trabalhando os seus proprios principios.

(***) OS BRASILEIROS COMEÇAM A TRABALHAR. Os brasileiros tratam a questão da imprensa, organizam as células do socorro vermelho, recolhem donativos para os presos politicos libtarios, distribuem

mica para conquistar a maior parte do proletariado e dos colonos ("A crise económica na América latina e as tarefas do P. C." cfr. Documentation mensuelle, abril 1930, E.-9).

Diz ainda o referido organ: "Em 1929, vimos na América latina grandes movimentos populares. Foram elles espontâneos, SE BEM QUE HOUVESSE ALGUNS DIRIGIDOS POR NOSSAS ORGANIZAÇÕES. Tivemos grandes movimentos no México, greves na Venezuela com intervenção da policia e do exército, manifestações de primeiro de maio em Cuba, greves na Colúmbia, um levante dos Índios no Equador, uma greve de 15.000 mineiros nas empresas americanas do Perú, greves tempestuosas e reiteradas na Argentina, greves no Uruguay, greves espontâneas no Brasil, manifestações contra a guerra do Paraguay. Tivemos grandes manifestações em 1.º e sobretudo em 23 de Agosto" (anniversario Sacco-Vanzetti). — Sobre as greves espontâneas no Brasil, sabemos o que se deve pensar até pelo "O Trabalhador Gráfico" de 6 de maio de 1929. —

Por sua vez, o Boletim da Internacional dos Trabalhadores do Ensino resume a situação nestes termos:

«E' innegável que vai crescendo a actividade e a combatividade dos operários americanos. O movimento grevista torna-se cada vez mais intenso, adherindo-lhe, pouco a pouco, as massas mais oprimidas, o proletariado agrícola. Depois da greve dos plantadores de bananas na Colúmbia, rompeu o movimento grevista no Brasil (especialmente a greve dos gráficos em São Paulo), no Uruguay (greve nas empresas frigoríficas de Fray-Bentos). Muitas paredes houve na Argentina (dos operários em construcções e mobiliário). A's vezes, a luta social exaspera-se, verificando-se a transformação da luta económica em política: greve geral de Rosário (agosto de 1929), grandes paredes na provincia de Córdoba (dezembro de 1929). Outras greves estalaram no México, no Perú, no Paraguay, na America central. A classe operária vai apresentando reivindicações económicas; porém, no decorrer da luta, desfaldada a sua bandeira proletária» (Reparem na última phrase!).

Termina o artigo, dizendo que os professores devem incorporar-se no movimento syndicalista crescente, citando o exemplo do «syndicato dos professores públicos» do Estado de Michoacan (México), que se filia á I. T. E., e prometendo SOLIDARIEDADE INCONDICIONAL DO GRUPO NORTE-AMERICANO DA INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES DO ENSINO... «para a defesa da União soviética e o estabelecimento de governos operários revolucionários...» (Boletim da I. T. E. n. 4-5, 1930, cfr. Documentation mensuelle, abril 1930, E-10).

Em próximo artigo, resta explicar a organização do G. P. U. (organ de Terror, Espionagem e Provocação do governo soviético) e do exército vermelho propriamente dito.

SYNDICALISMO

Não se confundam syndicalismo revolucionário e syndicalismo christão: o primeiro prega e pratica a luta das classes; o segundo prega e pratica a collaboração das classes dentro da justiça e da ordem.

a propaganda, já recebem 30 exemplares de "BALSAS", e exigem sempre mais e mais da literatura comunista. O ruim é que ás vezes caem sob influencias de MARGAS (N. B. — socialista moderado da II Internacional).

—SÃO PAULO, DO NOSSO TRABALHO. A secção lituana do Partido Comunista do Brasil numa das suas sessões resolveu pedir ás redacções de "Balsas", "Zalsul", "Vilnia" e "Rylojus", que ellas mantenham a ligação sómente por intermédio da secção comunista lituana em S. Paulo, porque aqui existem ainda muitos diversos malandros, que entobertos em comunismo podem fazer varias provocações.

—Em geral, nossa actividade augmentou-se. Agora recebemos 75 exs. de "Balsas" e 50 exs. de todos os livros comunistas editados em Tibór". — BALSAS, 30/IV/30, pag. 340.

Literatura Patrianovista

Veiga Dos Santos

I

PRECE DA EXPIAÇÃO

Dom Vital! de ante o throno soberano
onde, junto do Pae, impera o Christo,
roga por nós, Bispo e patriota insano,
que venceste a vileza de Mephisto.

Nest' hora em que se exalta a gente nova
pela volta da Pátria ao seu redil,
roga cesse o castigo, estanque a prova
que tortura o teu povo, o teu Brasil.

II

A DOM PEDRO-HENRIQUE

Não queremos aqui a mentira nefanda
do soberano vão, feitura dos partidos.
Deus nos deu nosso Rei que une, dirige e manda,
perpétuo defensor dos Brasileiros fidos.

Imperador serás da Raça formidanda
que se formou, de heróes nunca-jamais vencidos,
sob o escudo dos reis, sob a bandeira panda
da Cruz que está incrustada em nossos céus queridos.

Cesse, pois, o aleijão da doutrina francesa!
Surja da terra indiana a esplêndida belleza
da vera instituição tradicional, viril!

Tu livre Imperador, livres também seremos,
e, desfeita a illusão, brilhará como cremos
a verdade immortal do IMPE'RIO DO BRASIL.

PROPOSIÇÕES CONDEMNADAS POR PIO IX

A RESPEITO DO ENSINO

CONDEMNA-SE ESTA PROPOSIÇÃO:

"A optima organização da sociedade civil pede que as escolas populares, destinadas a todos os meninos de qualquer classe do povo, e em geral todas as instituições destinadas a promover a instrução da mocidade nas letras e nos estudos superiores, sejam isentas de toda a autoridade, direcção e ingerencia da Igreja, e que estejam sujeitas ao pleno arbitrio da autoridade civil, e se conformem com a vontade dos Imperantes e as opiniões communs do tempo". — Epist. ao Arceb. de Friburgo, *Quam non sine*, de 14 de julho de 1864.

CONDEMNA-SE ESTA PROPOSIÇÃO:

"Os cathólicos podem acceitar um systema de educação da mocidade que seja separado da fé cathólica e do poder da Igreja, e que unicamente, ou pelo menos primeiro que tudo, se dirija só á sciência das coisas naturaes, e aos fins da vida terrena e social". — Epist. ao Arceb. de Friburgo, *Quam non sine*, de 14 de julho de 1864.

*** São proposições condemnadas. Mas os liberalistas que se dizem cathólicos affirmam o contrario. E a covardia é tanta em nosso meio, que o erro corre qual verdade até entre os que deviam defendê-la intolerantes.

Um dos cuidados mais solícitos e urgentes dos paes, mestres, instructores, preceptores patrianovistas deve ser educar, instruir, formar os seus filhos e discipulos nesta doutrina da verdade nacional totalizadora do Brasil, unificadora e defensora da Nação, das consciências e dos *reales* interesses nacionaes. Conquistemos racionalmente os espiritos.

Os que nos defendem

Diz o sr. ABILIO DE CARVALHO:

A politica republicana perdeu a dignidade. Depois de ter implantado a indisciplina amesquinhando a representação nacional, espalhado a corrupção e delapidado o que nos deixou o imperio, destruiu até o patrimonio moral — a honra e o crédito nacionaes. Já estivemos na imminencia de cobrança á mão armada, como aconteceu á Venezuela na presidência do General Castro.

Um desses brasileiros que vão á Europa em serviço de propaganda dos nossos productos, estando na Belgica, recebeu dois cartões nos quaes os seus subscriptores, diziam ser portadores de títulos de um grande Estado do norte e ha annos não recebiam os respectivos juros; que esse Estado devia ser governado por ladrões!

Parece inutil a propaganda de um paiz sem conceito.

O homem que exercia o governo desse Estado, tão duramente julgado pelos seus credores, desculpou-se, dizendo que se não pagava os juros era por não saber a data do vencimento!

Nenhuma efficiência pôde ter o progresso material, se não é acompanhado pelo progresso moral.

Da falta deste, veio todo o malestar nacional. Somos quarenta milhões de descontentes, escreveu, ha pouco, um deputado da maioria.

... Na estação de Cruzeiro, encontraram-se um dia Quintino Bocayava e Garcia Stockler. Como alguns ociosos começassem a dar vivas aos dois republicanos historicos, o Patriarca da República disse ao seu companheiro: «Este povo é muito generoso e por isto esquece facilmente o mal que se lhe faz ou é inconsciente. Em vez de nos aplaudir, elle deveria nos estraçalhar». (grypho nosso).

(Correio da Manhã, Rio, 31-5-50, art. «República e Liberdade»).

Regimen de Salvação

Se se entender «forma de governo» em sentido superficial, a salvação do Brasil não depende de formas de governo; mas se se entender no sentido de regimen totalizador, como o patrianovista que attinge todos os problemas religiosos, moraes e politicos, A SALVAÇÃO DO BRASIL DEPENDE DE FORMA DE GOVERNO, porquanto ha differença essencial entre um regimen imperial christão, informado da philosophia perenne, e qualquer regimen liberal seja monárchico, seja republicano (e mormente este), que tem por principio a negação.

Os que nos defendem

Diz Dom Luis de Orleans-Bragança:

O Conselho d'Estado (*Supremo Conselho Imperial, segundo Pátria-Nova*), tão injustamente criticado outrora, deve ser restabelecido. O carácter vitalicio de seus membros, assegurando a permanência de representantes dos diversos partidos politicos (*da «produção» espirital e económica nacional, e não dos «partidos» — segundo Pátria-Nova*) constitue uma garantia da imparcialidade tão necessária; e as luzes ahí reunidas são para a coroa valioso auxilio na decisão das questões mais importantes, quer da politica internacional, quer de politica interior ou de administração.

Não é a Republica que é má, os

homens actuaes della é que são maus!

dizem alguns. Ingenuidade! Homens maus haverà sempre, em qualquer regimen. Mas a republica, regimen individualista de ambição de mando, e de todas as ambições, não coareta os maus, corrompe os bons, torna maus os soffriveis e, peor ainda, faz pessimos os maus.

Affirmação cathólica e imperial: Pátria-Nova! Negação athéa ultra-republicana: Bolchevismo!

OBRAS RECEBIDAS

Série JACKSON DE FIGUEIREDO

«Cartas de Jackson», «De Pio VI a Pio XI», «Tentativa de Itinerário», e «Freud» de Tristão de Athayde e «A Padroeira do Brasil», de Vilhena de Moraes. Ed. do Centro D. Vital, Rio.

Todo rejuvenescimento, toda transformação, para o ser realmente, deve partir de dentro, da essência, da substância, do que ha de profundo na natureza que se quer rejuvenescer «gloria ejus ab intus». Não no compreende a turbamulta dos contemporâneos que, em todos os campos, querem dê frutos paros a árvore podre.

Age contra esse espirito errado o Centro Dom Vital que, nos seus férteis annos de existência, por illuminada inspiração de Jackson de Figueiredo, e agora sob a direcção de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), vem modelando almas que produzem obras como as da «Collecção Eduardo Prado» e esses grandes livrinhos da «Série Jackson de Figueiredo» os quaes todos chamam os homens, os brasileiros, á realidade interior ou combatem as tendências ou doutrinas que aberram desse caminho.

As «Cartas» de Jackson photographam, apesar de poucas, aquella alma eleita, com as suas preocupações philosophicas, religiosas, moraes e politicas. Passa a nossos olhos a tortura do homem sério atravessando por uma sociedade em decadência e lutando por ella, pela sua salvação, procurando braços, elementos para a causa sagrada em que viu a salvação unica: «Mas Arnulfo, diz elle, as misérias que tenho visto são tão grandes, que se fez definitiva em mim a convicção de que só a misericordia divina poderá salvar o Brasil. E ella já se faz sentir». Leiam-se as «Cartas», estímulo da acção.

A «Tentativa de Itinerário» é a collecção de três profundos artigos em que Tristão de Athayde diz verdades necessárias que podemos resumir em três coisas essenciaes: a necessidade de tornar uma attitude espiritual em face da vida, o facto dessa attitude pela geração presente nacional, o como dessa attitude.

Em «de Pio VI a Pio XI» expõe o mesmo A., magistralmente, a história do papado e suas lutas dolorosas e gloriosas desde Pio VI até aos dias actuaes de soberbos triumphos alcançados sob o pontificado de Pio XI.

No «Freud» que, pela actualidade e importância da questão da psychanalyse «no nosso meio» mereceria uma relação mais pausada, faz o A. um paralelo entre «Freud» e Nietzsche, com indiscutível vantagem para o segundo apesar da forte evolução do freudismo, doutrina de negações que em curtos annos já tomou vários feitios. É um trabalho bem pensado, denunciando o valor de quem o produziu.

«A Padroeira do Brasil» — de E. Vilhena de Moraes — a ultima publicação da série Jackson de Figueiredo, é um relato syntetico, expressivo e documentado da devoção mariana no Brasil, neste precioso livrinho, depois de informar sobre os mais antigos templos brasileiros sob a invocação de Virgem Santissima e especialmente sobre N.ª, S.ª, da Aparecida actualmente padroeira do Brasil, diz-nos seu autor uma palavra sobre o Padroado da Conceição.

Historia-o, desde o acto com que D. João IV nos 25-III-1646 confirmou officialmente esse padroado declarado por D. Afonso Henriques, fundador da Nação Portuguesa, acto que foi perpetuado na Bahia, no frontespicio da casa dos governadores, em laminas de cobre. Fala sobre o juramento da Immaculada Conceição da Virgem Maria que na Universidade de Coimbra precedia a collação de gráu; sobre a criação da Ordem efilitas da Conceição, por previsão de D. João VI; esclareci a posição de D. Pedro I com relação ao Padroado da Conceição. Por fim fala pormenoriza claramente sobre a profunda devoção e illimitada confiança em N.ª, S.ª, demonstrada pelos nossos cabos de guerra, destacando Caxias e Inhauma na Campanha do Paraguay, e João Fernandes Vieira na guerra contra os Holandezes.

É um livrinho cuja leitura revive com emoção factos historicos que realçam como a Religião Catholica e a Devoção Mariana estão radicalmente ligadas á Nacionalidade Brasileira.

POLITICA, número especial, janeiro 1930. — Já falámos deste sympathico órgão da Junta Escolar de Lisboa do Integralismo Lusitano, em março. Não podemos, porém, deixar de falar deste livro que é o n.º especial dedicado á memória de António Sardinha, a cuja commemoração se associou Dom Duarte Nuno de Bragança, futuro rei de Portugal.

Só agora os patrianovistas paulistanos estão conhecendo de verdade a figura as-ombrosa de António Sardinha, e pesa-lhes o não tê-lo conhecido mais cedo. Dahi este n.º ser uma revelação. Sem que cogitássemos da coisa, integralismo é patrianovismo, e patrianovismo é integralismo: só que integralismo é patrianovismo português, e patrianovismo é integralismo brasileiro. Aliás o fundo da doutrina é commum; ambos são christãos integraes, e o fundo do patrianovismo é luso-brasileiro, forçosamente, porque luso-brasileira é nossa historia "real" até 1822 e o presente que é nós não pôde negar o passado que também é nós, sem embargo de toda a fantasia das sabenças modernas.

Não podemos, com tão pouco espaço, falar dos magnificos artigos que nos apresenta este fascículo de "Politica", assignados pela flor da cohorte monarchica integralista. Seja-nos licito entretanto assignalar uma estupenda coincidência dos inícios (se assim se pôde dizer) dos dois movimentos.

O sr. Luis de Almeida Braga, no artigo "Caridade de Pátria", entre outras identidades impressionantes, faz-nos saber, publicando uma carta de Sardinha a 10-1-1914, que um dos primeiros portavozes da monarchia orgânica lusitana foi a revista PATRIA NOVA. Leiamos as suas palavras ao sr. Braga: "Hoje que entramos a enquadrar-nos em hoste cerrada, a falta que tu nos fazes. Sabes que, propagandista do nosso integralismo, eu reaparecer a tua antiga PATRIA NOVA?"

Poderia qualquer um, com todas as apparencias de verdade, afirmar que o nosso movimento patrianovista (nascido da terra, da história, da vida nacional) foi cópia consciente da obra dos nossos irmãos de Portugal. Não nos desdouraria em nada, visto o fundo histórico commum das duas grandes Pátrias; mas seria verdade. Agora que estamos a conhecer a obra dos Integralistas que tiveram mais tempo que nós para revisar as falsidades que tanto mal vêm fazendo ao mundo, havemos de de lucrar muitíssimo com o que nelles ha de commum ás duas Nações irmãs e com o que possua carácter universal.

O que ninguem porá em dúvida é que António Sardinha, amigo do nosso Jackson e, por sua vez, Jackson de Portugal, nos ensina a todos. E, porque assim é, embora tarde porque em março não deu tempo, nós nos associamos ás homenagens prestadas ao excelso Integralista Português.

O CONGREGADO MARIANO, órgão da C. M. de S. João Baptista da Lagoa Rio. — Bem feita revista, portavoz do operoso grupo mariano carioca, O Congregado Mariano já se impôs pelo senso com que sabe satisfazer á exigencia intellectual mas, sobretudo, espiritual dos filhos de Maria. Tem sempre artigos variados, constituindo leitura amena e proveitosa. Leve mas substancioso.

ESBOÇO DE UMA INTRODUCCÃO Á ECONOMIA MODERNA, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), Ed. do Centro Dom Vital, Rio. — Honram-nos sobretudo o envio assim como a dedicatória com que o estrenuo combatente da Causa Santa, Tristão de Athayde, se dignou de distinguir Pátria-Nova. Tanto já se disse do valor de obra tão insigne, que não seria mister fazê-lo ainda aqui. Isso porém havia de ser fugir ao dever, á missão que temos. Daremos, pois, uma relação do maravilhoso esboço em número próximo.

VOZES DE PETROPOLIS, conhecida revista. N.º 12. Dirigida por Fr. Fernando Fiene, O. F. M., traz collaboração variada e seleccionada, deixando-nos a sua leitura óptima impressão, pela maneira segura e proficiente com que são tratados os assumptos. Vem neste número um interessante trabalho do patrianovista M. A. Cardoso de Miranda, sobre "A Imaginação". Neste artigo, o A., synthetizando a doutrina thomista do conhecimento sensível, estabelece a distincção entre o objecto da observação externa e interna nesse domínio. Pela primeira os sentidos revelam-nos as propriedades sensíveis dos corpos, recebem as impressões e pela segunda, pelos sentidos internos, percebemos as sensações. Estuda a seguir a imaginação, um dos componentes dos sentidos internos, mostrando que ella não é mais que um poder real de reprodu-

zir as imagens, que não tem órgãos. Esta doutrina de S. Thomaz é hoje-em-dia adoptada pelos mais modernos e melhores autores de psychologia experimental, entre outros por George Dwellshauvers. Assim diz este que "do ponto-de-vista cerebral não ha nem imagens, nem centro de imagens mentaes, mas unicamente synergias cellulares; e o que para a consciencia apparece como imagem, indica sempre a existência de uma unidade funcional, abraçando num mesmo conjuncto vários centros nervosos, afastados ás vezes um do outro" (Traité de Psychologie, Payot, Paris, p. 358). Trata ainda o sr. C. de Miranda da confusão que certos psychólogos modernos estabelecem entre representação e conceito entre o sensível e o intelligível, e estabelece a distincção clássica pelos seus respectivos objectos, collocando-os em seus domínios próprios. Versa em seguida o A. com segurança que denota vólido conhecimento da matéria a importante questão da *imaginação creatriz* do artista, do sábio, o que só se dá quando ha vontade e esforço para a consecução de um fim, differente da imaginação espontânea e natural. Como muito bem diz o A., "nas letras como nas artes, regida pela razão, concentra nosso espirito e fecunda o talento".

No meio doutros magistraes artigos, chama-nos especialmente a attenção "O reinado sangrento de Satan", de P. F., onde em narrativa impressionante e documentada se nos desenrolam aos olhos os quadros tétricos da Rússia *soviética* acerca da "educação" das pobres crianças. Sem lar, sem pão e sem agasalhos, milhões desses innocentes seres são atirados como rebotalhos sociaes, ás sargetas das ruas. Prêças de todas as sortes de vícios e de crimes, são perversamente deportadas para as regiões inhóspitas da Sibéria. Perversos e immornes, os homens do governo *soviético* desconhecem a verdade tradicional de que o Estado não pôde prescindir dessa célula social que é a familia e que a destruição da familia russa será para muito breve a destruição do próprio Estado russo.

DISCURSOS E CONFERENCIAS, Vicente Melillo. Typ. Santos, S. Paulo, 1930. O Dr. V. Melillo, aliando como sempre a graça de dizer á seriedade de ver, dá-nos em pequena brochura duas das múltiplas faces do seu temperamento: a de nacionalista cathólico e a de precioso cultivador do "humour". Esta face predomina nas conferências reunidas neste livro. Mas, para que a mais "necessária" não faltasse, logo abre com o trabalho de mestre "Anhanguera e suas entradas no sertão", em que, num estylo florido e firme, canta a epopéia da Religião e da Raça que fizeram o Brasil. O exemplo tocante que nos apresenta dos Anhangueras pae e filho, expondo "positivamente" e não vagamente o que fizeram, é desses estímulos fortes que deseja o patrianovismo que se proclamem a toda Nação, para assim, altivos, "prepararmos para essa nova monção, cheia de martyrios e de espinhos se quisermos a conquista do nosso futuro", conforme diz o A.

REVISTA DE ESTUDOS JURIDICOS — órgão do Centro Académico de Estudos Jurídicos. Rio de Janeiro. Esta revista alem de uma bem desenvolvida secção didáctica contem excellentes artigos de escriptores já consagrados e outros de académicos. Muito bem composta constitue trabalho invulgar nos nossos meios universitarios. Não só a feição material é boa; os trabalhos académicos demonstram alem disso que os seus autores são jovens de mentalidade séria e sã, amigos do trabalho e do estudo.

A lógica dos princípios republicanos trouxe-nos á obscura situação pro-bolchevista a que chegamos. E' preciso que á propaganda vermelha opponhamos intensa propaganda da organização integral do Império Patrianovista.

PATRIA-NOVA OU BOLCHEVISMO! ESCOLHA-SE.

Activa-se, cada vez mais, em nosso país, a propaganda e organização bolchevista.

A única acção intellectual e política contra-revolucionária e anti-bolchevista é a acção imperial patrianovista cuja doutrina é radical, afirmativa e categoricamente cathólica. Meditem nisto os que esperam tudo da democracia cujas consequencias se estão precipitando no Brasil, embora os cegos não o vejam.

A exposição feita sobre a "Organização do Trabalho no Interior do Brasil", de Helió Vianna, prova que o seu autor é sério observador das realidades nacionaes. Taes são porem a multiplicidade e complexidade dos phenomenos da vida de trabalho que se requer desde logo um principio unificador, para que o estudo não seja dispersivo. Continuando o autor porem seu trabalho de investigador, já fará obra de valor apreciavel que será ótimo material para um trabalho definitivo.

Patria-Nova se regosija com tão firme attestados das energias universitarias e faz votos para que a tenacidade de trabalho seja o penhor de larga messe, aos iniciadores de tão louvavel empreendimento.

A LEPRA NAS ARTES — O Dr. Heraclides Cesar de Sousa Araujo teve a gentileza de offerir-nos seu opusculo "*A lepra nas artes*", resumo de uma conferencia que realizou durante a Semana dos Lazaros. E' um generoso obolo em favor desses infelizes soffredores para os quaes tanto urge a caridade voltar-se Bello trabalho onde nos luz entrever o que de commovente a arte pode suscitar inspirada na dor dos lazaros. Gratos pela offerta.

REVISTA DA FACULDADE DE PHILOSOPHIA E LETRAS DE S. PAULO, N.º de Março — Revista semestral de estudos philosophicos que honra os meios intellectuaes e culturaes de S. Paulo, propagadora do thomismo entre nós, é o órgão official da Faculdade de Phil. e L., aggregada á Universidade de Lovaina, e mantida pela benemerência da O. Benedictina, sendo a única organização de estudos thomisticos entre nós.

De alta proficiencia social são em nosso meio os estudos de philosophia classica de que a revista é expoente significativo. Hoje, no Brasil, o thomismo é uma realidade incluível graças ao sarto renovador do pensamento universal pela neo-escolastica, movimento tão bem evidenciado nos estudos de Etienne Gilson e Parodi, pensadores modernos insuspeitos pelas suas origens, bem como pela propulsão que tem recebido pela dita Faculdade, verdadeiro foco da philosophia perenne. Assim, o presente n.º da revista offerece-nos uma collaboração fecunda que attesta á saciedade a actividade intellectual reinante em nossa Paulicéa e despertada pelo referido instituto. Recomendamos a leitura desta publicação aos que, estudiosos dos problemas do conhecimento, desejam por-se em contacto com o movimento do pensamento moderno neo-escolástico.

OUTRAS PUBLICAÇÕES. — Mercê da falta de espaço, fomos obrigados a supprimir, á ultima hora, a referéncia a livros e outras publicações que nos foram enviadas, o que será sanado com o nosso proximo numero de setembro que iniciará a 2.ª serie.

PATRIA-NOVA Com este numero completa-se o nosso 1.º volume. Os que desejam continuar recebendo são convidados a renovar a assignatura.

"A ORDEM"

Daquelles que trabalham no campo da cultura de renovação espirital, antiliberal, contra-revolucionária, merece especial sympathia de *Patria-Nova* "*A Ordem*", revista bimestral do *Centro D. Vital* (Rio, R. Rodrigo Silva, 7), na qual harmonicamente seemparelham a sciência e a consciencia. Ler "*A Ordem*" é, certamente, um dos meios mais seguros de apossar-se do espirito do patrianovismo. Recommendamcl-a a todos os verdadeiros patrianovistas.

A Conclusão Patrianovista

A PATRIA BRASILEIRA É UMA PATRIA IMPERIAL QUE NÃO PÔDE, DE MODO NENHUM, SER REPUBLICA: A REPUBLICA NÃO SO' NÃO PODERA' RESOLVER OS PROBLEMAS DA NACIONALIDADE E DO ESTADO, MAS TAMBEM É DISSOLVENTE, ANTINACIONAL, SEPARATISTA.

1953

PENSIONATO CATHOLICO

RUA EPITACIO PESSOA, 31 — SÃO PAULO

Serve bem e cobra modicamente

LEDE

“Os Nossos Mestres, Breviario da Contra-Revolução”, de F. Campos e “Esboço de uma Introdução á Economia Moderna”, de Tristão de Athayde.

LIVRARIA A. CAMPOS

Rua do Carmo, 18-A — SÃO PAULO